

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BRUNER TITONELLI NUNES

Os Trabalhadores da Política:  
uma *corrente* do PT de Niterói

Niterói  
2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

BRUNER TITONELLI NUNES

**OS TRABALHADORES DA POLÍTICA:  
uma *corrente* do PT de Niterói**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre

Orientação: Profº Drº Marcos Otávio Bezerra

Niterói  
2008

Banca Examinadora

---

Prof. Orientador - Dr<sup>o</sup>. Marcos Otávio Bezerra  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr<sup>o</sup>. Marcelo Rosa  
Universidade Nacional de Brasília

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Karina Kuschnir  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr<sup>o</sup>. Sidnei Peres  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr<sup>o</sup>. John Comerford  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais e meus irmãos pelos incentivos de todos esses anos.

A todos os amigos de minha turma do mestrado. Márcio, Felipe, Cláudio, Bonnie, Verlan, Leandro, Érica e Bia. Juntos demos passos importantes aprendendo os caminhos da antropologia. Em especial à Rafael, Heloísa, Fernanda e Monique. Esses dois anos não teriam sido os mesmos sem vocês.

A Érico, Eliane, Flávia, Ana, Mário, Cláudio, Luiz e Juliana pela amizade.

À Júlia em especial pelo apoio e carinho de uma amiga que se tornou companheira.

Agradeço ao meu orientador, Marcos Otávio, pela paciência e atenção nesses últimos anos.

À Capes pela concessão da bolsa de estudos.

E finalmente a todos aqueles que dedicaram parte de seus preciosos tempos durante meu trabalho de campo respondendo minhas perguntas e permitindo que eu compartilhasse suas experiências. Sou especialmente grato a Felipe, Cláudio, Sandro, Tônico, Vera, Eliane, Camila, Mateus, Leandro Carvalho, Vivian.

## Resumo

### Os Trabalhadores da política: uma *corrente* do PT de Niterói

A partir de um estudo etnográfico realizado junto a *lideranças* do Partido dos Trabalhadores (PT) da cidade de Niterói (RJ), o objetivo desse trabalho é entender a dinâmica das relações no interior de uma *corrente*, uma das formas pela qual as coletividades do partido se organizam. Concentro o trabalho em quatro *lideranças* pertencentes à *articulação*, uma *corrente* do partido. As diferentes formas de inserção em *movimentos sociais* e dentro do próprio partido proporcionam maneiras distintas quanto ao atuar político. Nessa relação, os *cargos comissionados*, a partir do modo como são feitas as suas distribuições e do tipo de atuação que permitem, são um dos elos que recebem destaque no texto.

Palavras-chave: trajetórias políticas; *lideranças*; atuação política; cargos comissionados

## Abstract

Workers of the politics: a stream inside the PT party in Niterói

This dissertation was developed from an ethnographic research made with leaders of the Partido dos Trabalhadores (Worker's Party), known as PT. The objective of this work is to understand the relations inside a “corrente” (stream), one of the forms through which the groups inside the party organise themselves. I focus my work on four “lideranças” (leaders) that belong to the “articulação” (articulation), a “corrente” inside the party. The different forms of insertion in the “movimentos sociais”(social movements) and inside the party itself create different ways of political performance. In this relation, the “cargos comissionados” (pointed officers), the way they are distributed and the kind of performance that they allow to do are important aspects of the analyses.

Key-words: political trajectories; leaders-political performance; appointed officers

## Sumário

Introdução.....	p.8
Capítulo I	
<i>As correntes</i> .....	p.15
- GEAC, Núcleo Zona Norte e Movimento Estudantil: os pilares de Leandro Carvalho.....	p.18
o GEAC e Núcleo Zona Norte.....	p.19
o Movimento Estudantil.....	p.24
- <i>A Articulação</i> com Leandro Carvalho.....	p.30
- <i>As correntes</i> do município.....	p.42
Capítulo II	
Formas diferentes de se militar.....	p.49
- Eleitoral.....	p.51
o Organização da campanha.....	p.51
o No comitê.....	p.53
o Atuação no bairro.....	p.55
- Pós-eleitoral.....	p.59
o As Secretarias e os cargos comissionados.....	p.59
o A redistribuição dos cargos comissionados.....	p.66
Capítulo III	
Um <i>racha</i> .....	p.77
- Os projetos de Tônico.....	p.79
- O III Congresso Nacional do PT.....	p.82
- Explicitações de descontentamento.....	p.91
- O prefeito e a lógica de distribuição dos <i>cargos comissionados</i> .....	p.95
- O <i>racha</i> .....	p.97
Considerações.....	p.101
Referências bibliográficas.....	p.104

## Introdução

### O trabalho de campo

Ao iniciar o mestrado meu objetivo era analisar as atividades de um dos atores fundamentais no período eleitoral que objetiva otimizar a busca de votos dos candidatos, os *cabos eleitorais*. Meu propósito era dar início ao estudo dos *cabos eleitorais*, uma vez que são de agentes políticos que têm recebido pouca atenção na análise das ciências sociais. Essa proposta de estudo dos cabos eleitorais surgiu como um desdobramento da pesquisa que desenvolvi na graduação, que tratou da trajetória de lideranças políticas em um município no interior do estado do Rio de Janeiro. Um fato significativo do percurso de uma dessas lideranças foi ter ingressado no mundo da política como um *cabo eleitoral*.

Os cabos eleitorais não são um grupo bem delimitado e suas atividades não denotam uma profissão e sim uma ocupação delimitada a esse momento da política. São caracterizados como tais tanto aqueles que exercem atividades que não precisam de nenhuma qualificação anterior, como segurar bandeiras e placas em locais de movimento (responsáveis por grande parte da mudança da paisagem na cidade), bem como outros que no período eleitoral mobilizam algum número de eleitores, através de relações constituídas previamente, em favor de algum candidato.

Foi ainda com esse intuito que em maio de 2006, pouco depois de ingressar no mestrado, tive a primeira conversa com Sandro<sup>1</sup>. Nesse momento ele era assessor no gabinete de Leandro Carvalho, um vereador em seu terceiro mandato e candidato a deputado estadual pela segunda vez. Sandro se formara à pouco, depois de oito anos, em Ciências Sociais na UFF, mesmo curso que fiz e na mesma universidade, porém, não o conheci durante os quatro anos de minha graduação. Foi meu orientador quem nos colocou em contato. Como esse era um ano eleitoral decidi travar os primeiros contatos antes que a campanha ganhasse as ruas. Eu ainda tinha dúvidas quanto a melhor forma de entender a dinâmica dessa atividade e seu papel na estrutura da campanha. Duas opções me pareceram mais viáveis: escolher um candidato e acompanhar seus *cabos eleitorais*, ou me dedicar a um bairro onde acompanharia a atividade de *cabos* de diferentes candidatos.

---

<sup>1</sup> Para proteção de meus interlocutores, os nomes são fictícios. Mantive apenas o nome de pessoas públicas, do prefeito da cidade durante meu trabalho de campo, Godofredo Pinto e do ex-prefeito reeleito em 2008 Jorge Roberto Silveira.

Na campanha que começaria daí a pouco Sandro seria o responsável pela distribuição do material eleitoral entre aqueles que davam apoio ao candidato no estado. Além disso, tinha uma função dentro do município, era um dos dois coordenadores da campanha na Zona Norte da cidade. Local de residência do então vereador e onde este conseguiu uma votação significativa nas eleições nas eleições municipais.

Marcamos de dar uma volta de carro na semana seguinte para que ele me apresentasse a região que coordenaria. Em cada local que passávamos ele me informava os locais de panfletagem e falava sobre os envolvidos na campanha. Ele os situava brevemente, principalmente quanto à sua atividade profissional ou ainda uma posição que considerava interessante ressaltar, como ser presidente de uma associação de moradores. Entre as atividades profissionais ele me informou que alguns eram *assessores*, e às vezes complementava que trabalhava no gabinete do referido candidato. Ao chegarmos em seu bairro, ele foi parado por um homem que imediatamente discutiu com ele sobre a Administração Regional. O homem seria nomeado administrador regional, mas tinha receios em aceitar o cargo sem que Sandro o auxiliasse no cumprimento das funções<sup>2</sup>. Em seguida fomos até uma escola estadual e lá ele procurou a diretora para perguntar sobre a “nomeação dela”. Não entrei em detalhes com Sandro e como ela se encontrava em uma reunião fomos embora.

Em conversa com meu orientador havíamos pensado em escolher um bairro nessa região, chamado Horto, por conta de atividades desenvolvidas por outros estudantes do grupo de pesquisa da qual faço parte<sup>3</sup>. A princípio Sandro não me levaria a esse bairro, mas fomos por minha insistência. Mais tarde percebi que nesta área da zona norte o trabalho de coordenação não se dava da mesma forma que outros bairros que circundam o comitê daquela região. Quanto à divisão do trabalho político, Sandro me apontou que algumas pessoas seriam referências no bairro. Ele lembrou de alguns nomes: a sogra de Leandro Carvalho desempenhou atividades no bairro durante as campanhas anteriores, mas nessa campanha se envolveu com atividades em outro local. Falou de forma hesitante sobre a participação na campanha do Pastor de uma igreja evangélica, mas por fim confirmou sua

---

<sup>2</sup> Mais à frente na introdução falo brevemente de meu contato com uma Administração Regional.

<sup>3</sup> Fronteiras e Transformações das Práticas Estatais e Políticas então coordenado pelos Professores Marcos Otávio Bezerra (PPGA/UFF) e Marcelo Rosa (PPGSD/UFF).

presença na campanha<sup>4</sup>. Ele ainda elencou mais dois nomes, Cláudio e Felipe, os dois que mais acompanhei<sup>5</sup>. Realizei uma primeira entrevista com ambos antes de iniciar efetivamente minhas observações. Felipe tinha no momento 28 anos, é proveniente do *movimento estudantil*, e filiado ao partido desde 1994. Estava há cerca de oito anos cursando Ciências Sociais. Cláudio tinha 32 anos, milita no *movimento comunitário* e entrou no partido em 2002. Encerrou os estudos ao concluir o segundo grau. Ambos nasceram no bairro e viveram boa parte de suas vidas nele.

O trabalho prosseguiu nos meses de setembro e outubro, primeiro e segundo turno das eleições presidenciais. Nesse período os *militantes* do partido exercem uma série de atividades em busca do voto dos eleitores. Durante o primeiro turno minha observação se concentrou na Zona Norte. No bairro referido acompanhei atividades durante a semana como uma panfletagem junto com Felipe e passei alguns dias junto daqueles que seguravam bandeiras e placas com nome, número e às vezes a foto do candidato<sup>6</sup>. No bairro vizinho acompanhei as reuniões semanais no comitê, que se situa em uma importante via de entrada na cidade. Nele os responsáveis pelos bairros dessa região discutiam os rumos da campanha.

Sandro e Vera eram os dois coordenadores do comitê e antes e durante o período eleitoral eram *assessores* no gabinete de Leandro Carvalho, então vereador. Vera está junto a Leandro Carvalho desde o início de sua trajetória política, como veremos no capítulo 1, e tinha nesse momento 47 anos. Ela se formou em letras, é funcionária concursada da UFF desde 1982 tendo atuado no sindicato e junto à direção. É mestre em Ciência Política na mesma instituição com um trabalho sobre o conselho tutelar em Niterói. Sandro desejava se candidatar a vereador com grandes chances de alcançar seu intento.

Quanto ao bairro escolhido, Horto, concentrei-me na rede mobilizada pelos integrantes da campanha de Leandro Carvalho, principalmente acompanhando Felipe e Cláudio. No desenrolar da pesquisa percebi a existência de outras variáveis além do recorte espacial. A posição dos dois em relação ao partido e a Leandro Carvalho passa por questões

---

<sup>4</sup> De fato, houve um conflito entre o Pastor e Leandro Carvalho durante a campanha e este escreveu uma carta apoiando também um outro candidato.

<sup>5</sup> No comitê de campanha havia um quadro em que estava escrito o nome das pessoas responsáveis por cada local. Em referência a uma parte do Horto havia o nome de uma pessoa que não encontrei durante a campanha. Descobri mais tarde ser o presidente de uma associação de moradores.

<sup>6</sup> Nessa eleição foi proibido o uso de galhardetes em postes, era obrigatório a presença de uma pessoa ao lado das placas com nome e número e às vezes foto do candidato(a).

que não se limitam ao bairro. De fato, um ponto importante para ambos coordenarem atividades da campanha no bairro, foi terem nascido e crescido no bairro e constituído nele relações de amizade e de vizinhança, que podem ser mobilizadas quando pedem voto para seu candidato.

Entretanto, ao acompanhar seus passos, percebi que atividades desenvolvidas em outros espaços eram significativas para entender as atribuições que lhes foram dadas. No caso de Cláudio o contato com várias associações de moradores no município e sua participação na diretoria da Famnit (Federação das Associações de Moradores de Niterói) e no de Felipe sua trajetória no *movimento estudantil* e inserção dentro do partido. Essa constatação mudou meu foco de análise, passei a dar mais atenção às relações mantidas no interior do partido.

Essa mudança no olhar me proporcionou uma visão diferenciada quanto ao papel de Cláudio e Felipe no bairro. Comecei a notar também conflitos a partir das reuniões do comitê. Na última reunião antes das eleições, presenciei uma discussão iniciada por Tônico e direcionada a Sandro, correspondente a diretrizes de atuação para a última semana de campanha. Tônico entrou no partido por volta de 2003, cerca de um ano depois de Cláudio, e é um militante proveniente do *movimento comunitário*. Por conta de afinidades quanto ao modo de atuar politicamente se aproximaram e passaram a trabalhar de forma conjunta. Ainda no primeiro turno Cláudio fez menção a divergências quanto ao modo de atuar dele e Tônico em relação a Sandro e Vera. Os primeiros se consideravam mais “práticos” e se contrapunham aos segundos considerando-os muito “ideológicos”. Essa diferenciação estava muito ligada às formas diferenciadas como concebiam o modo de realização da política. E nesse trabalho sugiro que essa visão está relacionada a seus respectivos processos de socialização na política.

Prossegui com o trabalho de campo no ano de 2007, quando acompanhei alguns eventos que os integrantes do partido participaram, sejam eles internos ao partido ou não. Primeiro acompanhei o congresso da Famnit, oportunidade em que foi eleita a nova diretoria da entidade, na segunda quinzena de janeiro. Em fins de março e até início de maio acompanhei atividades de Cláudio e Tônico junto às *comunidades*, em especial uma localizada no próprio Horto, onde aconteceu uma eleição para a associação de moradores. De junho até metade de julho acompanhei mais dois eventos. A eleição do conselho tutelar

e o III Congresso nacional do PT e ainda pude seguir alguns dos desdobramentos desse congresso nas duas semanas que se seguiram. Nos meses posteriores tive alguns contatos casuais com integrantes do partido e ainda pude presenciar mais um evento interno em dezembro, o Processo de Eleições Diretas (PED), quando grande parte dos filiados é mobilizada para votar em uma das diferentes chapas que se formam para a ocupação de cargos municipais, estaduais e nacionais. Por fim, retornei em abril de 2008 para a realização de algumas entrevistas, momento em que presenciei outro grande evento municipal interno ao partido, as prévias que decidiriam quem seria o próximo candidato a prefeito do partido.

#### As divisões internas ao partido

Uma primeira divisão entre os integrantes do partido se dá entre aqueles que participam efetivamente da vida partidária, os *militantes orgânicos*, e outros filiados que apenas votam nas eleições internas ao partido quando mobilizados por esses *militantes orgânicos*. Uma das formas pelas quais os *militantes orgânicos* do partido se agrupam é através das *correntes*. Elas são unidades de pertencimento e enquanto eu desenvolvia meu trabalho de campo comecei a perceber alguns momentos em que elas ganhavam uma maior consistência.

Cada uma das *correntes* do PT local possuem uma liderança principal como referência e tanto na última eleição municipal (2004), como nas de 2008, geralmente ele/ela se candidatou a vereador(a) com o apoio do restante do grupo. As *correntes* são responsáveis por uma parte importante das disputas intrapartidárias, o que não quer dizer que não existam disputas em seu interior, e que seus integrantes tomem decisões e atuem na política de forma conjunta. Durante as atividades de campanha, p. ex., seus membros se mantêm mais próximos; existem reuniões que decidem sobre suas respectivas estratégias onde somente os integrantes de cada *corrente* podem participar; durante uma eleição geralmente apóiam de forma conjunta um mesmo candidato. Ou seja, integrar uma *corrente* tem implicações diretas na forma como os *militantes orgânico* atuam dentro do partido.

A noção de facção, tal qual Nicholas (1977), Boissevain (1977), Palmeira e Heredia (1996) tratam do conceito, se mostrou produtiva para tratar das relações no interior das

*correntes*. O termo é geralmente empregado designando grupos muito diferentes que têm como característica comum estarem em conflito com outros grupos. Além disso, como lembra Nicholas (1977), é uma forma de pensar a relação entre líderes e seguidores, recrutados através de diversos princípios, em grupos não tão instituídos, diferente, p. ex., de clãs ou linhagens. Utilizando esse conceito de facção, meu objetivo nesse trabalho é entender a dinâmica interna à *corrente*, e para isso privilegio a forma como os seguidores interagem entre si.

Palmeira e Heredia (1996) entendem como “facções” agremiações em momentos de conflito e geralmente em torno de uma liderança. Fora dos momentos de disputa ela possui uma menor densidade e se resume à liderança e um núcleo principal de seguidores. Em estudo posterior, Heredia (2006) chama a atenção para as disputas no interior de uma “facção” tratando de seus especificidades. Dentro do partido as “facções” estão sempre mobilizadas, mas o objeto de disputa varia. A existência de conflitos dentro da *corrente* favorece a formação de “facções” em seu interior. Essas relações se modificam de acordo com uma temporalidade. Existem momentos de maior união, como a eleição de 2006 em que Leandro Carvalho concorreu como deputado estadual, e outros de maior conflito interno ao partido e às *correntes*, como nas eleições internas ao PT. Dessa forma, ao acompanhar diferentes atividades em que estavam presentes Cláudio, Tônico, Felipe e/ou Sandro, em alguns momentos a identidade comum de pertencimento à mesma *corrente*, a *Articulação*, era enfatizada, em outros não.

Leandro Carvalho é atualmente a principal liderança da *Articulação*. No primeiro capítulo restituo minimamente sua trajetória até o momento de ingresso nessa *corrente*, em 1999, trato também do Núcleo Zona Norte e do *movimento estudantil* dois dos principais pilares que o elegeram vereador. Prossigo descrevendo alguns marcos na reconfiguração das relações internas à corrente após a entrada de Leandro Carvalho, de modo a permitir a contextualização de seus atuais integrantes. Por fim, discuto, de forma geral, a partir da noção de “facção” a dinâmica das relações no interior das *correntes* e da forma como interagem entre si.

No capítulo II chamo a atenção para diferentes formas de militar dentro do partido, que remetem a uma divisão do trabalho político. As atuações de Felipe e Cláudio no bairro durante a campanha são significativas para se perceber a diferença entre os integrantes do partido que atuam ou não na tentativa de constituir uma *base eleitoral*, seja ela formada por

filiados ou não-filiados ao partido. A comparação com Sandro se dá a partir da posição diferenciada que assume dentro da *corrente* ao ser o líder de uma *facção* interna à *corrente*. A partir do momento que o PT assume a prefeitura tem a responsabilidade de organizar as políticas públicas municipais o que acontece por meio das secretarias municipais. Cada uma das secretarias e subsecretarias têm à sua disposição determinado número de *cargos comissionados*, ou seja, funções remuneradas assumidas a partir da nomeação do prefeito.

Por último, descrevo um processo de *racha* dentro da *articulação* finalizado às vésperas do PED. Um *racha* acontece quando um militante deixa de pertencer à facção que fazia parte. Trata-se de um processo sem um marco inicial, mas que em determinado momento é percebido claramente a partir da explicitação de insatisfações frente aos demais *companheiros*<sup>7</sup> de *corrente* e sobretudo à liderança de Leandro Carvalho. É um momento em que expectativas mútuas entre os integrantes da *corrente* são explicitadas.

---

<sup>7</sup> Essa é a forma de tratamento usual entre os petistas.

## Capítulo I – As *correntes*

O PT em Niterói contava no início de 2008 com cerca de 6000 filiados, mas a grande maioria não participa da vida cotidiana do partido, tocada pelos *militantes orgânicos*. Esses são aqueles que participam das reuniões do partido, participam dos congressos não apenas como eleitores, dedicam-se nas eleições gerais, são vistos freqüentemente na sede e uma parte significativa possui *cargos comissionados* na prefeitura. A maior parte dos filiados apenas é mobilizada por esses *militantes orgânicos* nos períodos de votação ou em algum outro momento que se ache necessário mobilizá-los. Uma parte desses *militantes orgânicos* pertence a uma das *correntes* do partido. O pertencimento a uma *corrente* é uma variável importante para entender a forma de interação entre os petistas. Para exemplificar essa importância da *corrente* remeto a uma situação etnográfica onde se observa essa interação.

A praça em frente a UFF é muito freqüentada por alguns petistas, em especial pelos provenientes do *movimento estudantil*. É significativo que nas últimas eleições um espaço na praça funcione como comitê de campanha da principal liderança de uma das *correntes*. Nessa mesma praça há um bar especialmente mais freqüentado, e onde me encontrei casualmente com Felipe algumas vezes durante o período de minha pesquisa. No período em que cursei minha graduação e o mestrado morei próximo à faculdade e conseqüentemente a essa praça. Esse fato aumentou a possibilidade desses encontros casuais e em uma dessas vezes aconteceu um fato exemplar da etiqueta que se espera na interação entre integrantes de diferentes *correntes*.

Eu fui assistir a um show nesse bar juntamente com uma amiga e me encontrei com Felipe e sua irmã. Sentamos em sua mesa. Sua irmã e minha amiga foram embora antes do fim da apresentação. Nesse intervalo vi dois integrantes de uma das *correntes* do partido passando perto de nós em diferentes momentos. Por fim, um deles perguntou a Felipe se poderia se sentar conosco. Felipe não fez objeção e questionou qual seria o problema, ao que o outro respondeu que poderíamos estar discutindo ‘alguma coisa sobre *corrente*’. Eu disse que não era filiado ao PT e comentei da pesquisa. Ele então me disse que sempre me via na sede do partido com a secretária, que é integrante da *Articulação*, e que no

Congresso<sup>8</sup> eu estava junto dos integrantes dessa *corrente*, então deduziu que eu era um de seus integrantes. Ele próprio considerou seu comentário uma gafe.

Para entender esse pedido de autorização é importante expor o que os petistas entendem por *reunião*, uma categoria muito utilizada por eles. Qualquer encontro entre duas pessoas ou mais discutindo determinado assunto pode ser considerado como uma *reunião*. Frequentemente é utilizado como desculpa para encerrar rapidamente uma ligação ao celular, p. e.x, e transmite a idéia de que a pessoa está ocupada no momento. O espaço onde é possível realizar uma *reunião* também é muito variável. A sede do partido localiza-se no centro da cidade em uma antiga casa de dois pavimentos modificada com a intenção de aproveitar o espaço da melhor maneira possível para realizar *reuniões*. No primeiro pavimento, além de uma recepção e cozinha, há uma área maior em que dois cômodos se transformaram em um, mas em forma de “L” e não um retângulo. Existem cadeiras voltadas para uma mesa no “vértice”. É o local onde acontecem reuniões um pouco maiores, como as do diretório municipal do partido, com cerca de 40 participantes. Para outras mais reservadas e menores, há no segundo pavimento um cômodo com uma grande mesa central onde é possível discutir sem a presença de integrantes de outras *correntes*. Se determinada *corrente* desejar realizar uma reunião um pouco maior pode marcá-la com antecedência fora do horário comercial, geralmente à noite. Dessa forma, somente os integrantes da *corrente* estarão presentes e o sigilo da discussão pode ser mantido.

O pedido de autorização foi feito pelo entendimento de que havia a possibilidade de eu e Felipe estarmos em uma *reunião* discutindo algo relacionada à “nossa” *corrente*, logo, um assunto sigiloso para aqueles que não compartilham desse mesmo pertencimento. Juntar-se a nós sem um pedido de autorização seria a quebra de uma das regras de convivência. A suposição refere-se ao fato de que uma mesa de bar é percebida tanto como um local de descontração, como um possível espaço de discussão. Se estivéssemos na sede do partido, na sala do segundo andar com as portas fechadas, certamente estaríamos em uma *reunião* e não seríamos interrompidos por integrantes de outra corrente.

Uma mesa de bar, ou a de um restaurante, pode ser também um espaço de socialização dos membros de determinada *corrente*, como o *companheiro* da “outra” *corrente* também referiu. A convivência entre os integrantes do partido é muito mais

---

<sup>8</sup> Ele se refere à etapa municipal do III Congresso Nacional do PT que analiso no capítulo III.

intensa entre os membros da mesma *corrente*. O fato de ter me visto em diferentes momentos junto a integrantes da *Articulação*, foi um dos fatores que o levou a crer que eu também pertencia a ela. Ele explicitou duas referências. A primeira foi minha proximidade com a secretária do partido<sup>9</sup>, com a qual espera-se que todos os integrantes possam manter contato mas aqueles mais próximos se aproximarão de uma forma mais íntima. A segunda foi exatamente um momento quando as *correntes* estavam claramente delimitadas e disputavam entre si quem conseguiria o maior número de delegados para a etapa estadual do III Congresso Nacional do PT, que analiso no terceiro capítulo. Nas adjacências do local de votação percebi a formação de alguns *grupinhos* de pessoas, cada um com membros de cada *corrente*. Nesse momento e espaço havia um grande cuidado com quem poderia ouvir o que se falava. Observei algumas conversas ao pé do ouvido entre integrantes da mesma *corrente* e uma situação marcante para mim aconteceu quando um membro de determinada *corrente* obrigatoriamente precisaria passar próximo a um *grupinho* de outra *corrente*. Enquanto andava na direção onde se encontravam, ele anunciou em um tom de voz alto que se aproximava e não queria ouvir o conteúdo de sua discussão.

O caso tratado até aqui se refere a um indivíduo do partido relacionando-se com uma possível dupla de integrantes de outra *corrente*. Como já apontei, durante meu trabalho de campo, acompanhei com mais atenção integrantes de uma das *correntes*, a *Articulação*, que atualmente é integrada sobretudo por pessoas sobre a liderança de Leandro Carvalho. Por conta disso, inicialmente me dedico à reconstituição de alguns dos principais marcos de formação da facção liderada por Leandro Carvalho que ao entrar na *corrente* em 1999 aumenta significativamente a influência da mesma dentro do município. Embora não seja exatamente uma “versão oficial”, posso afirmar que há uma preponderância de informações obtidas de maneira informal e também na forma de entrevistas junto a integrantes da própria *corrente*. Isso se justifica por ser essa primeira parte uma contextualização do processo de formação da facção de Leandro Carvalho facilitando o entendimento do faccionalismo no momento presente, meu principal objetivo. Apesar dessas limitações me

---

<sup>9</sup> Minha relação de pesquisa com essa petista foi facilitada por ela ser a ex-namorada de um amigo da faculdade que pertencia a um mesmo grupo de discussão (sobre democracia) que eu. Eu a conheci quando ainda namoravam, mas até então não tínhamos contatos freqüentes. No momento de minha pesquisa ela afirmou ter diminuído sensivelmente a participação em atividades da *corrente* e mesmo seu vínculo trabalhista com o partido diminuiu. No início de meu trabalho de campo ela trabalhava cinco dias na semana, ao fim apenas dois.

preocupei em não essencializar essas informações, seguindo as propostas metodológicas de análise de trajetórias, biografias e autobiografias de de Levi (1998), Bourdieu (1989), Elias (1994, 1995) e Lahire (2004) no trato de trajetórias.

Começo tratando da criação do Grupo de Estudos e Ação Comunitária (GEAC) e posterior formação do Núcleo Zona Norte, por um lado, e o *movimento estudantil*, por outro. Os acontecimentos que proporcionaram a entrada na *Articulação* e o ingresso do PT na prefeitura em 2002 são dois momentos centrais para o entendimento de modificações posteriores ao conjunto de pessoas que trabalhou na primeira campanha de Leandro Carvalho em 1996. Sandro e Cláudio entraram no partido nesses respectivos momentos e atualmente estão inseridos em diferentes facções dentro da *corrente* liderada por Leandro Carvalho. Dois movimentos sociais são importantes para a compreensão das relações dentro do partido e da própria *corrente*, o *movimento estudantil* e o *comunitário*. A entrada de ambos na *corrente*, e conseqüentemente no partido, em parte se refere à inserção em um ou nos dois *movimentos*. Por último, objetivando um melhor entendimento das relações entre os integrantes do PT no período de minha pesquisa, discuto a forma como as *correntes* se organizam.

### **GEAC, Núcleo Zona Norte e *Movimento Estudantil*: os pilares de Leandro Carvalho**

Em 1999, quando Leandro Carvalho se consolidava como uma das principais lideranças do PT na cidade, ele e sua facção ingressaram na *Articulação*. O ingresso na *corrente* aconteceu às vésperas do II Congresso Nacional do PT, no mesmo ano, e fez parte dos acordos para o fortalecimento da *corrente* nacionalmente, por um lado, e fortalecimento da facção liderada por Leandro Carvalho dentro do PT municipal, por outro. Esse fortalecimento era necessário por conta de um processo de racha ocorrido entre seus seguidores no ano anterior. Dentro do acordo Leandro Carvalho ocupou uma das vagas destinadas à *Articulação* no Diretório Nacional do partido formado no Processo de Eleições Diretas (PED) imediatamente posterior.

Os acontecimentos do ano de 2000 foram decisivos sobre os rumos do partido nos oito anos seguintes. Em um primeiro momento, Leandro Carvalho e o atual prefeito (Godofredo Pinto), foram aliados dentro do partido para aprovar o apoio a candidatura do

candidato do PDT, Jorge Roberto Silveira. Depois de aprovada a aliança, disputaram entre si quem seria o candidato a vice. E essa posição tinha um atrativo a mais, havia um acordo de que no meio do mandato, em 2002, Jorge Roberto Silveira concorreria na disputa ao governo do Estado. Então, esse vice seria a prefeito por dois anos e disputaria uma reeleição na condição de prefeito, com chances de vitória<sup>10</sup>.

Leandro Carvalho, então com 24 anos e tendo sido vereador por um mandato e secretário de assistência social, confiava em sua vitória. Um dos sinais era de que já conseguira em torno de sua possível candidatura uma série de pré-candidatos a vereador. Pelos relatos que ouvi de diferentes integrantes do partido na época votaram cerca de 600 pessoas e a disputa foi muito acirrada, terminado com uma diferença de três votos a favor de Godofredo Pinto<sup>11</sup>, que tomou posse como prefeito em 2002 e se reelegeu em 2006.

Até se consolidar como uma das principais lideranças dentro do PT municipal e pleitear a vaga de vice-prefeito em um chapa com grandes chances de vitória, Leandro Carvalho fez parte de um processo que durou cerca de uma década e, para os hoje seus seguidores, está intimamente relacionado à formação do Núcleo Zona Norte, que trato nas próximas páginas, e à organização do *movimento estudantil* na cidade, que falo em seguida.

### **GEAC e Núcleo Zona Norte**

Quando eu acompanhava a campanha eleitoral de 2006 em que Leandro Carvalho pleiteava uma vaga na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) uma *liderança* do partido me falou da importância do Núcleo Zona Norte na história do partido em Niterói<sup>12</sup>. Ela, sua irmã e Leandro Carvalho foram alguns de seus fundadores. Sua criação foi um ponto de inflexão na atuação do partido na cidade, mesma versão que ouvi

---

<sup>10</sup> Nas disputas eleitorais em que determinado candidato tem o apoio do prefeito, ou em que ele mesmo tenta a reeleição, os envolvidos na política dizem que ele tem a *máquina*, onde a *máquina* é a estrutura da prefeitura. Existem regulamentações do TSE no sentido de coibir as vantagens que determinado candidato possa obter por conta da associação de seu nome à administração da prefeitura. São proibidas as propagandas de governo que possam ser interpretadas como propagandas do candidato, assim como a realizações de novas obras na cidade por considerar que existiria um beneficiamento do candidato apoiado pelo prefeito. O fato da existência dessas regulamentações é um sinal de que a acusação de ‘uso da máquina’ em benefício de determinado candidato é passível de ser realizada.

<sup>11</sup> As versões tiveram algumas pequenas variações, um voto, dois, mas nunca com mais de ‘um punhado’ de votos.

<sup>12</sup> A integrante do partido a que me refiro é a liderança de uma das *correntes* municipais, não pertencendo, portanto, à Articulação.

mais tarde dos outros integrantes do partido que participaram desse processo e não ouvi nada de diferente disso entre os outros integrantes do partido. Segundo esse discurso, o PT antes disso teria uma inserção prioritária em segmentos da classe média, além de ser um partido com um número bem menor tanto de *militantes orgânicos* como de *filiados*.

A área reconhecida como Zona Norte em geral concentra uma população com menor poder aquisitivo em comparação com a reconhecida como Zona Sul. Porém, o bairro onde o núcleo foi fundado apresenta algumas singularidades em relação ao restante da Zona Norte. Ele possui uma centralidade entre os bairros e áreas consideradas como *favela* no seu entorno a partir da oferta de bens de serviços. É composto ainda por uma classe média.

O processo de criação do Núcleo Zona Norte data de alguns anos antes de sua primeira reunião, em 1995. As eleições acontecidas no ano de 1989 foram um catalizador no incentivo à organização popular em diferentes movimentos. A primeira eleição direta após o fim do regime militar era um grande evento. O PT começava a se firmar no cenário nacional e o atual presidente Lula se candidatara à presidência pela primeira vez. O partido abrigava sob sua sigla militantes de diferentes movimentos sociais. O Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) é um exemplo, algumas de suas lideranças nacionais eram também importantes quadros do PT.

Nesse mesmo ano foi organizado o GEAC (Grupo de Estudos e Ação comunitária). Uma outra militante do PT que participou do processo de criação do GEAC, Vera, me explicou que a princípio começaram como um grupo de estudo muito ligado à “Teologia da Libertação”. Esse foi um movimento criado por integrantes da Igreja Católica com inspiração marxista e que teve como um de seus principais militantes Leonardo Boff. O movimento promoveu o ensino da bíblia (‘a palavra de Deus’) baseado nos métodos do educador Paulo Freire, que buscava envolver os alunos a partir de situações e exemplos de sua própria vida. Isso é bem claro no nome dado ao método utilizado, intitulado: ‘ver, julgar e agir’. Em trabalho recente sobre a educação e formação política entre os militantes do MST, Frigo(2008), dedica um capítulo às cartilhas políticas construídas através do método ‘ver, julgar e agir’. Ele foi introduzido no Brasil na década de 50 por movimentos ligados à Igreja Católica e objetivava, além de ensinar a ler e escrever, instruir os alunos a julgar a realidade que estavam inseridos, geralmente de exclusão, e agir para superá-la<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>Para aprofundar na metodologia e sua relação com a “Teologia da Libertação”, consultar o trabalho do teólogo Clodovis Boff (1978). Ver também Faustino Teixeira (2006).

No início do GEAC Leandro Carvalho ia às reuniões acompanhando sua mãe e seu irmão mais velho, na época efetivos participantes do grupo. Era ainda muito novo, tinha 13 anos, mas certamente se apropriou dessa experiência, pois um pouco depois foi catequista<sup>14</sup> na mesma paróquia, ou seja, dava aulas sobre o que havia presenciado das discussões. Essa atividade é geralmente exercida por pessoas alguns anos mais velhas. Posteriormente ele foi coordenador do ‘grupo jovem’ da paróquia. Nome dado a grupos de adolescentes e jovens católicos que se reúnem, confraternizam e discutem sobre a ‘palavra de Deus’.

O GEAC surgiu nesse contexto favorável aos movimentos sociais a partir da mobilização inicial do pároco de uma igreja do referido bairro. A atividade estava ligada à forma de agir de parte da igreja católica considerada como progressista. Inicialmente começaram com um grupo de estudos que seguia a proposta dos ‘círculos bíblicos’, utilizando-se do método citado (ver, julgar e agir). A cada quinze dias liam uma passagem da bíblia previamente selecionada e discutiam sobre a ‘realidade’ mais próxima com a orientação do pároco, que coordenava a reunião.

As reuniões dos ‘círculos bíblicos’ não tinham mais do que quinze presentes e aconteciam em um salão da igreja. Um material era separado anteriormente. O coordenador escolhia uma passagem da bíblia, depois essa era datilografada, mimeografada e por fim entregue aos participantes. O texto era lido e posteriormente discutindo a partir das vivências dos integrantes. A atividade prosseguiu dessa forma até 1991, quando se encerrou o que foi considerado como o período de estudos, o processo de formação. O grupo se sentiu mais preparado para ampliar sua atuação e tornar-se um grupo de ‘ação comunitária’. Os fiéis que integravam esse primeiro grupo de estudos ficaram responsáveis por coordenar os ‘círculos bíblicos’ com integrantes das *comunidades* ao redor da paróquia. Dessa forma, o que primeiramente era um único ‘círculo bíblico’ resulta em alguns nessa segunda etapa.

O grupo foi responsável por organizar cursos como de formação de lideranças e organizar intervenções urbanas. O GEAC também organizava atividades de ação e intervenção, como passeatas e abaixo-assinados visando melhorias na infra-estrutura urbana em sua área de atuação. Seus integrantes tiveram participação direta em uma grande mobilização contra a privatização de um hospital público no bairro. Na ocasião, foram

---

<sup>14</sup> Existe na igreja católica um curso voltado geralmente para crianças por volta dos 10 anos de iniciação aos preceitos da religião.

realizadas reuniões com outros grupos de diferentes representatividade além da ocupação do local, permanecendo até que suas demandas fossem atendidas.

Segundo Vera, hoje militante do PT e participante desse processo, na prática o método funcionava como uma forma de inserir o cristão na política, embora ressalvasse que não poderia dizer que foi pensado com essa intenção. A partir do método aplicado não existia uma fronteira clara entre o que seria um trabalho religioso e político. Essa ligação foi um dos pontos levantados em uma discussão nacional que aconteceu, na Universidade Católica de Brasília (UCB) em meados da década de 80. Tal como aparece no relatório há indicações de questionamentos dessa imiscuidade, mas por fim ela é justificada. A igreja católica, na figura pública do papa, reprovava o comunismo e essa experiência recebeu acusações de ser deste tipo. Essa foi uma acusação colocada pela cúpula da igreja que culminou com a saída de Leonardo Boff da instituição, assim como o enfraquecimento do grupo que a conduzia.

Em novembro de 1994, após o grupo estar bem consolidado, e com a justificativa de um ‘ganho de dinamismo’, o GEAC se tornou uma entidade civil. Em uma outra direção, dividindo a parte política da ação, houve uma filiação de alguns participantes ao PT e logo em seguida fundaram o Núcleo Zona Norte. A data de fundação é oito de janeiro de 1995, cerca de cinco anos após o início das atividades do grupo que formou o GEAC e logo depois da passagem para entidade civil. A princípio nem todos os integrantes eram filiados, o que veio a acontecer alguns meses depois do início das atividades.

O Núcleo Zona Norte era formado principalmente pelos integrantes do GEAC e as atividades deste seguiam sendo desenvolvidas em paralelo. Assim se percebe a imiscuidade com que a atividade religiosa e política se desenvolvia no grupo àquele momento e o esforço no discurso dos militantes de separar essas duas esferas. Como Vera me disse e em um segundo momento outra integrante confirmou com as seguintes palavras: ‘Quando era reunião do GEAC o grupo se reunia na igreja, quando era reunião do núcleo nos encontrávamos na casa de um dos integrantes, tínhamos a preocupação em não misturar as duas atividades’.

Tive acesso à ata e ao caderno de presenças do Núcleo Zona Norte. As reuniões aconteciam no primeiro e segundo sábado do mês. De janeiro a novembro de 1995 as

reuniões tiveram regularidade, aconteceram 17<sup>15</sup>, sendo duas extraordinárias. Depois disso tiveram quatro no início de 1996 e depois se escassearam. Nas doze primeiras a ata foi feita, a décima terceira, que viria a ser a última do livro de atas, foi mais de um ano depois (02/11/1996) e em um momento importante para o grupo, o final do segundo turno em que Leandro Carvalho conseguiu uma votação suficiente para ser o primeiro suplente. Alguns meses depois ele foi empossado vereador, quando um dos eleitos tornou-se Secretário de Assistência Social.

A partir das descrições da ata é possível perceber o tom geral das discussões e um pouco do significado atribuído à formação do grupo. O grupo já havia participado conjuntamente na campanha do ano anterior (que se encerrou em outubro) nas candidaturas a deputado estadual e federal, sendo que um dos candidatos o então presidente municipal do partido, esteve presente nessa reunião de abertura e discursou sobre o significado do PT<sup>16</sup>. Como já apontei, a fundação foi feita com um discurso de inserção da zona norte dentro do PT, reconhecido por estes militantes como um partido predominantemente formado por pessoas de classe média. Além disso, tinha a intenção de realizar uma mobilização constante em contato com a população, criticando-se o fato dela ser restrita aos períodos eleitorais. Foram discutidas atividades de panfletagem permanente de um manifesto do Núcleo.

Naquele momento percebe-se que o ato de filiação ao PT era uma tarefa muito mais cuidadosa do que hoje. Vera comentou comigo sobre constrangimentos que passou a partir de perguntas que considerou invasivas sobre os motivos de seu interesse em filiar ao PT. Em seu início nem todos os integrantes do Núcleo Zona Norte eram filiados (dos 19 integrantes 4 não eram), porém, duas reuniões depois da fundação um dos pontos de pauta era justamente a discussão da ‘importância da filiação dos membros não filiados’, além disso, essas filiações teriam de ser aprovadas pela executiva do partido. Durante meu

---

<sup>15</sup> Por motivos que desconheço cinco delas não aconteceram.

<sup>16</sup> Há uma preocupação com o que chamam de *formação* dos novos filiados. Existem alguns elementos considerados como pertencentes a essa categoria. Em uma reunião com novos filiados, p. ex., falar sobre a trajetória do PT, sua origem nos movimentos operários, podendo também acrescentar de forma geral alguns conceitos marxistas como a *luta de classes*, é considerado como pertencente ao processo de *formação*. Ao acompanhar o caderno de presença percebi uma reunião intitulada ‘plenária de filiação’ e ao questionar o significado à militante que me passara o material ela me explicou da preocupação maior naquele momento (1996) com a *formação* dos filiados e acrescentou que nessas reuniões algum militante mais antigo falava do surgimento e significado do PT.

trabalho de campo não tive conhecimento de nenhuma reunião com esse objetivo, apesar do partido ter aumentado significativamente o número de filiados.

### ***Movimento estudantil***

Como adiantei, além do Núcleo Zona Norte, um outro pilar de sustentação da campanha de 1996, quando Leandro Carvalho se elegeu vereador pela primeira vez, foi o *movimento estudantil*. Como já disse, a década de 80 foi profícua quanto à mobilização dos movimentos sociais, que havia diminuído significativamente nos anos seguintes ao golpe militar de 1964. A União Nacional dos Estudantes (UNE) é exemplo de uma organização ativa durante os primeiros anos dos governos militares que teve integrantes perseguidos e obrigados a se exilar ou interromperem suas atividades políticas. A partir de metade da década de 80 e durante toda a de 90 a UNE voltou ao cenário político nacional e o ano de 1992 é considerado pelos seus integrantes como o auge da mobilização do *movimento estudantil* na história recente do país. Nesse momento a entidade encampou a campanha 'Fora Collor' que contribuiu para o desencadeamento do processo que culminou com o impedimento do ex-presidente Collor. Em Niterói não foi diferente, e nesse ano foram fundados inúmeros grêmios estudantis.

A eleição de 1996 foi importante por ser o momento em que definitivamente Leandro Carvalho se torna uma figura pública na cidade e também quando o *movimento estudantil* participa institucionalmente da política municipal. Travei contato com sete *correntes* no município e as principais lideranças de cinco delas iniciaram sua atuação na política através desse movimento e em diferentes *gerações*. Essa é uma forma de reconhecimento daqueles que militaram consigo em um mesmo período. As *gerações* são reconhecidas levando-se em conta tanto a idade como a série que estão na escola e como muitas vezes os mais engajados são das últimas séries dois anos podem ser suficientes para mudá-la

Essa relativa rapidez de duração de cada *geração* dá algumas especificidades a esse movimento, como a necessidade de uma mobilização constante, principalmente em função dos Congressos da UNES, que elegiam a diretoria da instituição para o mandato de um ano. As mobilizações começavam alguns meses antes dos três dias de encontro, os dirigentes

iam às escolas para conseguir delegados que futuramente votariam em suas respectivas chapas e propostas na plenária final do congresso.

Geralmente um dirigente da UNES ia à escola e realizava uma assembléia onde seriam eleitos os delegados para o Congresso. Como não eram muitos dirigentes priorizavam as maiores escolas, o número de delegados era proporcional à quantidade de alunos na escola, que proporcionavam um número maior de delegados. Nas escolas sem um grêmio estudantil, os dirigentes que chegassem primeiro, tendo a ata que comprovava sua eleição em assembléia, tinham um compromisso firmado com esses delegados, que votariam consigo no Congresso da UNES.

O Congresso acontecia sempre em um fim de semana. Na sexta-feira à noite era realizada uma cerimônia de abertura e durante o sábado e parte do domingo eram discutidas propostas para a atuação do *movimento estudantil* nos Grupos de Trabalho (GTs). Ao fim as propostas discutidas eram submetidas à votação, e também era escolhida a diretoria da entidade para o ano seguinte também através de votação. Entre os que participavam havia uma hierarquia clara e uma maioria era considerada como *base*. Alguém é *base* quando não tem grande autonomia e uma imagem muito associada é a de alguém que vai apenas para votar nos candidatos indicados por alguém.

Os congressos eram momentos de surgimento de novos militantes por conta do grande número de delegados mobilizados. Geralmente os novos militantes eram introduzidos no *movimento estudantil* por uma liderança desse movimento, possivelmente um dirigente da UNES. Dizia-se que o novo militante fora ‘descoberto’ pela liderança e a partir de então iniciava-se uma relação entre ambos semelhante a de um tutor, a liderança passava a ser responsável pelo novo militante. Havia uma ética entre as lideranças para que não o abordassem, o que nem sempre era cumprido à risca, assim como esse novo militante poderia autonomizar-se em relação àquele que o descobriu, o que também poderia ser motivo de conflito.

Um dirigente da UNES foi ao colégio onde Felipe estudava, na época com 12 anos e cursando a 6ª série para *tirar* delegados para o congresso<sup>17</sup>. Felipe conversou com ele, participou da assembléia que escolheu os delegados e em uma etapa posterior participou do

---

<sup>17</sup> Felipe começou os estudos em uma escola particular, mas em 1992, seu pai teve problemas financeiros e o transferiu para uma escola municipal em seu bairro próximo à sua residência onde estudou até a 8ª série.

congresso. Ele iniciou sua participação em um grupo chamado UJL (União, Juventude e Liberdade), mas afirmou que durante o congresso simpatizara mais com as propostas dos que integravam a chapa com integrantes do PT. Porém, como participava pela primeira vez não tinha muita autonomia e ficara receoso com o *compromisso* firmado anteriormente com o dirigente que o *descobriu*. Afinal, ele só estava no congresso como delegado por conta dele. A partir dessa experiência se sentiu motivado a participar da fundação do grêmio em sua escola e na gestão seguinte ele próprio foi o presidente. Depois de completar a antiga 8ª série foi estudar em um grande colégio no centro da cidade. A princípio desejava deixar de lado o ME e estudar para prestar o exame vestibular para medicina. Porém, em 1995, quando cursava o 2º ano foi convocado por uma liderança do *movimento estudantil* a retornar.

Nos períodos de troca de *gerações* era possível acontecerem refluxos e não uma renovação. Segundo Felipe isso aconteceu em Niterói no fim de 94 e início de 95. Algumas lideranças importantes saíram do cotidiano do *movimento estudantil* da cidade. A hoje principal liderança de uma das correntes do partido foi participar da gestão da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Leandro Carvalho e Carlos Mário um importante membro da *Articulação*, que fora presidente da UNES em 1992, nesse momento trabalhavam na ALERJ (Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) como assessores do gabinete de uma deputada do PT que possui sua principal *base eleitoral* em Niterói e teve em sua campanha a participação de estudantes secundaristas<sup>18</sup>. Outros deixaram a entidade por diferentes motivos, muitos teriam ido ‘cuidar de suas vidas’, como priorizar o prosseguimento dos estudos ou mesmo entrar no mercado de trabalho.

A militância no *movimento estudantil* exigia uma dedicação em tempo integral a suas atividades. Essa relação dos *militantes* como esse movimento pode ser pensada a partir da idéia de vocação. Bernard Pudal (2003) a partir de uma autobiografia de um militante comunista do Partido Comunista Francês (PCF) faz algumas considerações sobre a

---

<sup>18</sup> A escolha dos dois como assessores foi discutida em uma assembléia da UNES. Além do reconhecimento de ambos como lideranças do *movimento estudantil* pesava o fato de que já tinham filhos. Carlos Mário é de uma *geração* anterior a Leandro Carvalho e a indicação de seu nome foi compreendida como um *resgate* de um militante que no momento tinha um outro trabalho, fora ‘cuidar de sua vida’ depois de ter um filho. Tinha ainda a seu favor o fato de ter sido presidente da UNES durante o ano de maior mobilização do *movimento estudantil* na cidade. Leandro Carvalho também assumira uma posição semelhante dois anos depois, quando ao invés de presidente havia uma direção com três representantes. Ele acabava de terminar seu mandato e além de ser considerado uma liderança também já tinha seu primeiro filho.

“vocação” e mais especificamente sobre a “vocação comunista”. Ela deve ser pensada levando-se em conta uma tensão entre uma vocação interior e uma exterior, entre a história pessoal do indivíduo e a história da instituição no interior das quais os elementos caracterizados como vocação são reconhecidos. Fora dela esses elementos caracterizados como significativos da vocação poderiam não ter significado algum.

Essa vocação pressuporia uma dedicação desinteressada e sincera, um investimento total que perpassa por vários planos da vida do indivíduo em questão, além de um libido proporcionado pelo engajamento. Junto disso há a produção de um tipo de narrativa que enfatiza os momentos difíceis que seriam uma das formas de mostrar a dedicação a uma causa. O autor ainda fala sobre uma “endogamia partidária” e “companheiros nos quais se pode depositar toda confianç a”. Todos esses elementos citados aparecem, de alguma forma, no discurso de Felipe. Há a identificação de uma solidariedade entre os *militantes* e a presenç a de um *ethos* em que se valoriza os “princípios ideológicos”.

No ano de 1995 Felipe participou de uma importante gestão de um grêmio em uma das maiores escolas estaduais da cidade. Durante meu trabalho de campo eu já tomara conhecimento dessa gestão, bem como das duas subseqüentes por petistas que participaram de cada uma delas. Havia nelas uma concentração de militantes que prosseguiram na vida política e partidária e hoje são consideradas *lideranç as* dentro do PT, em diferentes *correntes* e alguns da própria *Articulação*. Uma das responsabilidades assumidas pelos integrantes dessa gestão foi de fundar grêmios em diferentes escolas, o que faziam a partir de metas estabelecidas entre eles próprios, além de organizar atividades de reivindicação como passeatas. Esse foi um importante foco de reestruturação do *movimento estudantil* naquele momento que se refletiu com a participação de alguns de seus integrantes na gestão da UNES subseqüente.

O ano seguinte foi significativo para os militantes dessa *geração*. Até 1995 eram todos simpatizantes do PT, mas não tinham relações com seus integrantes para além da juventude do partido, formado pela *geração* anterior de militantes do *movimento estudantil*. Ao se encaminharem para o fim do ensino médio encerrava-se uma fase e era um momento de decisão sobre o futuro próximo. Escolheriam sobre a continuidade na militância política com grandes chances de se tornar partidária, ou se simplesmente iriam ‘cuidar de suas vidas’. Felipe, p. ex., desejava se tornar médico, mas com ou sem consciência disso, essa

decisão ficava cada vez mais distante à medida que se dedicava com mais afinco à militância estudantil.

A responsabilidade que considerava ter na gestão do grêmio e posteriormente na direção da UNES, quando foi um dos coordenadores, era significativamente maior e de outra natureza do que sua primeira experiência na escola de seu bairro. A escola tinha muito mais alunos e uma posição central em relação às outras escolas públicas (estaduais e municipais). Isso lhe proporcionou a participação como um ator central em atribuições relacionadas à cidade como um todo, tais como fundar ou refundar grêmios e organizar passeatas de reivindicação juntamente outros grêmios da cidade.

Ser um dos coordenadores da gestão da UNES de 1996 foi a continuidade desse aumento de responsabilidade e a essa altura sua vida pessoal já estava completamente preenchida pelas atribuições do *movimento estudantil*. Esse ano ainda contou com outra variável incentivadora da filiação ao PT. Leandro Carvalho já uma liderança do *movimento estudantil* se candidatava ao cargo de vereador com chances de ser eleito. Era um momento onde os militantes daquela *geração* sentiam que o *movimento estudantil* poderia dar um passo adiante e eleger um representante na câmara de vereadores. Vários militantes dessa *geração* se filiaram em bloco, inclusive Felipe.

Naquele momento, o PT de Niterói possuía diferenças significativas em relação ao atual. Uma delas eram as *correntes*, não consolidadas nacionalmente e no município. Havia um número muito maior de *independentes*, como se denominam aqueles que não pertencem a uma *corrente*<sup>19</sup>. Quando questionei a Felipe quais eram as *correntes* ele começou a citar algumas apontando em cada uma quem eram as *lideranças*. Ao falar da quinta interpelei afirmando que não achava poucas ao que ele continuou:

“Mas cada corrente dessa tinha 3, 4 pessoas, era tudo muito pequeno. Uma convenção em Niterói reunia todos os filiados e juntava 300-400 pessoas. Antigamente se fazia convenção em Niterói com todos os filiados e cabia todo mundo. Normalmente na faculdade de educação na UFF. Elegia um diretório de 40 membros. Só o diretório era 10% do partido. Todas as lideranças eram do diretório”.

A partir desse momento em que os estudantes entram ‘na vida orgânica do partido’ o partido começa a crescer, mas, segundo Felipe, um aumento significativo de filiados ao partido só se iniciou nos anos posteriores e estava relacionado às disputas entre as facções

---

<sup>19</sup> Leandro Carvalho era um dos independentes.

internas ao partido. A separação que hoje faz sentido entre os filiados *orgânicos* e *não-orgânicos*, não era colocada àquele momento nos termos atuais. Ser filiado ao partido era praticamente sinônimo de ser um militante *orgânico*. Apesar de ser menor de 16 anos durante boa parte do período que militou no *movimento estudantil*, havia no estatuto do PT uma cláusula que permitia uma filiação interna ao partido a partir dos 14 anos e dava os mesmos direitos que os filiados maiores de idade<sup>20</sup>. Durante todo o período de militância no *movimento estudantil* até 1996 Felipe relatou em se filiar ao partido por considerar essa uma decisão muito séria que era tomada por ele como a definição de um tipo de vida daí em diante. Esses militantes foram responsáveis pela campanha de Leandro Carvalho principalmente na Zona Sul da cidade, que concentrava grande número de escolas particulares e públicas com grêmios mobilizados.

Assim, Leandro Carvalho conseguiu acumular alguns fatores que o favoreceram como candidato a vereador em 1996. O núcleo zona norte foi um dos pilares de sua candidatura. Foi juntamente com esse grupo que ele começou a discutir sobre política nas proximidades da paróquia que freqüentava. A área de influência dela era também a área de atuação do grupo, o que lhe possibilitou primeiramente uma *base* geográfica delimitada. Ao mesmo tempo, em 1995 ele fora um dos coordenadores gerais da UNES e conseguiu o apoio de um segmento expressivo dos estudantes em torno de seu nome. Esses tinham uma atuação em diferentes pontos da cidade, o que permitiu uma dispersão maior de seu voto.

Sua candidatura foi um processo conjunto, mas nas conversas com pessoas que participaram dos dois processos foram situações que teriam sido, em suas visões, cruciais para a escolha de Leandro Carvalho como candidato. No caso do Núcleo Zona Norte foi uma conversa entre dois integrantes, marido e mulher, fundadores do GEAC onde o marido lembrou que já haviam feito campanhas e que estava na hora de darem um passo a mais e lançarem um candidato. Considerou que Leandro Carvalho era um bom nome. No *movimento estudantil*, da mesma forma, Felipe tem a lembrança de que ao fim da gestão em

---

<sup>20</sup> Essa cláusula de filiação interna foi retirada do estatuto do PT no final da década de 90 após intervenção do TSE. Não sei dizer se havia efetivamente uma participação em condições iguais aos demais dos integrantes nessa situação.

que Leandro Carvalho era um dos coordenadores gerais ele saiu carregado nos braços de estudantes presentes que disseram que seria o candidato da juventude em 1996<sup>21</sup>.

### **A Articulação com Leandro Carvalho**

Em 2005, aconteceu um *racha* importante dentro do PT que resultou na formação de um novo partido de esquerda no Brasil, o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Do ponto de vista de seus militantes o partido teve sucesso eleitoral na eleição de 2006 na cidade do Rio de Janeiro e em Niterói, onde elegeu um deputado estadual. Atualmente, do total de vereadores de Niterói dois são do partido e um deles, Pedro Antônio, se candidata à prefeitura de Niterói pela segunda vez. A primeira foi em 1996, quando era presidente do PT e a principal liderança municipal do partido. Houve uma convenção municipal do partido nesse ano para deliberar sobre o posicionamento do mesmo em relação a essa campanha. Pedro Antônio defendia a candidatura própria, enquanto que outros setores do partido, como os que hoje integram a *Articulação*, defendiam uma aliança com o candidato do PDT, Jorge Roberto Silveira, que quatro anos antes terminara um mandato com bastante aceitação popular. A proposta de lançar um candidato sagrou-se vencedora e Pedro Antônio foi o concorrente, mas seu adversário do PDT ganhou a eleição no primeiro turno com cerca de 80% dos votos.

A partir de 97, integrantes de algumas *correntes* contrárias às propostas dessa liderança iniciaram um processo de *filiação em massa*, que incluiu os familiares e moradores da Zona Norte da cidade, em geral de *comunidades*. Na convenção deste ano foi aprovada a entrada do partido no governo do PDT e duas lideranças encabeçaram essa proposta, Leandro Carvalho e Godofredo Pinto, o atual prefeito. O partido elegeu dois vereadores nessa eleição e um deles foi chamado pelo prefeito eleito para ser o secretário de Integração e Cidadania<sup>22</sup>. Leandro Carvalho, até então suplente, assumiu o mandato de vereador e um ano mais tarde ele próprio assumiu o cargo de secretário com o desejo do

---

<sup>21</sup> Um terceiro suporte de sua campanha que me foi apontado por um petista que possui uma relação de parentesco distante foi justamente o tamanho de sua família. Leandro Carvalho tem 12 tios por parte de mãe. Esse petista comentou que os encontros de família eram grandes eventos. Geralmente se supõe que os votantes familiares votarão em um candidato que seja da família e também se espera um engajamento na campanha de vários familiares. Além desse leque de apoios que conseguiu é preciso levar em conta as habilidades que possuía.

<sup>22</sup> Essa secretaria englobava parte das responsabilidades da atual Secretaria de Assistência Social.

então secretário de retornar à Câmara. Godofredo Pinto assumiu a subsecretaria de Orçamento Participativo.

Esse aumento no número de filiados provocou uma mudança na correlação de forças dentro do PT, além do significado de ser ou não filiado. Felipe aponta esse fato como início da transição de um partido de *quadros*, que prioriza as lideranças, para um partido de *massas*, com um número maior de filiados. Essa oposição foi um ponto freqüente na pauta de discussão do partido durante a década de 80, momento de expansão do partido que até então tinha uma grande concentração no Estado de São Paulo<sup>23</sup>.

Um discurso relacionado a Leandro Carvalho que ouvi de alguns integrantes que hoje integram a *Articulação* é de que ele é um grande *articulador* e *aglutinador*. Isso significa que na *corrente* em que é a principal liderança, ele mantém integrantes de diferentes movimentos sociais, que entraram na corrente em momentos distintos e possuem formas diferentes de conceber a política. Ao contrário do que se poderia imaginar a partir do discurso de aglutinação, isso provoca uma heterogeneidade dentro da própria *corrente*, sendo freqüente as disputas internas<sup>24</sup> e sua formação atual é resultado de alguns embates.

Depois de assumir a Secretaria de Assistência Social, em 1998, Leandro Carvalho passa por sua primeira grande crise interna, aconteceu um *racha* entre seus seguidores que também refletiu no restante do partido. Não tenho dados suficientes para tratar desse processo, mas o fato é que Leandro Carvalho tinha a seu redor um grupo heterogêneo e em algum momento essas diferenças se acentuaram provocando um aumento das tensões internas. O grupo, então, se dividiu entre os militantes provenientes do *movimento estudantil* e os provenientes do Núcleo Zona Norte. Posteriormente, aconteceu uma nova divisão entre os integrantes desse segundo grupo.

Pouco depois, em 1999, a facção liderada por Leandro Carvalho formalizou a entrada em uma *corrente* nacionalmente instituída dentro do partido, a *Articulação*, uma das principais forças a integrar o *Campo Majoritário*<sup>25</sup>. Nesse ano, vários dos seus seguidores com trajetória no *movimento estudantil* participaram do Seminário Nacional da

---

<sup>23</sup> Para aprofundar no assunto consultar SADER (1986), MENEGUELLO (1989) e GADOTTI e PEREIRA (1989)

<sup>24</sup> Como o caso analisado no capítulo III.

<sup>25</sup> O *Campo Majoritário* engloba várias *forças políticas* e entre elas a *Articulação* é a maior corrente. Algumas das principais figuras públicas do partido, como o senador de São Paulo Eduardo Suplicy e o próprio presidente Lula integram o Campo Majoritário, mas não pertencem à *Articulação*. Discuto mais sobre essa noção de *Campo* ao fim do capítulo.

Juventude do Campo Majoritário, quando foi oficializado o ingresso. Isso aconteceu um pouco antes do II Congresso Nacional do PT, (tive a oportunidade de acompanhar parte do III Congresso, que aconteceu no ano de 2007). Nesses Congressos são discutidas e votadas teses a respeito do futuro do partido, suas principais diretrizes nos anos subsequentes. Eles acontecem quando se crê que há a necessidade de discutir os rumos do partido e não em anos pré-determinados, com a ressalva de que não podem se realizar em anos eleitorais. Como o primeiro foi realizado em 1988, a regularidade foi uma vez em cada década. Após o PED subsequente ao II Congresso tornou um membro da executiva nacional do partido em metade da gestão, que significa o reconhecimento como uma liderança do partido e das boas relações com alguns dos principais dirigentes do PT<sup>26</sup>.

Para falar da formação atual da *Articulação* escolhi apresentar brevemente as trajetórias de mais dois integrantes da corrente. Primeiramente falo de Sandro e (dois de seus seguidores) e depois de Cláudio. Juntamente com Felipe, os três são representativos das divisões internas, existentes durante meu trabalho de campo, da *corrente* liderada por Leandro Carvalho.

O momento posterior ao *racha* de 1998 foi de renovação dessa parte da *corrente* que saíra, um momento de reconfiguração das relações no interior da mesma é significativo para entender a formação atual da *Articulação*. Foi um pouco depois disso (já em 1999) que Sandro ingressou no grupo. Hoje ele é a liderança de uma facção dentro da *corrente* que dá passos na direção de uma certa autonomização perante Leandro Carvalho, sem, no entanto, perder seu vínculo ou abalar a liderança desse frente à *corrente*. Dentre seus principais seguidores dois militavam no partido antes dele e os três começaram a atuar juntos dentro da *corrente* e do partido. Mateus era filiado ao PT desde 1988, mas militava no município vizinho, São Gonçalo, onde nascera. Morava próximo à paróquia onde surgiu o GEAC e em determinado momento participou desse grupo, tinha, portanto, aproximação com o *movimento comunitário*, mas nunca frequentou as reuniões do Núcleo Zona Norte. Veio militar em Niterói a convite de Leandro Carvalho, nesse período de reestruturação da facção, pouco antes do ingresso na *Articulação*. Mateus trabalhava na área de informática e

---

<sup>26</sup> Como Leandro Carvalho possuía grande expectativa em ser o vice de Jorge Roberto Silveira na aliança PT-PDT para a eleição municipal de 2000 e considerou que simbolicamente demonstraria um reconhecimento maior dentro do partido. O período de permanência na gestão, metade, se relacionou às disputas internas à *Articulação* nacionalmente e a outra metade da gestão foi exercida por uma liderança do nordeste

recusou uma proposta financeiramente mais vantajosa por conta da ‘oportunidade’ que Leandro Carvalho lhe oferecera de trabalhar dedicando-se integralmente à atividade política. O segundo era proveniente do *movimento estudantil* e já era a esse momento um dos seguidores de Leandro Carvalho. Ele se chamava Lucas e estudou na mesma escola que Felipe, tendo participado da gestão do grêmio imediatamente posterior. Mais tarde integrou a UNES e nesse momento, 1998, era um dos dois coordenadores de juventude, cargo comissionado atrelado à secretaria de Integração e Cidadania e responsável por gerir políticas públicas direcionadas a essa faixa etária.

Nessa eleição municipal de 2008 Sandro candidatou-se pela primeira vez a vereador, foram cerca de 9 anos de sua entrada no partido e duas pré-candidaturas retiradas em função de insucessos de Leandro Carvalho. Sua entrada na *Articulação* aconteceu por intermédio de Vera. Em 1998 ela realizava sua pesquisa de mestrado em Ciência Política sobre os conselhos tutelares na cidade e um dos locais de seu trabalho de campo era na paróquia próximo à sua residência e onde havia participado da criação do GEAC anos antes. Sandro era tutor de um programa federal de formação e certificação de primeiro grau a jovens e seu papel era colocar programas gravados com o conteúdo, Telecurso 2000<sup>27</sup>, e depois tirar as dúvidas dos alunos.

Nesse momento Sandro era um dos integrantes da associação de moradores de seu bairro e foi através dela que tomou conhecimento da seleção a ser feita para esse programa, ele tentara sem sucesso inscrever sua associação de moradores no mesmo. Depois de determinado tempo dando aulas foi observado por Vera que reconheceu nele um potencial para a atuação política. Ele começou a receber *cantadas* de filiados ao PT e simpatizantes que participavam do cotidiano da paróquia, inclusive de Vera. *Cantada* é o modo como petistas chamam as propostas tanto de ingresso no partido, bem como de troca de *correntes*, que podem ser feitas de uma maneira aparentemente casual, em uma conversa informal, ou mesmo em uma situação previamente combinada para isso.

As habilidades de Sandro para a atuação política, reconhecidas por Vera, foram desenvolvidas a partir de sua atuação tanto no *movimento estudantil*, como no *movimento comunitário*. Vou prosseguir expondo brevemente sua participação nesses *movimentos* antes de falar de sua entrada no partido. Em 1992, por volta de seis anos antes, Sandro

---

<sup>27</sup> Programa feito em parceria com a Fundação Roberto Marinho

atuara no *movimento estudantil* justamente no ano de maior mobilização na cidade. Uma prática comum às entidades que militavam no *movimento estudantil* era a de deslocar *militantes* para determinadas escolas consideradas como estratégicas, como era o caso de sua escola. Foi o que aconteceu com uma *militante* da União da Juventude Socialista (UJS), uma entidade ligada ao PCdoB que atua nacionalmente no *movimento estudantil*. Ela chegou no colégio para montar uma chapa e concorrer ao grêmio, que no momento era coordenado por *militantes* do PT.

Sandro começou a observar sua performance 'agitando tudo', ou seja, tomando à frente de atividades na escola. A gestão do grêmio acabara de começar e a eleição aconteceria apenas no ano seguinte. Ele se aproximou dela, foram se tornando amigos e começaram a organizar conjuntamente atividades na escola que inicialmente seriam atribuídas aos integrantes do grêmio. Assim, ele afirma que se tornaram 'lideranças na escola' e que conduziram o processo do 'Fora Collor'<sup>28</sup>.

A experiência de participação em sua escola possibilitou uma socialização com as práticas do *movimento estudantil*, além de ter travado contato com outros *militantes* que atuavam no município como um todo. O que aconteceu a partir de passeatas e eventos ocorridos principalmente no decorrer de 1992. Porém, esse acúmulo de atividades desempenhadas não significou sua ida para a gestão da UNES, o que poderia ser encarado com o passo seguinte na trajetória de um *militante* com certo destaque em uma escola com grande número de estudantes, tal qual o caso de Felipe<sup>29</sup>.

Durante sua experiência, não se filiou a nenhum dos grupos com maior atuação no *movimento estudantil* em Niterói, principalmente o PT, o PCdoB (através da UJS) ou a UJL. Na época Sandro tentou uma aproximação com *militantes* jovens do PDT, partido com o qual se identificava. Conseguiu do vereador de seu bairro a promessa de apresentá-lo, o que não foi concretizado. O PDT não possuía uma juventude militante organizada como as três entidades citadas, mas mesmo assim Sandro disse que poderia ter sido

---

<sup>28</sup> Assim Sandro falou dessa experiência "A gente não era do grêmio, mas era como se fossemos. A gente organizava tudo. Torneio, mutirão, vassoura que faltava. (...) Muita gente acha que eu fui presidente do grêmio do Aurelino. Eu fui presidente do grêmio. Tudo que ele tem que fazer eu fiz. *O que um presidente de grêmio fazia?* Liderar os estudantes, fazer a articulação com os professores, com os funcionários. Chegava mais cedo para organizar a passeata, a reunião. Não tinha celular na época, podia usar o telefone da escola, mas nunca fui muito abusado, usar a xerox...".

<sup>29</sup> Sandro tem uma justificativa de ordem pessoal para sua não participação na UNES. O pai de sua então namorada, que futuramente se tornou sua esposa, regrou o encontro dos dois aos fins de semana, quando aconteciam os encontros da entidade.

apresentado a algumas pessoas. O PCdoB seria outra opção por conta da aproximação com sua amiga. Sandro diz que por conta de sua formação católica a filiação a um partido comunista o incomodaria bastante<sup>30</sup>, ressaltando que à época não percebera que o partido seria formado pelas pessoas que o integravam. O PT também não era uma opção. Considerava o partido muito 'radical', 'sectário', não promovendo um debate aglutinador.

Dois anos depois (1994) participou pela primeira vez de uma chapa que concorria à associação de moradores em seu bairro, mas foram derrotados. Iniciou o curso de ciências sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF) e começou a trabalhar em uma copiadora. No segundo ano de mandato aconteceram as eleições para os cargos proporcionais e majoritários federais e estaduais. Os integrantes da associação escolheram candidatos diferentes para apoiarem, todos sem objeções do vereador local, que controlava a associação<sup>31</sup>. Para se dedicar à campanha Sandro entrou em acordo com seu chefe na xerox, foi despedido e com o dinheiro do seguro desemprego se dedicou integralmente à campanha de um candidato a deputado estadual que conheceu através da associação de moradores. Sua expectativa era que se seu candidato fosse eleito conseguiria trabalhar como assessor em seu gabinete.

A partir da dedicação à campanha de seu candidato e da disponibilidade de tempo Sandro travou contato com integrantes do PDT tanto de Niterói, como de São Gonçalo como 'O assessor do candidato. Não era grandes coisas, mas tava ali. Entrava com o deputado no almoço'<sup>32</sup>. Sandro ocupava uma posição de organização na campanha e começava a construir uma *base eleitoral* em seu bairro a partir de sua posição e desempenho frente à associação de moradores bem como da dedicação na campanha de seu candidato. Começou a constituir laços dentro do partido, mas seu candidato perdeu a eleição<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Como uma grande instituição a igreja católica possui diferentes facções e a partir dessa declaração é possível perceber uma diferença frente aos adeptos da chamada teologia da libertação, como foi tratado no primeiro tópico desse capítulo.

<sup>31</sup> Sandro me explicou que a escolha dos integrantes foi feita na residência do vereador e ele escolheu entre os presentes quais funções cada um desempenharia.

<sup>32</sup> Sandro afirma ainda, que a proximidade que ia constituindo com o candidato gerava 'ciúmes' nos outros integrantes da associação de moradores, bem como do próprio vereador.

<sup>33</sup> Antes de se engajar nessa campanha Sandro possuía uma forte identidade com o PDT a partir da admiração de suas principais figuras públicas, como o ex-governador Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, principalmente por conta dos CIEPs, política pública educacional considerada a marca de Brizola. Com o contato cotidiano com integrantes do PDT começou a se desiludir com o mesmo por não ser como ele acreditava.

Foi exatamente no final desse período em que atuava na campanha que Sandro ingressou no programa de tutoria e foram as habilidades constituídas a partir dessas experiências que Vera reconheceu. Ela, então, o convidou para participar do ‘Festival Nacional de Juventude’ que aconteceria em Brasília, em que seria o responsável pelos alunos de sua turma. A viagem aconteceria em um ônibus cedido pela prefeitura para participação no encontro<sup>34</sup>. Essa tarefa foi tida como um grande teste para Sandro, foi assim que Vera tratou em uma conversa durante a campanha de 2006 sobre Sandro, quando acrescentou que ela o ‘trouxo’ para o PT, informação confirmada por ele.

Sandro retomou contatos estabelecidos em seu período de *militância estudantil* nas reuniões que decidiriam sobre a viagem. Eram três ônibus de Niterói, havendo outros coordenadores. Ao retornar começou a participar do fórum de juventude de Niterói e um dos coordenadores, Lucas o integrante que estudou na mesma escola que Felipe, também participante do fórum, aos poucos se torna um amigo.

Pouco tempo depois aconteceu uma eleição para o conselho tutelar na cidade e Vera chamou Sandro para ajuda-la na eleição apoiando uma irmã da referida paróquia. Sandro a conhecia, conversavam diariamente ‘sobre política’ alguns minutos antes de entrar em sala de aula. Vera também o incentivou a participar de outro projeto do governo federal, o Comunidade Solidária. A entrada no partido não aconteceu de forma imediata, demorou alguns meses, período precedido pela aproximação de seus integrantes.

Em 2002 o PT assumiu a prefeitura e esse fato funcionou como um novo momento de filiações. Se em 1996 aconteceu uma entrada maciça de integrantes do *movimento estudantil*, nesse período, o movimento social mais significativo a ingressar no partido foi o comunitário. Cláudio foi um desses. No início de meu trabalho de campo, em 2006, ele tinha 30 anos e estava a 4 filiado ao PT. Como muitos de sua idade, também teve uma participação no *movimento estudantil*, mas foi através do *comunitário*, inicialmente muito ligado a seu bairro, que construiu sua principal rede de relações na política. Cláudio é temporão e possui dois irmãos. Seu irmão mais velho foi um dos maiores incentivadores

---

<sup>34</sup> Assim Sandro descreveu seus alunos: ‘Uns tão presos, outros morreram. Um pessoal ali da... (favela localizada próximo à paróquia). Bacanas pra caramba. Reféns do tráfico, uma escolaridade completamente torta, fruto de uma desigualdade social’ e prossegue falando sobre a viagem: ‘E eu tinha mal conhecido a turma. Foi um marco na minha relação com eles. Creio eu que depois daquilo eles não saíram mais do rio de janeiro. Leandro (Carvalho) era o secretário e procurou incluir a zona norte com a zona sul. Havia um conflito de classe no ônibus. O da zona norte que fumasse maconha era traficante, na zona sul era usuário’.

em sua entrada na política. Em 1986 ele entrou no PMDB e em 1988 tinha atuação na área de juventude do partido. Foi candidato a vereador nesse ano e Cláudio, com 13 anos, lembra de alguns esforços que fez durante a campanha de seu irmão. Teve cerca de 700 votos e decidiu não prosseguir na política<sup>35</sup>. Quanto aos anos seguintes lembra de ter participado da campanha de um candidato a deputado estadual e do 'Fora Collor' em 1992, embora eu não saiba seu grau de dedicação nesse momento.

Nasceu no Horto, como Felipe, e se mudou para um bairro próximo ainda criança, onde permaneceu até os 14 anos, quando regressou ao seu bairro de origem. O bairro que se mudou é o mesmo onde se localiza a paróquia onde surgiu o GEAC. Cláudio enfatiza sua formação católica e a participação em grupos jovens e pastorais nessa igreja. Na primeira conversa que tive com Cláudio ele me disse que era parente de Leandro Carvalho<sup>36</sup>. Nesse período de sua vida moraram próximos e tiveram contato nas festas de família, que por ser grande no lado materno, são 14 irmãos, eram grandes eventos. Em outro momento, explicou de forma diferente seu grau de parentesco relativizando-o e negando o parentesco em função da distância. Um tio seu é casado com uma das tias de Leandro Carvalho.

O ano de 2000 foi marcante. Seu irmão decidira se candidatar novamente e Cláudio dedicou-se com afinco à campanha. Afirma que pensaram em lançar a candidatura pelo PT, por conta de uma prima filiada ao partido, mas, por fim, decidiram pelo PRONA e o critério de escolha foi a chance maior de se eleger nele. Segundo Cláudio havia a expectativa de que uma série de candidatos do partido tivessem uma votação regular, sendo assim, a legenda poderia eleger um ou dois candidatos com uma votação não muito alta (se comparada aos outros vereadores eleitos). Confirmou o acerto de sua estratégia apontando os candidatos e suas respectivas votações. O primeiro colocado da legenda teria conseguido cerca de 1100 votos, o segundo cerca de 800 e os três seguintes, incluindo seu irmão, cerca de 700. A legenda conseguiu eleger apenas um candidato, mas ele afirma que com cerca de 300 votos a mais conseguiriam mais um representante. Reproduzo essa sua história para enfatizar os critérios levados em conta na escolha do partido não partem de uma identidade

---

<sup>35</sup> A justificativa de Cláudio foi de que seu irmão, depois de juntar certa quantia de dinheiro e ficara na dúvida se comprava um bar e abria um negócio ou se candidatava novamente. Decidiu-se pela primeira opção.

<sup>36</sup> Os dois participaram de grupos jovens na mesma paróquia, mas como Cláudio é cerca de três anos mais velhos que Leandro Carvalho o fizeram em períodos distintos.

construída com o mesmo e sim por condições práticas de obtenção de sucesso na eleição, diferente, portanto, dos caminhos que levaram Felipe ao PT e Sandro inicialmente ao PDT e posteriormente ao PT.

Os comentários e críticas ao partido seguem o mesmo raciocínio. Falou dessa campanha ressaltando ‘dificuldades’ que relacionou às formas de obtenção de recursos a amigos e familiares através de almoços com angus à baiana. Quanto ao partido, não teria dado a contrapartida necessária, apenas santinhos (‘não deu placas’), apesar de terem vendido cerca de 50 agendas com preço acima do normal e enviarem o dinheiro ao partido. Um deputado estadual ficara de colaborar com a campanha e não o fez. Seu irmão, durante o período eleitoral, dera algumas bolsas de estudos para estudar no colégio que trabalhava a alunos com bom desempenho em esportes. Cláudio, por sua vez, trabalhou como ‘mata-mosquito’ na campanha da dengue, quando ia nas casas dos moradores do bairro aplicar o produto de combate ao mosquito transmissor da doença. Aproveitava a oportunidade para pedir votos.

Esse processo eleitoral proporcionou novas oportunidades a Cláudio. Para muitos dos *militantes orgânicos* do PT que conversei há uma relação quase que direta entre os *cargos comissionados* que determinado político possui e uma dedicação em sua campanha dessas pessoas que os ocupam. Dessa forma, durante a campanha de seu irmão travou contato com pessoas que trabalhavam na prefeitura e foi ‘fazendo amizades’. Panfletavam juntos, colocavam placas: ‘Ah, sou parente de fulano, trabalho na campanha...’. Depois disso, através dessas pessoas, foi adquirindo um conhecimento dos trâmites na prefeitura para retirada de documentos que dão acessos a benefícios, como carteira de deficiente e de passe-livre estudantil. Sabia o ‘caminho das pedras’ e era procurado por alguns para resolução desses problemas que, por sua vez, indicavam a outros ‘fala com Cláudio que ele consegue’. Cláudio as classifica como ‘pessoas simples’ que desconheciam seus ‘direitos’, seu papel era de ‘informá-las’ dos mesmos.

Além do contato com pessoas que trabalhavam na prefeitura Cláudio também teve seu trabalho na campanha observado por integrantes de outras campanhas e por políticos como Leandro Carvalho, que nesse momento se candidatava a vereador. Além disso, ambos já se conheciam da infância. Depois da campanha de 2000, Cláudio objetivava se tornar presidente da associação de moradores do bairro. Retomou contatos com Leandro

Carvalho, que intermediou alguns pedidos junto a Câmara, como a resolução de algumas questões ligada a iluminação pública no seu bairro. Além disso, afirma ainda que organizava diferentes eventos no bairro e falou de alguns. Uma vez conseguiu que cabeleireiros cortassem cabelo sem cobrar por seus serviços, em outra organizou um evento objetivando a retirada de documentos, ou 2ª via, em outra organizou uma festa junina. Completou que os fazia a partir dos contatos que construía trabalhando na política (nesse momento ele trabalhava no bar de seu irmão).

Recebeu convites para trabalhar com o vereador do bairro<sup>37</sup>, mas recusou. O contato com Leandro Carvalho foi aumentando aos poucos a partir do momento que Cláudio assume a associação de moradores e em 2002 recebeu o convite para ser nomeado em um *cargo comissionado* na secretaria de assistência social, à qual Leandro Carvalho tinha responsabilidade na gestão e liberdade para indicar quem ocuparia os *cargos comissionados* de que ela dispunha. Em seu cargo Cláudio trabalharia diretamente em contato com lideranças comunitárias e ao aceitar o cargo se filiou ao PT.

Já durante meu trabalho de campo, no fim de 2006, aconteceu uma reunião na sede do PT em que estavam representadas as *correntes* do município com atuação no *movimento comunitário*. Essa reunião aconteceu por conta da proximidade da eleição da Famnit que escolheria a próxima diretoria da entidade. Esse era um momento em que integrantes das diferentes *correntes* discutiram os rumos do partido em relação ao *movimento comunitário*. Nesse sentido, foi uma oportunidade interessante para entender o modo como enxergam esse movimento e o papel do partido dentro dele. Esse foi um dos poucos eventos internos ao partido que consegui participar.

Nesse momento Cláudio já pertencia à Famnit há duas gestões 2003-2006 e integrou novamente a entidade na gestão que iniciou no mês seguinte, já no ano de 2007. Antes de 2003 a maioria dos integrantes da Famnit era do PDT, o que me foi explicado pela relação entre o partido do prefeito municipal e os integrantes da federação. Como o PDT governava a cidade desde 1988 esse movimento esteve muito atrelado a esse partido. O PT assumiu a prefeitura de Niterói em 2002, com o vice-prefeito, e a partir da renúncia do prefeito eleito pelo PDT para concorrer ao governo do Estado. Na eleição de 2003 já aconteceram

---

<sup>37</sup> Assim são denominados aqueles vereadores que possuem uma votação concentrada em determinado bairro e que têm uma atuação voltada para o mesmo. Para aprofundar no assunto consultar Kuschnir (2000).

mudanças e metade das posições foi ocupada por integrantes do PT. Em 2006, o quadro se modificou e a grande maioria dos integrantes era do PT. Dos do PDT a grande maioria ou saiu da instituição ou migrou para o PT.

O debate na sede do partido apresentou um formato muito comum ao *movimento estudantil*. Alguém fica responsável pelas inscrições, quem desejar falar se inscreve e aguarda sua vez. No caso, não estipularam um limite de tempo, mas espera-se que as falas tivessem certa brevidade, cerca de cinco minutos, ou um pouco mais. Os pontos a serem discutidos eram: 1- Desafio do movimento comunitário; 2- Movimento e governo; 3- Famnit; 4- Formação do núcleo. Participei dos dois primeiros, o que aconteceu durante a manhã e início da tarde.

Um dos integrantes da executiva se responsabilizou por fazer um histórico do movimento comunitário na cidade e em sua fala a categoria *cooptação* foi evidenciada, o que se seguiu no restante da reunião. O segundo tópico da pauta objetivava exatamente discutir a relação do movimento com a prefeitura, mas já no primeiro, várias falas tocaram nessa questão, o que indica a importância que lhe é atribuída pelos petistas presentes. Nesse sentido, desejo enfatizar a fala de uma militante do partido, que foi uma das fundadoras do Núcleo Zona Norte, que explicita bem a relação do partido com esse movimento. Ela argumentou que a *cooptação* é a diretriz da prefeitura em relação ao movimento comunitário e fundamentou seu argumento lembrando da migração de integrantes do PDT para o PT a partir do momento que mudou o prefeito. Apontou em seguida para uma lógica utilitarista do partido em relação ao movimento, que ‘serve para dar voto’. Completou falando do início de sua militância, confirmando que fora do movimento e da *favela*<sup>38</sup> e que a partir da igreja atuava utilizando um método que preconizava a participação popular. Havia um incentivo para que todos falassem, seria um movimento emancipatório.

Ao tratar de militantes de movimento comunitário, Barreira (1998) chama a atenção para trajetórias que se constroem na “luta” no movimento de bairro e é comum que uma aproximação ao governo seja encarada como uma “cooptação”, que para eles significa menos combatividade na colocação de demandas. É em diálogo com essas duas tensões que essa fala se insere. Retornando ao passado, período de sua atuação no Núcleo Zona Norte,

---

<sup>38</sup> A princípio o termo *favela e comunidade* são sinônimos. Atualmente o termo *favela* carrega maior carga pejorativa, enquanto *comunidade* tem uma conotação mais branda. A utilização da categoria *favela* na fala em questão se relaciona a uma estratégia discursiva de ênfase na dificuldade de sua experiência.

em um momento em que não havia *cooptação*, pois o prefeito era visto mais como um adversário do que um aliado. Isso possibilitaria uma maior liberdade de atuação, pela existência de menos dívidas e compromissos firmados com a prefeitura, que prioriza o atendimento de demandas de seus aliados. Para além da relação com a prefeitura, há também outra dirigida ao partido, elas se juntam a partir do momento que o PT assume a prefeitura. Parte das questões do partido são decididas pelos filiados nas urnas e as *comunidades* concentram boa parte deles. Geralmente, o bem mais valorizado daqueles que militam no movimento comunitário pelos integrantes do partido é justamente a quantidade de votos que podem mobilizar tanto nas eleições gerais, como nas internas ao partido, o que implica na filiação desses eleitores um ano antes. Não vou prosseguir explicando a forma como são construídos esses laços entre as lideranças comunitárias e seus eleitores, mas é na relação entre integrantes do PT e esses eleitores (filiados ou não) mediada por lideranças comunitárias (militantes do partido ou não) que a afirmação de que o movimento comunitário ‘serve para dar voto’ se refere.

Como já afirmei Felipe, Sandro e Cláudio são representativos das principais divisões internas à *Articulação* em Niterói nesse momento. Os seguidores de Leandro carvalho não formam um único grupo de ação, tal qual Mayer (1987) aponta ao tratar dos quase-grupos, ao menos isso não acontece de forma perene. Ou seja, a organização através do faccionalismo acontece a partir de uma temporalidade com momentos em que todos os seguidores da liderança principal agem de forma conjunta e outros em que se dividem em conjuntos de ação menores que continuam subordinados à liderança principal, porém, com uma relação diferenciada frente aos demais grupos menores, podendo estar em concorrência ou não.

Leandro Carvalho tem a seu redor um núcleo de militantes provenientes do *movimento estudantil* que milita a seu lado há mais tempo, já que boa parte dos integrantes que formaram o Núcleo Zona Norte não seguiram como seus seguidores dentro do partido. Sandro ingressa no partido justamente nesse momento de reconstrução, ocupando o espaço deixado por esses integrantes que *racharam*. Foi socializado tanto no *movimento estudantil* como no *movimento comunitário* e foi se relacionando com esses dois pertencimentos, assim com Leandro Carvalho, que conseguiu alguns seguidores em torno de si, também

pertencentes à *Articulação*, que consegue mobilizar tal qual uma facção e nesse momento são eles que apóiam sua candidatura a vereador. Mais recentemente, depois que Leandro Carvalho se constituíra como uma liderança do partido, militantes do *movimento comunitário* entraram na *corrente* e possuem como principal valor os votos que conseguem mobilizar. Os dois principais são Cláudio e Tônico, a atuação deste será tratada nos capítulos seguintes. Os dois atuam conjuntamente com uma relação entre iguais, embora Tônico estabeleça esforços no sentido de construir um grupo de seguidores tendo ele próprio como líder.

### **As Correntes do município**

A primeira vez que fiz anotações sistemáticas em meu caderno de campo sobre as *correntes* foi próximo ao fim do segundo turno depois de uma conversa com Felipe. Até então eu não havia dado a devida atenção a essa unidade intrapartidária. Ele já comentara comigo sobre a existência das *correntes*, mas eu não sabia quais e quantas eram, bem como as implicações desse pertencimento. Ele as enumerou e depois de cada mencionou suas lideranças, municipais e/ou estaduais, bem como alguns de seus principais integrantes. São elas: *Articulação*, sua *corrente*, *Fórum Democrático*, *Movimento PT*, *PT Socialista*, *Democracia Socialista*, *Democracia Popular* e *Campo Democrático*. Reconheci algumas pessoas citadas em sua apresentação, principalmente pelos contatos travados durante as atividades de campanha no primeiro turno. Em dois casos, além do nome de lideranças, Felipe complementou lembrando algum agrupamento de petistas em situações específicas que estivemos juntos. Dessa forma, ele me expôs situações onde eram reconhecidos como uma *corrente*.

Ao falar do *Movimento PT*, p. ex., lembrou de um fato ocorrido no mesmo dia. Estivemos mais cedo na sede do partido, e ele se referiu como pertencentes à *corrente* as pessoas que estavam tendo uma reunião em uma sala com a porta fechada<sup>39</sup>. Para situar melhor os integrantes da *corrente*, Felipe incluiu nela aqueles que *apoiaram* a campanha de um deputado federal, sua principal liderança no estado, reeleito na eleição de dias antes. A

---

<sup>39</sup> Seus principais membros discutiam assuntos de seus interesses e a participação dos demais membros do partido, portanto de outras *correntes* ou grupos, era proibida.

princípio sua afirmação me gerou dúvidas, pois Tônico e Cláudio se dedicaram ativamente à campanha desse deputado. De fato, os integrantes da *corrente* no estado foram os principais *cabos eleitorais* do referido candidato e a participação de Tônico e Cláudio, se relacionou à forma de constituição das *alianças* entre as diferentes *correntes* no município.

Para essa eleição Leandro Carvalho conseguiu o apoio de algumas *correntes* de modo a engajarem em sua campanha, com maior ou menor dedicação. Essa coalizão se relaciona ao tipo de cargo reivindicado, não havia entre os petistas da cidade outro candidato a deputado estadual. Mesma situação entre os deputados federais. Além de apoiar Leandro Carvalho para deputado federal, o prefeito se dedicou ativamente à campanha de uma pessoa que candidatava pela primeira vez. Integrantes do partido de diferentes *correntes* ressaltaram alguns vínculos pessoais entre ambos como o fato de serem primos e também o médico particular do prefeito. Além disso, fora secretário de saúde do município durante sua administração. Porém, havia uma diferença. Enquanto a facção liderada pelo prefeito trabalhara na campanha desse candidato, cada uma das outras *correntes* tinha um candidato diferente a deputado federal, geralmente alguém que possui sua principal base eleitoral na cidade do Rio de Janeiro. Cada um deles é justamente o candidato da *corrente*, geralmente suas principais lideranças estaduais.

É chamado de *dobrada* a troca de apoio entre candidatos de diferentes níveis, como deputados federais e estaduais. Os candidatos podem realizá-la com apenas um, mas também podem conseguir o apoio de mais de um. Nos dois casos, as *dobradas* explicitam o alcance das relações estabelecidas durante a campanha. Em relação ao PT, se ultrapassam ou não os limites da *corrente*. As *dobradas* com candidatos a deputados federais de diferentes *correntes* foi a forma pela qual Leandro Carvalho conseguiu o apoio dos integrantes das mesmas dentro do município para sua candidatura a deputado estadual. Ele incentivou os integrantes da *Articulação*, e até mesmo um aliado de outro partido menor (PRN), a trabalhar na campanha de um desses deputados federais de forma conjunta com a sua de estadual. Dessa forma, ao apoiarem um candidato do *Movimento PT* Tônico e Cláudio cumpriam um papel atribuído por sua *corrente*. As *dobradas* também aconteceram com candidatos da própria *Articulação*, além do *Fórum Democrático* e *Campo Democrático*, justamente os integrantes que vi durante as atividades de campanha, principalmente do primeiro turno.

Todas essas situações remetem a momentos onde as correntes ganham densidade e existência entre os integrantes do partido. Nelas, seus integrantes agem de forma conjunta a partir de decisões tomadas. Quanto às relações em seu interior, à exceção de uma das *correntes*, a Democracia Socialista, todas as outras possuem uma estrutura semelhante com uma *liderança* principal, central em relação aos demais membros da *corrente*, reconhecida como *liderança* também no partido municipal. Essa liderança principal indica as diretrizes políticas da *corrente*, construídas juntamente com alguns de seus seguidores.

Para entender essa forma de relação entre líderes e seguidores utilizo um tipo de organização frente a conflitos estudada por antropólogos, as facções. Nicholas (1977) se propôs a analisá-las como formas especiais de organizações políticas. Escolheu cinco trabalhos feitos a partir de diferentes sociedades e instituições sociais, que têm em comum trabalharem com a noção de facção. Constatou duas formas de analisá-las. Uma focada na análise de conflitos políticos e outra na análise da organização política. A partir da comparação desse material chegou a algumas conclusões. 1 – Facções são grupos de conflito (é no conflito que elas surgem); 2 – são grupos políticos; 3 – Não são grupos corporativos, ou seja, não possuem uma permanência como a de um partido político; 4 – Membros são recrutados por um líder e 5 – esse recrutamento é construído a partir de diferentes vínculos de pertencimento (religião, família, amizades...). Boissevain (1977), em um estudo posterior, também se esforçou em dar maior precisão ao termo facção, o que ele faz a partir da análise de divisões em uma vila Maltesa. Aponta que o termo é empregado designando grupos muito diferentes que têm como característica comum estarem em conflito com outros grupos e afirma:

“A faction is thus seen as a loosely ordered group in conflict with a similar group, over a particular issue. It is a not corporate group, though at a certain point in time it may undergo a change and become a group of a higher order for which the term faction is no longer appropriate” (p. 280)

Nessas definições, como na utilização da categoria por Palmeira e Heredia (1996), o caráter temporário é enfatizado. Ao realizar um trabalho comparativo entre duas cidades interioranas (uma no interior do Rio Grande do Sul e outra no sertão pernambucano) pensando sobre o significado do voto Palmeira e Heredia (1996) consideram que a

categoria facção interessante para compreender a relação estabelecida entre os políticos locais e seus seguidores no que denominam o “tempo da política”.

As populações nessas cidades conceberiam a política como um evento relacionado ao período eleitoral, notadamente naquele quando são eleitos os prefeitos e vereadores. Nesse, o conflito dentro da cidade é mais acirrado e provoca uma cisão clara geralmente em duas facções políticas. Fora desse período de disputa as facções se limitariam a um líder e um núcleo de seguidores, forma bem diferente da que assume dentro desse período, quando o maior número possível de alianças são constituídas e a facção assume uma forma maior. A partir dessa divisão, o voto nessas localidades seria entendido muito menos através de uma escolha racional ideológica e muito mais a partir do lado que se está na sociedade.

As *correntes* são unidades de conflito, existe um líder e seus seguidores, e a relação desses para com o líder passam por diversas formas de vínculo, além disso, essas unidades estão inseridas dentro de uma “comunidade moral” (o partido dentro do município) em conflito permanente, ou seja, as *correntes* disputam entre si uma maior ingerência sobre o partido. Porém, juntamente com essa disputa entre as correntes, existe também disputas internas que podem provocar cisões., conhecidas na história recente do partido como *rachas*. Esses momentos proporcionam reconfigurações nas relações dentro das *correntes* protagonistas, e, conseqüentemente, dentro do partido.

Existem alguns graus de *rachas* e em grande parte deles os membros continuam dentro do partido. Nesses casos, quem *racha* pode passar a integrar uma outra *corrente*, como no caso que analiso no capítulo III, ou, dependendo de sua reputação e capacidade de aglutinar outros *militantes orgânicos*, fundar uma nova *corrente*. Em ambos os casos é evidente a mudança na dinâmica das relações interna ao partido, principalmente no que diz respeito a líderes e seguidores. Em uma mudança de *corrente* um *militante orgânico* enfraquece a que é natural ao mesmo tempo que fortalece outra, enquanto a fundação de uma nova propicia uma nova relação entre as *correntes* como um todo. O fato de existirem várias *correntes* possibilita diferentes configurações em diferentes momentos, dependendo dos interesses em questão e de quem é construído como adversário. As *correntes* tanto podem agir conjuntamente, apoiando um candidato a prefeito, p.ex., ou se dividirem, em uma eleição interna ao partido, onde as *correntes* disputam ritualmente ou, como um militante apontou, ‘medem força’. Lembrando que nesse caso também existem coalizões.

As *correntes*, porém, não são as únicas unidades de pertencimento dentro do partido. Ao perguntar certa vez a dois militantes do partido, que são namorados, quantas eram as *correntes* no município, a resposta não foi imediata e a discussão que se prosseguiu entre os dois se concentrou justamente na não existência de uma única definição do que é uma *corrente*, ou seja, é uma categoria em conflito para os próprios militantes. Juntamente com essa categoria surgiram mais duas, os *campos* e *tendências*.

Não havia consenso entre os dois quanto à interpretação de seus significados. Ele acredita que *tendência* estaria relacionado a uma posição ideológica em nível nacional, quer dizer, diretrizes que uma *tendência* do Rio Grande do sul defende a mesma *tendência* em São Paulo também defenderia. A *corrente*, por outro lado, permitiria divergências ideológicas entre os diferentes estados. Além desses haveria a noção de *campo*. Próximo a eventos importantes como os congressos nacionais do partido, ou mesmo ao PED, podem ser constituídos coletividades que continuarão unidos ou não após o evento. Um campo pode ser constituído objetivando a transformação posterior em uma corrente, mas isso necessariamente não acontece.

Em comparação com um passado recente, ambos concordaram que o peso das *correntes* dentro do partido diminuiu, principalmente dentro do município. Uma *corrente* não é avaliada apenas pelo número de votos que se consegue mobilizar, variável com maior peso nos chamados *grupos municipais*, que diferente das *correntes* não possuem um braço nacional. A formação da executiva eleita no PED para o exercício do mandato 2008/2009 é um exemplo. Nas anteriores havia um reconhecimento maior da noção de *força política* e um exemplo é a não participação da *Democracia Socialista* em sua composição. Ela é uma *corrente* nacional, mas com uma posição marginal em relação às outras *correntes* do município. Existem nela petistas considerados como *lideranças* dentro do partido, militantes com voz ativa nos diferentes espaços do PT que serão ouvidos quando emitem suas opiniões. Em suma, petistas que reconhecidamente possuem uma boa reputação frente aos demais integrantes do partido, inclusive em nível estadual e até nacional. Porém, apesar de possuírem essa reputação frente aos integrantes do partido, não possuem grande capacidade de mobilização de votos, seja de filiados ou de não filiados. Até a composição das executivas municipais anteriores, essa posição de interferência nos debates internos ao

partido foi reconhecida com uma vaga entre os integrantes da executiva municipal, mesmo que não tivessem votos suficientes de filiados que lhe garantissem essa representatividade.

A noção de *fórum*, tal qual a noção de *campo*, remetem a ajuntamentos diferentes das *correntes*. O *Campo Majoritário* engloba várias *forças políticas* e entre elas a *Articulação* é a maior *corrente*. Algumas das principais figuras públicas do partido, como o senador de São Paulo Eduardo Suplicy e o próprio presidente Lula integram o *Campo Majoritário*, mas não pertencem à *Articulação*. O *Fórum Democrático*, também foi conhecido como Fórum Bittar, sobrenome de um dos políticos do PT da cidade do Rio de Janeiro que juntou em torno de si outras lideranças políticas com alguma força dentro do PT. Havia a expectativa desse *fórum* se transformar em uma corrente, mas isso não aconteceu. Felipe, ao falar do Fórum Democrático, fez referência tanto a Jorge Bittar como ao atual prefeito, mas em seguida completou que Godofredo não mais se identificaria como pertencente a essa corrente. A justificativa de Felipe foi de que ao não pertencer a nenhuma poderia negociar melhor com todas elas. Afirmou que existe em torno dele um grupo de pessoas conhecido como *GAP*, abreviação para Grupo de Amigos do Prefeito. Adianto que tive menos contato com petistas próximos ao prefeito e não sei como se identificam, ou mesmo se o fazem. A idéia que quis me passar, como também a que ouvi de outros petistas, é de que Godofredo é uma liderança com vários seguidores a seu redor. No III Congresso do PT, p. ex., a partir do olhar dos integrantes da *Articulação* Godofredo foi encarado como um adversário tal qual outras composições que englobavam algumas *correntes*, digo ainda que o principal adversário.

Cada um desses seguidores possui uma certa autonomia e posições dentro da prefeitura que lhe garantem o poder de construir seus próprios seguidores a partir, principalmente, da indicação de *cargos comissionados*. Entre os integrantes da *articulação* há um grupo que atua de forma conjunta com Sandro e todos juntos possuem uma autonomia relativa em relação a Leandro Carvalho. Esse grupo também pode agir como uma unidade de conflito, tal qual uma facção, mas principalmente interna à *corrente*. Sandro me disse que a característica que considera como sua principal é a capacidade organizativa, principalmente de pessoas. Essa afirmação está baseada na experiência que adquiriu liderando essa facção, à qual ele é a referência central. Porém, a relação com seus seguidores em momento algum questiona a liderança de Leandro Carvalho em relação a

todos os integrantes da *Articulação*. A relação se complexifica um pouco mais quando à rede de relações de Sandro é acrescida a de um deputado federal da mesma *corrente*, mas de outro município (Rio de Janeiro). Nesse sentido, Sandro e sua facção não estão referidos apenas a Leandro Carvalho, embora ele seja sua principal referência.

Além disso, foi Leandro Carvalho quem deu maiores condições de autonomização a Sandro e seus seguidores a partir da constituição da *dobrada* com o referido deputado federal da *Articulação*. Essa medida tem implicações para a relação entre os dois deputados. Na ótica dos desses, Leandro Carvalho concederia ao deputado federal os préstimos de Sandro, no caso da eleição de 2006 a organização de sua campanha em Niterói, o que implicaria no esforço desse e sua facção em transferir ao deputado federal os votos que mobiliza para Leandro Carvalho. A partir do momento que Sandro realiza a *dobrada* com um candidato de sua própria *corrente* existe a possibilidade que ele prossiga na relação após a eleição. Situação diferente de Tonico e Cláudio, que participaram da campanha de um deputado federal de outra *corrente*, cujo objetivo claro era a obtenção do apoio dos integrantes dessa outra *corrente* à candidatura a deputado estadual de Leandro Carvalho.

Como mostraram Nicholas (1977) e Boissevain (1977), em muitos casos em que a categoria facção é utilizada ela remete principalmente a disputas entre dois lados, o que é diferente do caso do PT de Niterói, onde existe uma série de unidades de conflito disputando o controle do partido. A princípio, tentei analisar a *corrente* como um grupo corporativo e certamente ela possui uma densidade maior do que os chamados *grupos municipais*, mas fui obrigado a mudar a direção de minha análise. Algumas *correntes* são nacionais, como o caso da *Articulação*, mas ela apresenta lógicas de funcionamento diferentes dentro de cada município e estão muito referidas às suas lideranças municipais. Deve-se acrescentar também que na história recente do partido na cidade os integrantes da *corrente* foram se modificando, são comuns a migração para outras *correntes*.

## Capítulo II - Formas diferentes de se militar

Como apontei no capítulo anterior ao tratar das *correntes*, uma das primeiras divisões dentro do partido acontece entre os *militantes orgânicos*, que vivenciam o cotidiano da vida partidária, e a grande quantidade de filiados mobilizados apenas nos momentos que se acha necessário, como em disputas eleitorais tanto dentro ou fora do partido. Nesse capítulo chamo a atenção para uma outra diferença, entre os próprios *militantes orgânicos*, que se refere ao modo de atuação política. Para os políticos que se lançam candidatos ter uma *base eleitoral* é fundamental. Bezerra (1999) discutiu o processo de feitura do orçamento da união e para isso um dos pontos analisados foi a relação entre políticos em Brasília (deputados federais e senadores) e a relação com suas *bases eleitorais* em seus respectivos estados. Assim é definida a categoria:

“Um primeiro aspecto que chama a atenção é a mobilidade da categoria *base eleitoral*. Ela não remete a uma realidade fixa, mas a diferentes referentes: uma rua, um bairro ou uma cidade. A *base* é definida ora pelo local de residência, ora pelas relações sociais que o político mantém nas localidades. Nesse sentido, e este é outro aspecto, ela não delimita simplesmente uma unidade geográfica ou administrativa, apesar do conceito de lugar ser fundamental para a definição da noção de *base eleitoral*, mas, sobretudo, um espaço de relações sociais. O parlamentar vincula-se às *bases* por relações de conhecimento, amizade e compadrio” (Bezerra, 1999: 102).

Dessa forma, a noção de espaço é fundamental, mesmo que entendida como um espaço de relações sociais. Em grande parte dos casos se refere a uma unidade geográfica específica. Kuschmir (2000) analisou a atuação de uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro que possuía uma votação muito concentrada em alguns bairros próximos, essa seria sua *área* de atuação. Outra possibilidade comum é ter uma grande votação em determinado segmento social, seja em algum movimento social ou em algum setor trabalhista (um candidato advogado, p. ex., pode ter uma votação maciça de outros que exercem a mesma profissão. Um religioso pode ter uma votação concentrada entre os fiéis de sua mesma religião)<sup>40</sup>. De qualquer forma, a *base eleitoral* está associada a uma determinada quantidade de pessoas aptas a votar que alguém envolvido na política procura mobilizar.

---

<sup>40</sup> Para aprofundar na conversão de determinada atividade social em votos conferir Coradini (2001).

Os votos são um capital importante para os políticos, principalmente próximo ao período eleitoral. Entre os *militantes orgânicos* de uma *corrente* há uma expectativa mútua de que trabalhem em prol de seu candidato conseguindo o maior número de votos, porém, se espera que alguns consigam mais do que outros. Isso está relacionado a uma divisão do trabalho no interior da própria *corrente* que remete a diferentes formas de atuar dentro do partido. Meu objetivo nesse capítulo é justamente tratar dessas diferenças a partir da atuação de Felipe, Cláudio, Tônico e Sandro. Cláudio e Tônico esforçam-se na constituição de uma *base eleitoral*, ao contrário de Felipe, que tem uma importante atuação dentro do partido. Sandro, por sua vez, tem as duas atribuições e essas são divididas entre os integrantes de sua facção. Tem uma *base eleitoral* constituída em seu bairro e também uma certa posição no interior do partido, um de seus seguidores, p. ex., pertence ao diretório estadual do partido.

A partir do momento que o PT assume a prefeitura tem a responsabilidade de organizar as políticas públicas municipais o que acontece por meio das secretarias municipais. Cada uma das secretarias e subsecretarias têm à sua disposição determinado número de *cargos comissionados*, ou seja, funções remuneradas assumidas a partir da nomeação do prefeito. Esses cargos são uma das formas de se empregar e garantir sustento econômico aos militantes que se dedicam integralmente à política. Fora dessa esfera econômica, o exercício das atividades exigidas por esses *cargos comissionados* muitas vezes estão intimamente ligadas ao tipo de trabalho exercido dentro do partido. Nesse sentido, assumir um *cargo comissionado* é também obter um reconhecimento de sua importância dentro da *corrente* que se milita.

Divido esse capítulo em dois momentos: eleitoral e pós-eleitoral. Esses são dois momentos em que a ênfase das preocupações dos militantes é modificada. Em um primeiro momento descrevo o papel de cada um na campanha de 2006, a organização no comitê e depois no Horto, onde concentro nas atividades desenvolvidas por Cláudio e Felipe. A partir da redistribuição dos *cargos comissionados* a que Leandro Carvalho tinha direito em 2007 prossigo na relação entre a diferença do tipo de atividade desempenhada e o cargo ocupado. Em 2007 aconteceram alguns eventos, internos e externos ao partido, em que integrantes das *correntes* participaram de forma ativa. As atuações dos diferentes

integrantes nesses momentos auxiliam na melhor compreensão das divisões de trabalho dentro da *corrente*.

## **Eleitoral**

### **Organização da campanha**

A campanha de Leandro Carvalho, candidatando-se a deputado estadual, foi pensada e traçada em termos dos objetivos a serem conquistados. Antes de iniciar Leandro Carvalho juntamente com seus seguidores fizeram uma previsão da quantidade de votos que esperavam conseguir e da expectativa de sua colocação em relação aos outros que concorrem às mesmas posições. Além disso, analisam os pontos fortes e fracos de sua candidatura pensando nos meios de potencializar os primeiros e procurar bloquear os segundos.

Na cidade de Niterói havia um *escritório* situado dentro de um prédio comercial e onde foram estocados os materiais de divulgação. Era um local com as atenções voltadas para os integrantes da campanha, onde eles eram enviados para os que apoiavam o candidato em todo o estado. Havia também os comitês de campanha, três eram os grandes. Um na Zona Norte da cidade, um na região Oceânica e outro na Zona Sul. Cada uma desses comitês possuía os seus coordenadores responsáveis por suas áreas e acima desses havia a coordenação geral.

Nessa grande organização que mobiliza inúmeras pessoas as tarefas são divididas entre diferentes pessoas. Cada uma delas recebe atribuições e tem um lugar, uma posição social dentro de uma estrutura. Essa possui uma configuração no momento anterior à campanha e a posição que os atores ocupam nela tem uma relação direta com a função que irá desempenhar.

O período eleitoral é também um momento em que existem possibilidades de reconfigurações das relações entre os envolvidos. Como é uma estrutura relacionada à eleição de um candidato as possibilidades do resultado final já oferecem as primeiras implicações. O candidato pode perder a eleição, ganhar, dependendo de sua posição, negociar ou não uma migração para alguma secretaria. Além do desempenho final do

candidato medido na soma de seus votos, há uma série de outras variáveis a serem levadas em conta para os que participaram da campanha. Existe uma observação mútua entre os integrantes da *corrente* e expectativas quanto aos resultados possíveis atribuídos ao desempenho de cada um. Para aqueles que constituíram uma *base eleitoral*, p. ex., é esperado que consigam uma determinada quantidade de votos. Conseguir mais ou menos votos que o esperado é uma das formas de medir sua dedicação. Entre os petistas em geral, a participação assídua ou não nas diferentes atividades de campanha, como as caminhadas ou panfletagens com ou sem o candidato, é um outro modo de avaliação.

No período pós-eleitoral a redistribuição dos *cargos comissionados* representa uma parte importante da modificação das atividades cotidianas desempenhadas pelos integrantes do partido. Um vereador possui certa quantidade de *cargos comissionados* em seu gabinete para trabalhar nos assuntos internos à câmara e também uma outra quantidade que realiza um trabalho externo. A mesma divisão acontece nos cargos ocupados dentro das secretarias. Como me disseram integrantes do partido, no período da campanha de 2006 a Secretaria de Assistência Social era *de* Leandro Carvalho. Isso significa dizer que ele tinha controle sobre a distribuição dos *cargos comissionados* que ela tinha direito, além da responsabilidade de administrar os programas da secretaria.

Comecei a acompanhar as atividades eleitorais a partir das que eram desenvolvidas no Horto, um bairro que na metade do século XX viveu um grande desenvolvimento industrial, tendo inclusive uma grande quantidade de residências construídas por donos de fábricas localizadas no local onde habitavam seus funcionários. Hoje o bairro vive um grande refluxo quanto a esta atividade. A população em 1991 era de 16.782 e em 1996 reduziu para 15.875. Porém, no desenrolar de minha observação percebi que as atividades do Horto eram, a princípio, subordinadas às decisões tomadas no comitê da zona norte, localizado no bairro vizinho. Nele havia dois coordenadores que antes e durante a eleição eram *assessores* no gabinete de Leandro Carvalho, então vereador. Vera, remanescente do GEAC e da primeira formatação do Núcleo Zona Norte, e Sandro. Os dois decidiram a forma de organização do comitê, haveria uma reunião semanal, às segundas-feiras, em que os integrantes da campanha dos bairros ao redor deveriam participar.

## No comitê

As reuniões no comitê da zona norte eram sempre coordenadas por Sandro e/ou Vera, se um faltasse o outro obrigatoriamente estava presente. Vera explicitou em uma reunião que cada uma das regiões tinha uma dinâmica diferente de trabalho. Acompanhar as reuniões possibilitou que eu entendesse melhor uma parte maior da estrutura da campanha, para além do Horto.

Na área coberta pelo comitê existiam diferentes pessoas consideradas como *lideranças* e responsáveis por determinadas áreas menores na zona norte. Como apontei no primeiro capítulo, foi justamente através de *dobradas* constituídas com diferentes deputados federais e através dessas *lideranças* que Leandro Carvalho conseguiu o apoio de diferentes *correntes*. Não havia na cidade outro candidato a deputado estadual do partido, mesma situação entre os deputados federais. Porém, o bairrismo não se repetiu no segundo caso, os integrantes das diferentes *correntes* municipais trabalharam na campanha de deputados federais de outros municípios, principalmente do Rio de Janeiro. O prefeito fez campanha para seu candidato e por fim conseguiu eleger-lo. No caso das *correntes* municipais cada uma apoiou suas *lideranças* estaduais que se lançavam a deputado federal.

Felipe não frequentou as reuniões, disse-me uma vez que ele não tinha paciência (*saco*) de fazê-lo e que como está há bastante tempo no PT ele teria uma certa experiência quanto à organização de campanha. Trabalhou na *dobrada* com um deputado federal de sua *corrente*. Um ex-prefeito de um município governado por três mandatos por petistas. Leandro Carvalho o apoiara oficialmente na eleição anterior. Entre os frequentadores do comitê três pessoas eram referências quanto às *dobradas*. Sandro e outros petistas que apóiam sua candidatura a vereador trabalharam na *dobrada* com um candidato a deputado federal da própria Articulação, mas com atuação no Rio de Janeiro. Tônico trabalhou em uma *dobrada* com um deputado federal de uma *corrente* com correspondência no município. Luciano, que nas reuniões que compareci era acompanhado por mais duas pessoas, não é filiado ao PT (PRN). Foi incorporado nessa campanha justamente para

trabalhar em uma *dobrada* com um deputado federal de outra das *correntes* municipais aliadas. Ele já fora candidato a vereador e conseguiu poucas centenas de votos<sup>41</sup>.

As caminhadas eram atividades conjuntas aos integrantes de cada região e geralmente elas aconteciam aos fins de semana. Uma das características desses eventos era ter um número de participantes maior do que nas reuniões semanais do comitê. Os integrantes da campanha começavam a se aglomerar em algum local marcado. Posteriormente Leandro Carvalho chegava ao local e a caminhada começava. Os atrasos em relação à hora marcada eram comuns. Geralmente ele vinha de outra atividade, que também poderia ter sido uma caminhada com organização semelhante. O objetivo é otimizar o tempo do candidato. A atividade consiste em andar por um caminho geralmente previamente delimitado, mas pode haver alterações, e o candidato cumprimenta e conversa rapidamente com pessoas na rua ou em alguns estabelecimentos comerciais. Os demais participantes da atividade são responsáveis por distribuir o material de divulgação da campanha do candidato e das *dobradas*. É comum que algumas pessoas façam pedidos ao candidato, que no momento além de estar em campanha era também um vereador, e há alguém responsável por anotá-los<sup>42</sup>.

Às vésperas da eleição, a partir de um fato ocorrido em uma atividade de campanha, consegui olhar para o comitê como um espaço de conflito no qual seus integrantes se esforçavam na construção de uma reputação a partir do trabalho desenvolvido na campanha. Eu me deslocava de um ponto a outro da cidade com Tônico em seu carro e ele me confidenciou que desejava ser candidato a vereador nas próximas eleições. Automaticamente isso o colocava em confronto com Luciano, que teria caído ‘nas graças de Leandro’. Os dois são do mesmo bairro, o que significa que se ambos fossem candidatos dividiriam os votos, o que poderia inviabilizar uma das candidaturas havendo uma

---

<sup>41</sup> Luciano crescera no mesmo bairro que Leandro Carvalho. A amizade de infância foi resgatada e Luciano incorporado ao grupo da campanha. Nas caminhadas que acompanhei no primeiro turno na principal avenida do bairro onde se situava o comitê, ele se manteve ao lado de Leandro Carvalho, posição considerada de prestígio.

<sup>42</sup> Passando não muito tempo no gabinete do vereador é possível perceber a natureza desses pedidos. São comuns os pedidos de alguns serviços de manutenção obrigatórios da prefeitura, mas que por algum motivo não foram realizados, como podar árvores (geralmente a preocupação é maior quando os galhos avançam sobre os fios elétricos) e troca de lâmpadas de postes apagadas. Além de outros mais pessoais, como o pedido de um emprego. Nesses os assessores eram instruídos a pedir o *curriculum* da pessoa. No caso de Leandro Carvalho, como teve um papel influente na retomada dos estaleiros em Niterói, muitos desses *curriculum* eram encaminhados a alguns dos estaleiros da cidade. Não tenho informações sobre quantos desses encaminhados são efetivamente contratados.

intervenção de Leandro Carvalho. Tônico ainda não comunicara a ninguém no partido que desejava ser candidato, porque isso provocaria um ‘estresse’, o que não entendi no momento, e depois completou que teria o apoio da associação de moradores do local.

A expectativa era de que Leandro Carvalho conseguiria eleger-se e com a aproximação da eleição seus seguidores começavam a pensar nas eleições municipais daí a dois anos. Uma possível candidatura foi o tom da conversa de Luciano com uma assessora de Leandro Carvalho, que lhe perguntou primeiro o partido (ela não sabia que ele era do PRN) e se seria candidato. A princípio ele respondeu não saber e afirmou em seguida que a decisão não dependia apenas dele. Uma segunda assessora que também acompanhava a conversa encerrou o assunto falando de sua predisposição.

Porém, esse não era o único desafio de Tônico, existia um outro maior dentro da própria *corrente*. Sandro também desejava se lançar candidato e tinha mais condições de fazê-lo. Já fora pré-candidato a vereador em dois momentos e retirou sua candidatura nos dois casos por conta de insucessos de Leandro Carvalho que no seu entender a inviabilizava. Em contrapartida, isso permitiu que ao longo dos últimos dez anos consolidasse aos poucos um grupo de aliados dentro da *articulação*.

### **Atuação no bairro**

Dentre as pessoas que circundam Leandro Carvalho, há também os assessores e pessoas indicadas a outros cargos comissionados que também passaram pela UNES, seja como presidente, seja como membros das gestões. Felipe é um deles. Viveu no bairro até a 8ª série, quando estudou e foi presidente do grêmio em um colégio perto de sua casa. Nas últimas duas campanhas ele já não morava no Horto, havia se mudado para um bairro considerado de classe média. Nesse momento ele voltava a morar no bairro somente nos períodos de campanha. Dessa forma, ele contava com sua rede de relações formada desde a infância, mas havia uma certa descontinuidade nessas relações no bairro, sua principal atuação era dentro do *movimento estudantil*<sup>43</sup>. Sua rede de relações é mais intensa dentro do partido, essas são as pessoas que compõe sua principal rede de socialização. Felipe faz parte da executiva do partido onde é o secretário de finanças e também do diretório

---

<sup>43</sup> No momento atual voltou a morar no bairro.

municipal na gestão (2005-09). No momento da eleição ele trabalhava na assessoria técnica do gabinete da secretaria municipal de Assistência Social desde 2001, ou seja, possuía uma função interna à prefeitura e diretamente em contato com a secretária.

Cláudio, por sua vez, depois que retornou ao bairro, ainda na adolescência, não mais se mudou. Sua atuação política, antes mesmo de ser presidente da associação, possibilitou durante os anos o aumento dos laços com sua vizinhança. Embora não esteja mais à frente da associação Cláudio continua exercendo algumas atividades que estão ligadas à uma idéia de atuação das associações de moradores, possui um cargo comissionado ligado à Secretaria de Assistência Social onde exerce uma atividade ligada às *comunidades* (em determinado momento da campanha ele se definiu como *assessor de comunidades*), vendo as demandas e tentando solucioná-las. Sendo que uma de suas áreas de atuação é seu próprio bairro. Não tenho nenhum levantamento sobre as comunidades que ele trava contatos nem idéia do peso que deu a cada uma delas. Diferentemente de Felipe, ele não ocupa posições chave dentro da estrutura partidária, ocupa, porém, posições dentro da Famnit.

Os dois tinham a responsabilidade sobre duas áreas diferentes do bairro. Entre as atividades no bairro encontrava-se a responsabilidade sobre as pessoas que ficavam segurando bandeiras com o nome e número do candidato no bairro, eram eles que realizavam os pagamentos. Felipe dividia esse trabalho com outras pessoas, não tinha um contado muito freqüente com as três mulheres que desempenhavam esse trabalho<sup>44</sup>. Havia um comitê funcionando no bairro. Ele havia sido aberto por conta de uma ‘dobrada’ realizada entre Leandro Carvalho e o Pastor de uma igreja evangélica do bairro. As pessoas desse comitê acompanhavam esse trabalho mais de perto. Já Cláudio possuía um estilo diferente. Ele estava cotidianamente com as três mulheres que seguravam as bandeiras<sup>45</sup>. Uma das atividades que Felipe disse preferir era a distribuição de panfletos com informações do candidato, que ele não fez com tanta freqüência.

Ambos nasceram e cresceram no bairro, mas as estratégias de Cláudio e Felipe me parecem que ajudam a pensar um pouco o lugar que cada um deles possui dentro das

---

<sup>44</sup> Uma delas havia sido chamada a trabalhar há mais tempo e foi ela quem indicou duas amigas para fazer o trabalho.

<sup>45</sup> Elas foram indicadas pela tesoureira de uma associação de moradores do bairro, ela é mulher do presidente da referida associação e foi incorporada à campanha.

atividades de campanha. Cláudio dedicava suas manhãs ao bairro e permanecia com uma bandeira na mão em um ponto onde passavam muitos carros, de modo que vários viam a bandeira de seu candidato e algumas pessoas ainda mexiam com ele dizendo alguma frase curta enquanto passavam. Além disso, ele também conversava com as pessoas que conhecia. Como ele é alguém que mora no local há bastante tempo, é alguém com muitos conhecidos, e esse é justamente um capital importante. A todo momento estava conversando com alguém e pedindo votos.

Os dois possuem uma estratégia em que é possível atingir tanto pessoas que se conhecem como desconhecidas. Em uma *panfletagem* bem como na *visualização* não é necessário que se conheça ninguém previamente. A primeira é uma atividade em que alguém material de divulgação da campanha do candidato a transeuntes em um ponto de fluxo. A segunda corresponde a materiais que expõe o nome, número e às vezes também a foto do candidato localizados em locais de grande movimentação, principalmente de veículos. Grande parte são bandeiras, seguradas por pessoas contratadas, e placas, que podem ter alguém a seu lado ou estarem afixadas em algum estabelecimento ou residência<sup>46</sup>.

Porém, cada um dos dois acrescentava a esses métodos sua rede de relações, que é o diferencial que ambos acrescentam por serem eles próprios a realizarem essas tarefas. No caso de Cláudio essa rede de relações era mais evidente, e também maior, pelo menos no que se refere aos moradores do bairro.

No dia do segundo turno da eleição isso ficou ainda mais evidente. Algumas pessoas vinham até Cláudio ou o chamavam pedindo explicações de como se votava e o número de seu candidato. Da mesma forma que outros passavam e diziam para ele que haviam votado em seu candidato, ao que Cláudio me disse que muitos vinham falar com ele que votaram em seu candidato, mas que depois também *cobravam*. *Cobrar* é um referencial para compreender melhor sua relação com moradores do bairro. Naquele momento Cláudio pediria o voto a moradores, em um momento posterior esses moradores lhe *cobriam* o

---

<sup>46</sup> Essa eleição teve algumas diferenças significativas em relação às anteriores por conta de medidas adotadas pelo TSE com a intenção de diminuir os benefícios que candidatos com mais recursos econômicos pudessem obter. Foram proibidos, p. ex., os *showmícios*, comícios com a participação de músicos famosos. Algumas outras medidas se enquadram nessa primeira intenção, mas também tiveram o fim de diminuir a poluição visual nos períodos de campanha. Foram proibidas a utilização de camisetas com nome e número do candidato e a fixação de galhardetes em postes ou locais públicos, o que criou uma nova “profissão”, o segurador de placas.

cumprimento de suas demandas para o bairro. Quando falou de seu mandato à frente da associação disse com orgulho as benfeitorias que conseguiu para o bairro, além das festas que organizou. A estratégia oral de Cláudio se limitava a sua rede de relações, o que não acontecia com Felipe.

É sintomático que durante boa parte do dia no segundo turno Felipe tenha ficado em casa<sup>47</sup>. Ele possui um centro de umbanda e no dia anterior à eleição ele teve um culto madrugado adentro<sup>48</sup>. Da mesma forma, durante a campanha, Felipe me disse em alguns momentos que ele estava cansado e torcia para juntar trabalho e lazer<sup>49</sup>. Quanto a Cláudio, nunca o vi demonstrar qualquer abatimento. Minha hipótese é que nesse período de campanha Cláudio tinha muito mais em jogo do que Felipe. Cláudio possui um perfil de atuação mais próximo à população, em especial a *lideranças comunitárias*, como membros das associações comunitárias de vários pontos da cidade. Seu pertencimento à Famnit demonstra essa inserção. Felipe, por sua vez, tem um perfil de atuação mais interior ao partido, o que faz com que ele se defina como *militante* e aponte a quase totalidade de sua rede de relações ali dentro.

Os dois têm um ponto de partida em comum, estão ligados a uma mesma *liderança*, Leandro Carvalho, mas eles não possuem uma mesma relação com ele. Embora tenha tido um relacionamento com Leandro Carvalho em sua infância, e esse seja um tipo de relação passível de ser reconstruída, e ainda ter tido uma socialização em pastorais na igreja, assim como perfil de Leandro Carvalho, houve um distanciamento entre ambos por um período de tempo determinado. Cláudio me disse que é primo de Leandro Carvalho (primo de um primo), informação que me foi confirmada espontaneamente por Felipe quando pedi que me falasse sobre Cláudio. Porém, essa informação me foi dita num sentido de demonstração de uma proximidade com Leandro Carvalho e tempos depois Cláudio explicou novamente seu parentesco enfatizando a distância, no sentido de ser mais objetivo. Felipe, por sua vez, tem uma relação com Leandro Carvalho de longa data e sem interrupções, que vem do *movimento estudantil* e que proporcionou um *ethos* de atuação

---

<sup>47</sup> O segundo turno da campanha é bem diferente do primeiro, esse muito mais disputado em função do número maior de candidatos, enquanto o segundo se restringia à disputa para presidência e ao governo do Estado.

<sup>48</sup> Em outro momento, porém, em que lhe foi dada a responsabilidade de organizar a eleição do conselho tutelar na cidade, depois de cumprido seu papel, me confidenciou que praticamente não dormia há dois dias em função da organização. O que não o impediu de desempenhar as suas tarefas.

<sup>49</sup> Em um deles Felipe se referia a uma parada gay que aconteceria em Araruama daí a alguns dias.

política semelhante. Eles, além disso, partilham um mesmo curso universitário, ciências sociais na UFF.

Felipe *milita* no partido desde sua inserção no *movimento estudantil*, Cláudio entrou para o partido somente após a chegada de Lula à presidência, isso já impõe algumas diferenciações internas dentro do partido. Nesse tempo, Felipe construiu mais intensamente relações com outros *militantes orgânicos* e está muito mais inserido no vocabulário do partido, dessa forma, não é apenas uma questão de tempo decorrido, mas também de quem são as pessoas com quem se mantém mais relações. Há nos *quadros* do PT de Niterói, entre aqueles que ocupam funções institucionais como secretários e assessores, pessoas consideradas como novas para as funções que ocupam. Como um dos canais de ascensão de Leandro Carvalho se deu através do *movimento estudantil*, pessoas que estiveram juntas com ele durante sua trajetória ascenderam com ele por serem pessoas de *confiança*. Nesse sentido, existem pessoas-chave dentro da estrutura partidária que possuem uma relação duradoura que remonta um período comum de trajetória partidária. Felipe está dentro dessa estrutura, Cláudio não. De qualquer forma, desde sua entrada no partido, em 2002, é possível notar uma ascensão de Cláudio. Nessa eleição, ele e Tônico, que sempre estão juntos em um grande número de atividades, foram responsáveis por cuidar de uma das *dobradas*, ou seja, tinham uma autonomia na organização da campanha que não tinham na anterior, quando os contatos com o movimento comunitário eram responsabilidade de Sandro.

## **Pós-eleitoral**

### **As secretarias e os cargos comissionados**

A partir da observação das atividades exercidas durante o ano de 2007, um ano não eleitoral, ou seja, em que não estariam em disputa eleitoral os cargos legislativos e majoritários, foi possível perceber melhor a divisão de tarefas entre os integrantes da *corrente*. O ano começou para Sandro, Tônico e Cláudio com o congresso da Famnit. Sandro considera que o seu momento de integrar a federação já passara, se acha em condições de disputar outros espaços com um status simbólico maior, por conta disso não

pleiteou nenhuma das secretarias da entidade. Isso, porém, não o impediu de participar do congresso, ele frequentou ativamente os espaços possíveis. Fez intervenções no debate na sede do partido que acontecera antes do congresso, e que tratei no capítulo 1, e durante as discussões do estatuto da instituição. Além disso, agiu juntamente com seu grupo em duas frentes. Em uma apoiava a candidatura à presidência de um dos seus *companheiros de corrente*, Tônico, não pertencente a seu grupo mais próximo. Em outra direção incentivou a participação em uma das secretarias da entidade de uma integrante de seu grupo, participação encarada como um processo de aprendizagem.

Apesar do desejo de se candidatar Tônico não conseguiu fazer frente ao homem indicado pelo prefeito e houve apenas uma chapa em um acordo feito praticamente entre os integrantes do PT. Tônico se tornou vice-presidente da instituição e Cláudio saiu da secretaria de comunicação e ocupou a de criança e adolescente, antes ocupada por Tônico. Cláudio justificou sua saída por conta da atuação de Tônico junto a esse segmento, principalmente a partir de sua ONG, e também por conta de Leandro Carvalho, já que essa seria uma área em que existiriam projetos de seu interesse. Passado o congresso, depois de assumirem posições simbólicas, mas não remuneradas dentro do movimento comunitário, se depararam com outras questões relativas a seus cargos comissionados. Esse momento, janeiro, ainda era considerado como muito recente para a definição de seus futuros quanto a seus *cargos comissionados*.

Mesmo tendo conseguido o cargo que pleiteava, deputado estadual, Leandro Carvalho perdeu algum espaço dentro da prefeitura em termos de ingerência sobre secretarias municipais e, em conseqüência, sobre quantidade de cargos comissionados disponíveis. Cláudio passou por problemas durante esse período de rearticulações, reacomodações e redistribuições dos cargos comissionados. Durante o período eleitoral quando perguntei a integrantes do grupo de Leandro Carvalho quais eram as secretarias que ele exercia influência me disseram que era metade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia (adiante SMDCT) e a Secretaria Municipal de Assistência Social (adiante SMAS). Estas estariam diretamente ligadas a ele. Durante os anos em que foi vereador em dois momentos Leandro Carvalho assumiu secretarias, em um primeiro a SMAS e em um segundo a SMDCT. Voltando a assumir os mandatos de vereador no período legal necessário para poder se candidatar.

Essa última troca aconteceu no ano de 2006 e em função dessa eleição que acompanhei. Quem assumiu a Secretaria de Desenvolvimento foi o suplente seguinte, que ocupava a vaga de vereador na ausência de Leandro Carvalho e é alguém ligado ao prefeito da cidade. Ter metade da influência da SMDCT significa que os cargos comissionados referentes a ela estariam divididos entre Leandro Carvalho e o atual prefeito<sup>50</sup>. Um fato que até então era externo ao município provocou uma certa mudança nos espaços dentro da estrutura municipal destinados aos políticos da cidade, a entrada de Jandira Feghali na SMDCT. Ela perdera a eleição que concorrera ao senado por muito pouco e segundo Sandro representava uma imagem positiva ao governo de Godofredo no fim de seu mandato, já que é uma política reconhecida nacionalmente. Porém, pelo que alguns integrantes do partido me disseram, ao falarem sobre um possível crescimento do PCdoB no município, ela não teria ingerência sobre muitos cargos comissionados. Apesar de serem poucos os cargos, também tive acesso à informação de que com a chegada de Jandira Feghali a essa secretaria Leandro Carvalho teria perdido muito de sua influência dentro dela.

Esse período pós-eleitoral aparece como um momento de insegurança, maior ou menor, para os que se dedicaram à campanha. Existem algumas correlações de força a serem levadas em conta além das mudanças proporcionadas pelas novas eleições, quando políticos com cargos, eletivos ou não, negociarão seu destino por um período de tempo. No caso de Leandro Carvalho, no momento imediatamente anterior às eleições, ele tinha um mandato de vereador com alguns assessores e influência mais forte em duas secretarias. Logo após a eleição ele passou a contar com um mandato de deputado, que possui assessores diretos, e perdeu o controle sobre a indicação de cargos na SMAS, e principalmente na SMDCT, onde perdeu todos. Ou seja, dentro do município ele perdeu um pouco de espaço, se medirmos a partir da quantidade de cargos comissionados na estrutura da prefeitura municipal<sup>51</sup>. É difícil precisar o número de cargos que Leandro Carvalho pode

---

<sup>50</sup> Não tenho a exata noção da influência política que esse suplente do partido e ex-secretário da SMDCT possui dentro do PT de Niterói para dizer o quanto ele determinou pessoalmente na indicação dos cargos comissionados que a secretaria tem direito. Alguns meses depois, com a chegada de Jandira Feghali, ele assumiu a presidência da autarquia no município que cuida da limpeza urbana.

<sup>51</sup> Sandro me confidenciou que Leandro Carvalho começava a pensar em ter uma influência na cidade como um todo e não ter influência direta sobre uma ou duas secretarias. Ele me disse: 'Não tem uma (secretaria), mas tem um lugarzinho em todas', segundo ele isso seria interessante para os planos de candidatura a prefeito.

indicar na prefeitura. Como é possível perceber, esse número se altera com certa frequência, de forma que é difícil contabilizá-lo.

Não acompanhei de perto essas conversas e negociações sobre a redistribuição dos cargos após as eleições de 2006, as informações que tenho foram obtidas em conversas individuais. A partir de Cláudio sei que ele mudou de secretaria passando da SMAS para a subsecretaria de Habitação, que é subordinada à Secretaria Municipal de Urbanismo<sup>52</sup>. A seguir coloco dois extratos de meu caderno de campo que obtive em uma conversa com ele após uma reunião em fim de maio e organizada por Tônico e que contava com a presença de outros integrantes da Famnit e presidentes de associações de moradores da cidade a propósito da discussão de um projeto de reciclagem de lixo:

“(Cláudio me) Perguntou se tinha sido proveitoso para mim (assistir a reunião) e eu respondi que sim. Perguntei se ia haver mais alguma atividade e ele disse que era pra eu ter calma, que ele tava voltando agora. Depois disso ele comentou que esteve exonerado. Que depois que Leandro saiu ele iria ficar rolando pra lá e pra cá e para não fazer isso, pra não ficar recebendo sem trabalhar, preferira ser exonerado”.

E mais à frente:

“Perguntei sobre esse período que ele ficara sem receber se sentia-se inseguro (financeiramente) com isso. Ele confirmou e explicou como tinha sido. Comentou sobre seu irmão, que tem um comércio e que havia lhe dito que poderia ir trabalhar junto com ele no bar, que fica em ... , que ele teria dinheiro para sustentar os dois. Cláudio comentou que seu irmão já estaria há uns 12 anos com o bar e que teria enjoado um pouco, no sentido de que seria bom dividir o trabalho. Em função desse comentário perguntei se ele estava a fim de abandonar a política e ele comentou que estava começando a pensar em dividir seu tempo e começar a ficar um pouco no bar. Lembrou do que eu comentara um pouco antes sobre ele sentir insegurança.

Falou sobre ter uma mulher e dois filhos para criar. Perguntei como havia sido essa passagem e ele me disse que recebeu em janeiro, mas não recebeu em fevereiro e março iria receber só agora em abril. Comentou que pelo menos foi perto do 13º o que havia possibilitado ele dar uma ‘segurada’. Comentei que ele sabia que não ia ficar muito tempo

---

<sup>52</sup> Essa reordenação das funções na prefeitura tem grande implicação sobre o desenvolvimento das atividades exercidas pelos que nela trabalham e podem ser acionadas como motivo pela não execução de determinada atividade. Travei contato com o presidente e o vice de uma associação de moradores que passava por um processo eleitoral que Cláudio ficara responsável em acompanhar. A prefeitura ficara de organizar um evento em abril na sua comunidade em que seria possível tirar a primeira ou segunda via de documentos como identidade, título de eleitor e carteira de trabalho, além de atividades preventivas de saúde, como medição da pressão. O evento fora cancelado duas vezes e a explicação que lhe deram por telefone foi de que era um período de ‘troca de cargos’, o que impedira sua realização. Cláudio me dissera que o problema, na primeira vez, fora a falta de pagamento à pessoa responsável por disponibilizar tendas para a proteção contra o sol.

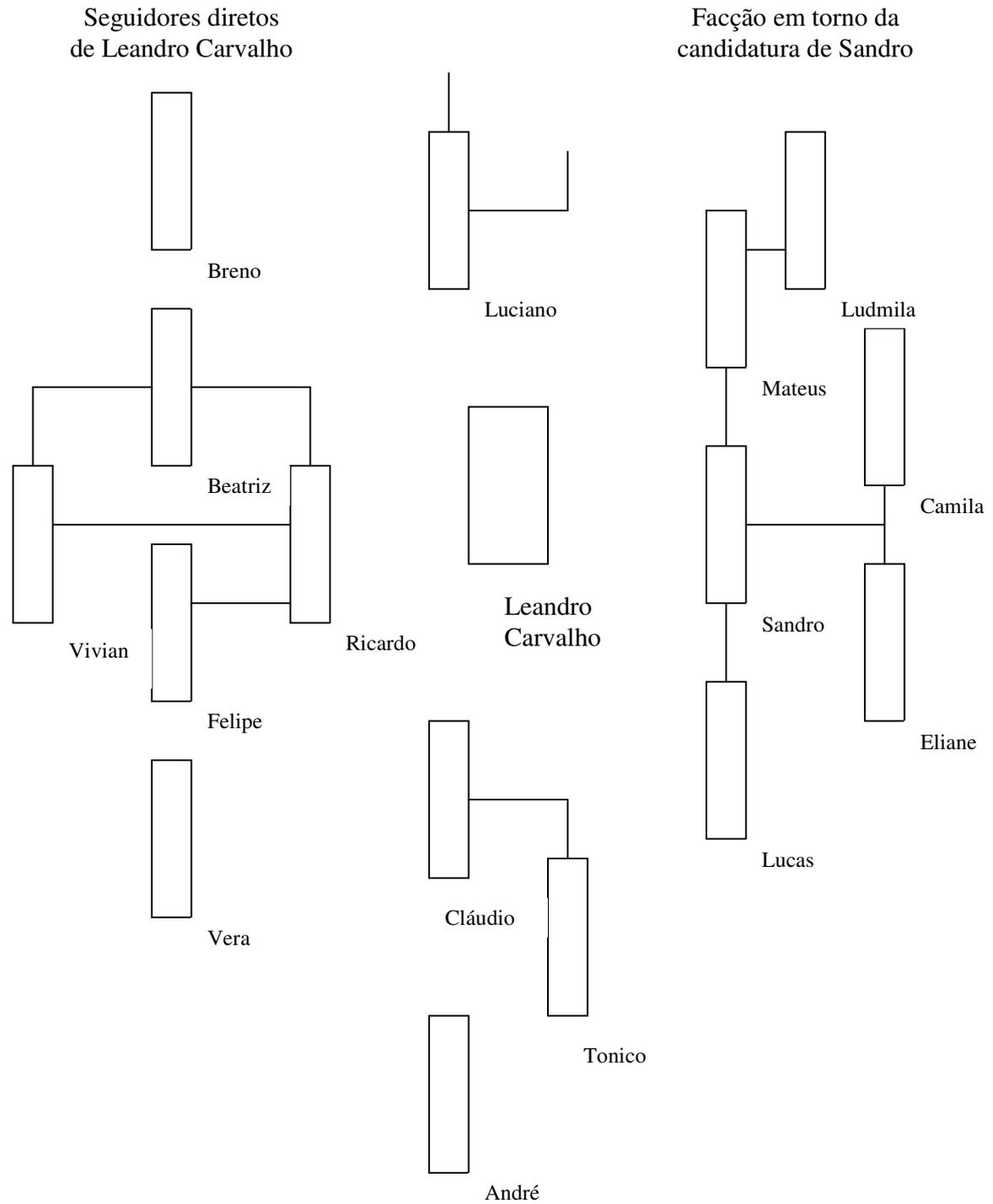
sem algo e ele comentou que Leandro havia conversado com ele e até pensando em levá-lo para o Rio, com isso eu penso em algo diretamente no gabinete, mas ele não especificou a função. Cláudio, porém, pediu pra não ir. Ele fez comentários indicando que o Rio estaria um pouco longe. Falou algo sobre sua mulher e filhos (estarem aqui) e sobre as atividades que desenvolve aqui com as associações”.

Primeiro foram preenchidos os cargos dos petistas mais próximos a Leandro Carvalho, que militam com ele há mais tempo e são assessores que ocupam postos-chave nas tomadas de decisão sobre a atuação do candidato. Esses militantes não tiveram dúvidas quanto ao recebimento ou não de seus salários nos primeiros meses do ano, apenas não tinham a exata noção de quais funções ocupariam, essa era uma decisão que cabia a Leandro Carvalho.

Ao falar explicitar o desejo de não ir trabalhar na Alerj, continuando em Niterói, ou mesmo de ‘receber sem trabalhar’, e preferir ser ‘exonerado’, Cláudio não está apresentando apenas um argumento pessoal e preferindo passar por dificuldades financeiras ao ficar alguns meses sem trabalhar. Como ele, outros integrantes da *corrente* também estavam ‘desempregados’ e depois que os primeiros foram alocados uma parte das vagas disponíveis na Alerj estavam destinadas aos aliados que trabalharam na campanha nos diferentes municípios do estado. Leandro Carvalho aumentara sua *base eleitoral* para além do município de Niterói e a esses aliados mais recentes ele adquirira *compromissos* de retribuir o apoio com a indicação de cargos. Ao falar daqueles que trabalhavam no gabinete da Alerj Vera classificou uma parte como ‘representações’, justamente essas pessoas de diferentes cidades do interior que tinham agora a função de representar o deputado nas diferentes regiões do estado.

Para os seguidores de sua cidade natal ainda poderia negociar cargos provenientes da prefeitura municipal, mas o fato de o fazer com seu principal adversário, o prefeito, lhe trouxe complicações. A partir de janeiro de 2007 abriria mão da vereança para assumir o cargo de deputado estadual, isso é diferente de abrir mão do cargo para assumir uma secretaria, acrescentando-se que o primeiro suplente era um aliado do prefeito. Além disso, a partir de acordos que extrapolaram o município, uma política de outra cidade assumiu a

## Leandro Carvalho e seus seguidores



indicação de cargos antes sob a ingerência de Leandro Carvalho. Na própria secretaria de Assistência social, antes sob seu total controle ele já não detinha todos os cargos<sup>53</sup>.

O gráfico acima representa os principais seguidores de Leandro Carvalho com atuação em Niterói. Em cada lado do retângulo que o representa estão situados os grupos que citei até aqui, além de Luciano, o aliado mais recente que foi incorporado ao séquito durante as eleições<sup>54</sup>. Durante as eleições para além das atividades do comitê o encontrei algumas vezes nos grandes eventos, nesse momento ele ainda não era filiado ao PT. Deixo na tabela apenas a indicação de que ele tem alguns seguidores e um peso relativo na dinâmica das relações dos integrantes da *corrente*.

As posições dos retângulos medem a proximidade dos seguidores em relação a Leandro Carvalho referidos aos demais companheiros dessas facções internas à *corrente*, ou seja, medem a posição de cada um deles comparados entre si em relação à sua liderança principal. Como venho demonstrando, a partir de uma divisão de tarefas a natureza da importância dos militantes para as lideranças é diferente e varia de acordo com o momento em questão. Nesse sentido, as comparações entre as facções só podem ser compreendidas em função de objetivos específicos (formulação de projetos ou de uma diretriz de ação; obtenção de votos ou delegados) e em momentos específicos (período eleitoral formal; PED; fora de eleições) em que cada uma dará uma contribuição diferenciada e atribuem à liderança a hierarquização das contribuições, possível motivo de conflito entre as facções.

Usei as linhas somente entre os integrantes de uma mesma facção indicando dentro dela aqueles que mantêm mais contatos, seja nas relações internas ao partido, ou em momentos de socialização. Entre os seguidores diretos de Leandro Carvalho o núcleo representado ao centro são militantes provenientes do *movimento estudantil* que contam com uma rede de socialização intensa, além de Vera, remanescente do GEAC/Núcleo Zona norte e Breno, incorporado à corrente recentemente. Dentro da facção em torno da

---

<sup>53</sup> É significativo que em abril do ano seguinte, durante um debate público que antecedeu a prévia em que os filiados votaram em quem seria o candidato do partido nas eleições de 2008, reclamou em sua fala que o prefeito o ‘desidratara’ se referindo aos *cargos comissionados* que possuía dentro da prefeitura e foram cortados. Além de criticar a postura do prefeito com o que chamou de ‘solidariedade da caneta’, quando ele ameaçaria retirar o cargo daqueles que não votassem em seu candidato. Até então ele afirmou ter ficado calado sobre o assunto, mas neste momento, às vésperas das prévias, funcionou como um argumento na tentativa de sensibilizar os ouvintes quanto a uma prática que considerou injusta.

<sup>54</sup> Já no ano de 2009 e no período eleitoral vi um santinho com as informações de sua candidatura a vereador. Ele se lançou candidato pelo PT, mas como já não realizava observações sistemáticas há alguns meses não tenho informações sobre seu relacionamento com os demais integrantes da *Articulação*.

candidatura de Sandro há os que entraram na rede de relações de Leandro Carvalho no final da década de 90 e outras incorporadas mais tarde em função dos contatos estabelecidos por Sandro no bairro onde nasceu e atua na associação de moradores. Quanto ao movimento comunitário a partir da recuperação de laços de parentesco Cláudio está mais próximo da liderança do que Tônico.

### **A redistribuição dos cargos comissionados**

Três dias depois da reunião promovida por Tônico (que cito no extrato de meu caderno de campo) após a ida a uma *comunidade* no Horto, conversei com Cláudio sobre suas novas funções. Antes ele estava alocado na parte de *integração comunitária*, agora ele lidará com *regularização fundiária*. Porém, ao me explicar sua nova função e eu vê-lo em atuação, percebi que basicamente não tinha tido uma grande alteração. Cláudio tem sua rede de contatos e é nela que ele baseia sua atuação. Sua função não é dentro de um escritório ou gabinete, ele tem uma atuação externa em contato diretamente com pessoas em diferentes associações de moradores. Além disso, apesar de não receber por ser integrante da Famnit, sua posição nessa entidade é um dos condicionantes do tipo de atuação que terá, e o ideal é que seu cargo tanto na secretaria anterior ou na subsecretaria seja compatível com essa lógica de atuação. Quanto à Tônico, prosseguiu sem um *cargo comissionado*, o que trouxe implicações para a relação dentro da corrente como um todo a partir da explicitação de sua insatisfação por conta dessa condição e de um processo de *racha* ocorrido, como veremos no capítulo seguinte.

Se durante o congresso da Famnit Sandro não tinha certezas quanto às funções que exerceria no ano anterior à sua candidatura, em fins de maio a situação já se desenhara. Encontrei com ele em função da eleição na associação de moradores do bairro onde atua. Não acompanhei o processo eleitoral, que pelo que fui informado envolveu cerca de 1300 moradores. Fui ao bairro no domingo seguinte à eleição. Nesse dia, os integrantes da chapa eleita ficaram na rua *agradecendo os votos* à população do bairro. A chapa eleita é ligado a Sandro, mas ele não foi o candidato à presidência nessa gestão. Seu grupo perdeu as duas

Integrantes da *Articulação* e sua situação no ano de 2006, no período de transição e durante o início de 2007<sup>55</sup>.

	Beatriz	Ricardo	Vera	Felipe	Luciano**
2006	Assessora Gabinete (Vereador)	Chefe de Gabinete (Vereador)	Chefe de Gabinete (Vereador)	Assessor direto da Secretária de Assistência social	Sem informação
Período sem cargo	Nao	Não	Sim	Nao	Sem informação
2007	Assessora Gabinete (Deputado)	Chefe de Gabinete (Deputado)	Assessora Gabinete (Deputado)	Assessor direto da Secretária de Assistência social	Sub-secretário do Horto

	Cláudio	Tonico	André	Ludmila	Breno
2006	CC na Secretaria de Assistência Social	Possuía um cargo	Sem informação	Possuía um Cargo	Possuía um Cargo
Período sem cargo	Sim	Sim	Sem informação	Sem informação	Sim
2007	CC na Subsecretaria de Habitação	Sem Cargo	Gabinete Deputado (Liberado)	Possuía um Cargo	Possuía um Cargo

	Sandro	Eliane	Verônica	Mateus	Lucas
2006	Assessor no Gabinete (Vereador)	Contratada no comitê de campanha	Possuía um cargo	Gabinete Vereador (Liberado)	Possuía um Cargo
Período sem cargo	Nao	Sem informação	Não	Sim	Nao
2007	Subsecretário do Bolsa-família	Sem informação	CC no Bolsa Família	Gab Deputado Federal (Liberado)	Assessor Gabinete (Deputado)

<sup>55</sup> O nome de Vivian não consta nessa lista pelo fato dela ser funcionária do partido e sua contratação não depender de indicações que variam com mudanças das posições das lideranças.

\* Luciano só se filou ao PT mais à frente, mas como agia como um dos seguidores de Leandro Carvalho, além de receber um cargo comissionado por indicação desse, inclui seu nome na lista.

\*\* Tanto Tonico como Eliane possuíam um cargo não remunerado na Famnit. Ele é o Vice-Presidente da entidade e ela a Ssecretária Geral.

últimas eleições e na última ele próprio veio como o presidente. Essa eleição representou o seu retorno à associação de moradores. Ele logo me informou que estava trabalhando agora na SMAS como coordenador do Bolsa Família em Niterói, lembrando que antes ele era assessor no gabinete de vereador. Assim como Cláudio, Sandro pediu para não ir trabalhar no Rio, já que isso implicaria uma ausência da cidade e seria danoso para seu projeto de se candidatar a vereador na próxima eleição.

Sandro me explicou melhor a função que exercia quando lhe visitei em seu local de trabalho. Existiam outros programas além do Bolsa Família. O Agente jovem, o programa de benefício continuado e a distribuição de vales transporte. A exceção desse último, os outros são federais. O Bolsa família e o Programa de Benefício Continuado seguem um padrão já estabelecido, ambos são programas de repasse de dinheiro do governo federal para famílias. O cadastramento é feito em locais públicos ou em comodata (como a ONG de Tônico) nos bairros. Sandro é responsável pela central do programa na cidade e as pessoas vão até ali quando têm algum problema em seus cartões. A retirada do dinheiro é feita diretamente na Caixa Econômica Federal ou nas casas lotéricas e o programa atende 12.800 famílias na cidade.

Conversei com Felipe em junho de 2007 e descobri que não passou por dificuldades como Cláudio. Apesar da perda de influência dentro da SMAS Leandro Carvalho manteve sob sua indicação o cargo de Felipe, assessor direto da secretária. Ele me disse que trabalhava há muito tempo na secretaria (desde 2001) e desejava exercer outra função, mas sabia que Leandro Carvalho tinha *compromissos* com outras pessoas, ou seja, acordos de campanha influenciaram na formação do gabinete da ALERJ, principalmente com pessoas de fora de Niterói. A manutenção de certa influência dentro da prefeitura permitia ainda a manutenção de certa quantidade de cargos, embora, como externalizou publicamente mais tarde, aquém do que considerava como de seu direito. Felipe disse ainda que não trabalha diretamente com Leandro Carvalho há seis anos. É evidente, portanto, o papel que exerce dentro da *corrente* em uma função de confiança, cuidando para que os assuntos da secretaria sigam as diretrizes propostas pela liderança principal.

Porém, se Felipe manteve a mesma posição anterior, de assessorar a secretária de Assistência Social nas decisões reconhecidas como *políticas*, mudou-se a pessoa que cuida dessa função. A secretária anterior é uma professora de serviço social da UFF que Felipe

elogiou como uma das maiores formuladoras de projetos sociais do país. Ela fora nomeada em 2001 e a época não era filiada ao PT, fora uma indicação *técnica*, ou seja, escolhida a partir de conhecimentos reconhecidos na área que atua, no caso, o serviço social. Em outro momento, Felipe fez um elogio a Leandro Carvalho como alguém que proporcionara o surgimento de lideranças dentro da *corrente* e a ex-secretária foi um dos exemplos citados. Um militante me informou que a indicação da nova secretária teria tido influência do prefeito<sup>56</sup>. Sua indicação causara certo estranhamento entre alguns integrantes do partido com quem conversei, ela não fora alguém que apoiara Leandro Carvalho em sua campanha, um dos critérios geralmente levado em conta nessas escolhas<sup>57</sup>. Apesar disso, Felipe a elogiou como uma excelente gestora, qualidade não tão acentuada na anterior, que era melhor formulando as políticas públicas. Por conta dessa capacidade, a atual conseguiu lhe motivar a continuar trabalhando.

Um evento de responsabilidade da secretaria é um bom exemplo desse seu papel interno à *corrente*. Felipe foi o responsável pela organização da eleição do conselho tutelar, que aconteceu em junho. Para a realização da eleição era necessário o cumprimento de uma série de tarefas. Foi necessário delimitar a divisão dos bairros de cada uma das três zonas eleitorais, zona norte, oceânica e centro e zona sul, separando quais bairros entrariam em cada uma dessas divisões. Cada candidato poderia concorrer em apenas uma dessas regiões, o que na prática tornava uma eleição diferente da outra em cada região. Ainda era preciso produzir e divulgar a eleição, fazer os pedidos ao TRE das urnas eletrônicas e contratar os fiscais das mesmas e cuidar de outras questões como locais de votação, geralmente em escolas e alimentação dos fiscais. Durante o período de votação, Felipe, juntamente com a secretária e mais duas assessoras, visitou os locais de votação e ao fim da eleição coordenou a apuração, que aconteceu no plenário da câmara de deputados. Finalizada a votação, comentou comigo que se orgulhara do processo eleitoral e que esse teria sido o maior que já coordenara, antes disso somente de grêmios estudantis. Na véspera teve alguns problemas, mas conseguiu contorná-los. Completou dizendo que provara ser possível organizar uma eleição com pouco dinheiro e sem muita estrutura<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> Felipe não comentara sobre essa questão.

<sup>57</sup> Ela dirige uma ONG na cidade.

<sup>58</sup> Os mesários eram, em sua maioria, funcionários da secretaria de assistência social, além de alguns da secretaria de educação, inclusive os comissionados. Aos que trabalhassem na eleição teriam direito a folga no

Sandro me explicou as funções dos conselheiros tutelares e apontou duas principais. Uma que considerou mais abstrata, relativa à luta pela implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e outra, mais objetiva, a resolução dos casos específicos levados para que os conselheiros resolvam, o que chamam de estudos de caso. Por conta dessa última função Sandro comentou que eles deveriam ir duas vezes na semana à secretaria, mas como são cinco conselheiros dividem os dias da semana e cada um dá um plantão por semana. Existem alguns ‘técnicos’ para assessorarem as atividades. O salário é considerado atrativo, na prática exige apenas um dia na semana, além de possibilitar uma atuação ligada à população em um segmento que Tónico, p. ex., já tem.

As atividades da ONG de Tónico são voltadas para esse público. Em uma primeira direção existem atividades esportivas com instrutores, como futebol de salão, para meninos, e voley, atividade que as meninas também participam. Há também aulas de balé, atividade essencialmente feminina. A segunda direção engloba a família e suas preocupações estão de acordo com o ECA. A psicóloga é uma ‘técnica’ responsável por cuidar, no exemplo de Tónico, de ‘famílias desestruturadas’, e a preocupação principal é em relação às crianças. A assistente social se responsabiliza pelos programas de transferência do governo federal. A ONG se localiza próximo ao bairro onde mora, e também atua, é evidente a tentativa de constituição de uma base eleitoral a partir de sua atuação com crianças e adolescentes.

Nesse sentido, colocar-se como candidato na eleição do conselho tutelar era uma forma de dar continuidade a um tipo de trabalho que já desenvolvia. Assim Tónico o fez, porém, antes de serem votados nas urnas os candidatos realizam uma prova sobre o ECA, com direito a consulta. Parte dela consiste de questões objetivas e a outra parte subjetiva, onde deve-se dissertar sobre estudos de caso. A prova torna os candidatos aptos ou não a concorrerem. Era necessário fazer 50% da prova. Não acompanhei sua realização e as informações que obtive foi de um alto grau de reprovação, o que se refletiu no número de candidatos. Em cada área se elegem 5 conselheiros e 5 suplentes. Na região centro de zona sul, p. ex., somente 5 candidatos concorreram. Tónico não foi aprovado na prova. Presenciei uma conversa com uma *liderança comunitária* onde comentava sobre a mesma.

---

dia seguinte. Os técnicos do TRE responsáveis pelas urnas eletrônicas receberam o pagamento de uma diária. O gasto total com todos foi de cerca de R\$ 4500,00.

Considerava que o peso maior deveria ser dado aos estudos de caso, ao que teria sido aprovado, já que era baseado neles que os conselheiros atuam.

Além do salário e da atuação em um segmento social, um outro fator que influencia em considerar o conselheiro como um *cargo comissionado* indireto, é o desempenho de integrantes de *correntes* do partido durante o processo eleitoral. O grupo ligado a Sandro foi um deles, mas em uma situação inusitada. A princípio Sandro apoiaria Tônico, a contragosto, como veremos no capítulo seguinte, por ele ser o *companheiro* da *corrente* que concorreria à função. Como Tônico não pôde concorrer Sandro apoiou um *companheiro* do partido de outra *corrente*, mas também militante do movimento comunitário<sup>59</sup>. Embora esse *companheiro* atue em um bairro relativamente próximo ao de Sandro, na divisão dos bairros foi classificado como região oceânica. Dessa forma, Sandro não poderia mobilizar sua *base eleitoral* localizada fundamentalmente no bairro onde atua, classificado como zona norte<sup>60</sup>.

Durante o agradecimento pelos votos obtidos na eleição da associação de moradores o candidato que Sandro apoiaria durante a eleição trouxe os seus materiais de campanha, minutos antes ele jogara futebol no campo de futebol em frente ao local onde Sandro e integrantes de seu grupo estavam<sup>61</sup>. Ele entregou a duas integrantes que atuam junto de Sandro, que foram responsáveis por auxiliar o referido candidato. Ao acompanhar a metade do dia de votação juntamente com as duas pude perceber as limitações do apoio que poderiam conceder.

---

<sup>59</sup> Conversei com Sandro sobre o motivo de não ter apoiado outro candidato à eleição do conselho tutelar. Ele falou primeiro sobre as prioridades de seu grupo, seu objetivo principal era voltar à associação de moradores. É extremamente simbólico que seu grupo retorne à associação em função da candidatura de Sandro a vereador. Perder uma eleição na área que considera sua *base eleitoral* seria danoso para sua imagem. Mesmo assim, nesse momento havia um importante integrante de seu grupo desempregado, sem um cargo comissionado. Poderia ser interessante que se candidatasse. Sandro falou do desgaste dentro que teria dentro do partido propondo um nome, já que a expectativa era de que Tônico, que também estava sem cargo e ainda atuava na área, fosse candidato.

<sup>60</sup> Durante a votação no bairro que Sandro considera como sua *base eleitoral*, vários eleitores não puderam votar. Na maioria dos casos, a sessão em que votam nas eleições gerais é aquela onde se localizava a urna, mas na divisão feita em função dessa eleição o bairro foi classificado como região oceânica, outro distrito eleitoral, e o local de votação seria em outro bairro. O mesário que acompanhava Sandro cometeu o erro de iniciar o processo de votação e descobrir depois que o eleitor fora classificado e outra região algumas vezes. Sandro pediu desculpas aos que se encaminharam à sessão que coordenava e explicou onde se localizava a outra. Muitos explicitaram que consideravam o local longe e que desistiram de se encaminharem ao novo local. Isso mostra como não é totalmente clara cada área de atuação de cada grupo de conselheiros.

<sup>61</sup> Na segunda entrevista que realizei com Sandro ele ressaltou a importância do campo de futebol no cotidiano do bairro e que foi depois de uma partida de futebol que recebeu seu primeiro convite para disputar a eleição na associação de moradores.

As duas me disseram que não se engajaram muito na campanha, estavam ‘só dando uma moral’. Percebi que estavam com muito material de divulgação, que não foram distribuídos. Uma delas teria alguns amigos por ali e pediram votos a eles. Helena, a outra, me disse que entraram em contato com cerca de 40 pessoas, muitos deles contatos indicados pelo próprio candidato. Ela chamou a atenção para o fato de que não tinha muita noção de quantos de fato votariam nele, o que acreditava que conseguiria se estivesse no bairro onde atuam, onde conhece os moradores. ‘Somos liderança lá, então as pessoas se comprometem, ao contrário daqui’. Continuou falando sobre conhecidos e vizinhos e completou: ‘como não conheço as pessoas aqui, não tenho noção de quem votou em...’ e falou o nome de seu candidato. Essa sua fala remete ao tipo de desempenho que considerava possível nessa eleição e ao desempenho que possui em seu bairro.

Na região oceânica os integrantes da facção de Sandro não podiam acionar sua rede de contatos que mobilizam em seu próprio bairro a partir de uma série de relações que mantém com seus vizinhos, amigos e conhecidos. Assim, o apoio que concediam ao candidato nessa eleição, não tinha as mesmas características do trabalho que realizavam em seu próprio bairro. Nesse local, poderiam apenas pedir o voto em nome do candidato a conhecidos dele, distribuir o material de campanha, como anônimas, e pedir o voto de uma forma diferente para alguns conhecidos seus. Sua fala também chama a atenção para o caráter territorial da noção de *base eleitoral*, embora esteja baseada em relações pessoais estabelecidas mais do que a um sentimento de pertencimento a uma mesma unidade geográfica. Porém, essa unidade é uma das variáveis que permite a criação de vínculos como o de vizinhança.

Uma reclamação comum entre àqueles que participaram da eleição de alguma forma foi a pouca propaganda institucional realizada. Dessa forma, a mobilização dos eleitores, em uma eleição não obrigatória, esteve principalmente a cargo dos próprios candidatos, o que dificultou o trabalho de Helena e sua *companheira* atuando em um local sem muitas relações previamente constituídas. Soma-se ainda alguns significados atribuídos à eleição que Helena chamou a atenção a partir de dois exemplos que presenciara. Uma mulher acreditava que só poderia votar na eleição do conselho quem tivesse um ‘filho pequeno’ e

outra possuía uma imagem negativa do conselho tutelar, que em sua opinião agiria para ‘tirar o filho’, para ‘tirar a guarda da mãe’<sup>62</sup>.

A partir dessa distribuição e reorganização dos cargos é possível perceber uma importância relativa entre os envolvidos. Cláudio e Tônico possuem um tipo de atuação que é mais valorizado próximo ao período eleitoral, ao contrário de Felipe. Este possui uma atuação mais interna ao partido, é um homem de confiança, e o fato de participar da executiva municipal do PT de Niterói, como secretário de finanças, e ser integrante do diretório Municipal do partido, mostram sua qualificação para isso. O desempenho de Felipe não é medido pela quantidade de votos que pode ser referida como sendo obtida por ele ao fim da eleição. Sua função está relacionada ao cotidiano da implementação de políticas públicas na cidade. Expectativa semelhante à atribuída a Sandro no momento em que assume a coordenação do Bolsa Família na cidade, um dos principais programas sociais do governo do presidente Lula.

Por outro lado, há também a expectativa de que Sandro mobilize determinada quantidade de votos. Logo após a divulgação do resultado final, quando comemoravam a vitória de Leandro Carvalho, o primeiro assunto de Sandro comigo quando nos encontramos foi justamente a quantidade de votos que Leandro Carvalho obtivera em seu bairro, ou seja, dizia com orgulho que ele e sua facção fizeram um bom trabalho. Essa é exatamente uma diferença importante entre Sandro e Cláudio. Enquanto o primeiro é responsável por organizar uma coletividade dentro da *corrente*, o segundo trabalha de forma conjunta com Tônico como um igual. Sandro é responsável por discutir com os integrantes de sua facção e traçar diretrizes de atividades que serão divididas entre eles<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Vou tratar do III congresso nacional do PT com mais detalhes no capítulo seguinte. O evento objetivava eleger delegados para outra fase estadual e nacional do congresso que aconteceria em agosto. Quero apenas apontar aqui a repetição de algumas características da atuação dos referidos petistas tanto na eleição de 2006, como na eleição do conselho tutelar. Novamente Felipe assumiu uma função interna ao partido em função de sua posição de tesoureiro na executiva municipal. Ele ficara responsável por receber o dinheiro relativo à taxa anual que cada filiado deve pagar, tarefa que consome todo o período de votação. De Cláudio e Tônico esperava-se que mobilizasse determinada quantidade de filiados para votarem na chapa da *articulação*. Sandro ficara boa parte do dia cuidando de uma conferência concomitante ao evento em que falaria das atividades desenvolvidas em sua secretaria para a população em geral. Os integrantes de seu grupo mobilizaram filiados durante o dia. Um deles era candidato a participar da convenção nacional.

<sup>63</sup> No III congresso, p. ex., uma integrante do grupo de Sandro estava em suas mãos com uma lista com nomes de filiados do partido a serem mobilizados para a votação. Estava escrito ‘mobilização Sandro’, ou seja, a

Cláudio e Tônico apesar de trabalharem de forma conjunta, têm suas atuações avaliadas de forma individual.

Como ficou evidente para Cláudio, Felipe e ainda para Tônico, Leandro Carvalho teve dificuldades na realocação de seus seguidores nos cargos que lhe eram disponíveis. Cláudio permaneceu sem cargo por um período, Felipe não pôde mudar de função e Tônico prosseguiu sem um cargo comissionado. Conversei com Sandro em 2008, quando começava o período de campanha em que se candidataria a vereador pela primeira vez, sobre sua experiência coordenando uma política pública. Nesse momento ele já saía da coordenação do Bolsa Família cumprindo a exigência da justiça eleitoral de descompatibilização de cargos públicos para poder se candidatar. Para esse período, a princípio até o fim do ano (quando termina o atual mandato do prefeito), Felipe assumiu a função. Sandro lembrou das dificuldades que Leandro Carvalho teve na indicação dos *cargos*, da falta de opções e que teria condições, se não fosse por isso, de ter ocupado uma função que consideraria melhor, como uma subsecretaria. Alguns líderes de outras *correntes* ocupam funções em subsecretarias. Apesar desse descontentamento, essa experiência o colocou, segundo ele, como o candidato a vereador mais preparado para lidar com assuntos relativos à assistência social e citou o exemplo de outro vereador que fora durante determinado período secretário de educação e que Sandro considerava como o mais preparado para lidar com os problemas da educação. Dessa forma, a ocupação da função lhe fornece credenciais para disputar a eleição em melhores condições.

O recebimento de um *cargo comissionado* é uma das maneiras pela qual determinado petista tem sua importância reconhecida pela liderança e pelo restante da *corrente*. Em função de disputas entre a liderança da *corrente* e o atual prefeito, o detentor dos *cargos comissionados*, foi compreensível para os integrantes da *Articulação* que Leandro Carvalho não conseguisse a quantidade de cargos que considerava necessário para distribuir adequadamente seus seguidores. Havia uma ordem de prioridades no preenchimento desses cargos e os quatro não tiveram muitas opções em negociar com sua principal liderança posições que considerassem ideais. Leandro Carvalho realocou primeiro os que estão ao seu lado há mais tempo, e com os quais consolidou uma relação de maior

---

mobilização foi feita de forma conjunta. Cláudio e Tônico, ao contrário, mobilizaram de forma individual. Cada um tinha determinada quantidade de filiados atribuídos a si.

confiança e dívidas mútuas ao longo de sua trajetória. Esses receberam funções-chave para a continuidade do exercício das políticas públicas, as posições de comando. Como assessor direto da Secretária de Assistência Social, Felipe cuida para que as diretrizes decididas por Leandro Carvalho e o restante da *corrente* sejam cumpridas. Sandro recebeu a responsabilidade sobre uma política pública que engloba milhares de famílias na cidade.

Cláudio, por sua vez, tem uma atuação em comunidades não considerada essencial no cotidiano como as duas funções anteriores. Por conta disso, teve uma instabilidade financeira, diferentemente dos outros dois. Tônico teve ainda uma situação agravada em relação a esse último e se manteve por mais tempo sem o recebimento de um *cargo comissionado*. Como trato no capítulo seguinte, esse foi um dos motivos pelo qual Tônico *rachou* com os demais integrantes da *Articulação* e iniciou uma relação com outra liderança.

Um *racha* é um longo processo que começa com insatisfações de uma das partes em relação a membro(s) de uma coletividade. Aqueles integrantes que construíram laços mais fortes, que constituíram mais dívidas mútuas e uma relação de lealdade e confiança terão mais dificuldades em se separar. Além de ser atribuído a ambos determinada *base eleitoral*, e apesar do reconhecimento por parte dos outros integrantes da *Articulação* de que Tônico possuía uma maior que a de Cláudio, esse não foi o principal critério no momento da concessão do cargo em relação aos dois. A dedicação pessoal à liderança também é medida e avaliada mutuamente.

Ainda durante as eleições, em uma atividade de campanha no segundo turno, eu conversava com um dos integrantes da facção de Sandro. Falamos sobre Cláudio, depois que eu puxei assunto, e ele comentou que Cláudio era ‘puxa-saco de Leandro Carvalho’. E continuou: ‘reclama muito ‘vocês só me procuram na época da eleição’, mas é só o Leandro (Carvalho) falar mais grosso que ele vai: ‘Cláudio, faz isso’; ‘Sim senhor’’. Essa é uma frase que deve ser entendida no contexto de disputas e troca de acusações não publicizadas entre integrantes da facção de Sandro e Cláudio e Tônico. Esses dois pretendiam (até o *racha*) uma maior preponderância em relação à interlocução com o *movimento comunitário* em nome da *corrente*, o que lhes proporcionaria um novo status para além de militantes apenas com *bases eleitorais* constituídas. Embora *puxa-saco* seja uma expressão pejorativa,

também pode ser compreendida, e assim o é por Cláudio, como uma dedicação do seguidor para com sua liderança. E essa sua dedicação também é recompensada.

Quanto à divisão “eleitoral” e “pós-eleitoral”, ela precisa ser aprofundada em relação ao que tratei nesse capítulo. Essa era uma eleição para deputado e que a principal liderança da *Articulação* concorria, situação que conseguiu aglutinar todos os seguidores e diminuir significativamente a disputa interna, portanto, um momento de união. Nesse momento todos os integrantes da corrente trabalharam de forma conjunta na eleição de sua principal liderança, então vereador, pois o destino de todos estava àquele momento em xeque. Uma possível derrota eleitoral prejudicaria todos os seus seguidores. Parte dessas implicações se referem aos *cargos comissionados* que cada um dos cargos eletivos possui direito. A concessão de determinado cargo por parte da liderança a um determinado seguidor é uma forma importante de manutenção dos laços de interdependência entre ambos. A lealdade à liderança é um critério importante para o recebimento de um cargo.

O “pós-eleitoral” tratado aqui refere-se às implicações imediatas após as eleições, é no próximo capítulo que vou tratar de um ano “não-eleitoral”, segundo o calendário formal, e que exatamente por isso concentra as disputas dentro dos movimentos sociais e do partido. Já não é um período de união, como as eleições de 2007, além de ser também considerado um período “pré-eleitoral” em relação às eleições municipais de 2009 em que há grande quantidade de candidatos a vereador. Portanto, Existem momentos em que os integrantes das *correntes* mantêm mais unidos e toda ela age como uma única facção e outros em que existe a formação de facções dentro da própria *corrente*.

### Capítulo III - Um *racha*

No capítulo anterior mostrei como o *cargo comissionado* se relaciona com a forma de atuação de cada militante. Além da lealdade à liderança, é necessário deter certas habilidades e características para o exercício da atividade política. A atuação objetivando ou não a constituição de uma *base eleitoral* junto a *comunidades* foi enfatizada. Além disso, mostrei uma parte do calendário de disputas, o “ano eleitoral”, trato agora de um ano “não-eleitoral”, completando, assim, um ciclo. Aqui a ênfase recai sobre o fato de os cargos serem vistos atualmente como uma importante forma de manutenção dos laços de interdependência entre líder e seguidor.

Os critérios para redistribuição dos cargos possuem certo grau de subjetividade, de modo que esses momentos, que também seguem um calendário, são carregados de tensão, mas com intensidades diferentes dentre os militantes. Pude observar insatisfações mútuas entre os integrantes da *Articulação* através de um processo de *racha* dentro da mesma ocorrido durante meu trabalho de campo. Os *rachas* devem ser entendidos como processos paulatinos que envolvem coletividades dentro do partido. Geralmente não possui uma única causa, e por ter esta característica torna-se difícil precisar um início, ao contrário de seu desfecho, o momento de estopim, que é delimitado. E quando o *racha* vem à tona é importante precisar também o período ocorrido.

As *correntes* se configuram de uma forma que em algumas situações são possíveis diferentes alianças e há possibilidades de migrações entre elas. O *racha* foi uma das configurações possíveis da *articulação* e do partido em um determinado momento. Alguns de seus integrantes me diziam que o *racha* havia partido de Tônico e a partir destas acusações, considereei que um dos caminhos possíveis para compreensão deste processo seria buscar explicitar a atuação política de Tônico, sua posição no interior da *articulação* e do PT e suas aspirações.

Como disse no capítulo anterior, a partir do momento que Leandro Carvalho assumiu o mandato de deputado estadual ele perdeu cargos que possuía na cidade de Niterói e durante a redistribuição dos cargos Tônico foi preterido em detrimento de outros, ficando durante quase todo o ano de 2007 sem um cargo. Ele só ocupou um em novembro, após *rachar* com a *articulação* e se tornar um dos seguidores de outra *liderança*. Esta

liderança é ligada ao prefeito Godofredo Pinto, principal adversário de Leandro Carvalho dentro do partido.

Acompanhei dois processos eleitorais internos ao PT. O primeiro foi o III Congresso Nacional, que acontece mais ou menos uma vez a cada década e o PED, o processo de eleições diretas para a escolha das direções partidárias nos diferentes níveis (nacional, estadual e municipal). O PED acontece nos anos sem eleições, ou seja, nos anos ímpares. No caso do congresso há a eleição de delegados estaduais e nacionais. No caso do PED, no nível municipal, são escolhidos a *executiva* e os membros do diretório<sup>64</sup>. A relativa proximidade dos dois eventos partidários (quatro meses) deu a Tunico um poder de negociação que não teria em outra circunstância. Ao fim do segundo evento, o PED, ele já estava inserido em outro grupo dentro do partido e integrava a executiva municipal do partido para um mandato de dois anos. Em pouco tempo ele viu suas chances de ascensão partidária aumentarem significativamente.

Durante o ano de 2007 presenciei algumas disputas que explicitam uma interligação entre o calendário formal de disputas eleitorais (os anos pares) e um calendário de disputas dos movimentos sociais e do próprio partido. Primeiramente apresento os projetos de Tunico, com os quais busca constituir uma *base eleitoral*. Em seguida descrevo um evento interno ao partido, a etapa municipal do III Congresso Nacional do PT, quando os integrantes do PT se mobilizaram para eleger delegados para as fases seguintes (estadual e nacional). Durante este Congresso, Tunico começou a dar sinais de suas insatisfações com Leandro Carvalho, principalmente por permanecer um período prolongado sem um *cargo comissionado*. Antes de concluir com a saída definitiva de Tunico, exponho rapidamente o modo como o prefeito manipula os *cargos comissionados* como uma forma de construir alianças e conseguir seguidores. Por fim, concluo com a definição do *racha*. Antes do evento interno ao partido seguinte, (o PED) em dezembro, Tunico era um integrante da facção do prefeito.

---

<sup>64</sup> São 31 os membros do diretório e ele é a instância soberana do partido no município e há uma proporcionalidade, em relação às *correntes*, quanto à distribuição das vagas de forma que uma *corrente* que tenha tido poucos votos garanta pelo menos um membro na gestão. Além do diretório, existe a executiva. São 13 diretores escolhidos entre os membros do diretório. São eles que decidem sobre questões importantes do partido durante o mandato.

## Os projetos de Tónico

Tónico possui um perfil de contato com a população mais do que uma inserção dentro do partido, assim como Cláudio, ele também busca constituir uma *base eleitoral*. Próximo ao fim do primeiro turno da campanha que elegeu Leandro Carvalho deputado estadual Tónico me confidenciou que desejava ser candidato a vereador na próxima eleição, mas que ninguém sabia disso. Estávamos em seu carro nos direcionando a uma atividade de campanha. Uma das questões que me intrigava naquele momento era saber o que determinada pessoa precisa para se candidatar. Quando sondava com outros integrantes da *articulação* sobre possíveis candidaturas a vereador, o nome de Tónico nunca foi citado. Porém, tanto a ONG que ele dirigia, que apresento mais à frente, como a cooperativa de catadores de lixo que organizou se inseriam como tentativas de construir uma *base eleitoral*, além de proporcionar o estabelecimento de vínculos com as pessoas empregadas diretamente por ele. Assim, um dos compromissos estabelecidos por aqueles que constroem esse tipo de vínculo, mesmo caso daqueles que ocupam *cargos comissionados*, é de trabalhar nas campanhas da própria pessoa com a qual se conseguiu o trabalho ou na de alguém que esta pessoa apóie, como pode ficar claro em uma conversa que tive em 2007 com uma mulher que trabalhava na ONG dirigida por Tónico.

Esta mulher me explicou o modo como sua mãe intermediara para que ela trabalhasse juntamente com Tónico em sua ONG. Primeiro ela me disse que aquela região é a *área* de sua mãe. Ela é vendedora de uma bebida láctea e a partir dessa atividade conheceu muitos moradores do bairro e Tónico era um de seus clientes. Na eleição de 2004, Tónico reconheceu a potencialidade de sua mãe em conseguir votos para seu candidato e se comprometeu a lhe conseguir um emprego para alguém que indicasse. Nesse momento, ela já falara que sua filha estaria desempregada e deu-lhe a qualidade de ser 'trabalhadora'. Quando conversamos, ela trabalhava com Tónico há cerca de dois anos e sobre a eleição de 2006, falou da obrigatoriedade de dedicar parte de seu tempo em algumas das atividades. Em seu caso ela segurava uma bandeira com o número de Leandro Carvalho em frente a um local de grande movimentação no centro da cidade. Ela fazia isso depois de seu expediente e 'apenas' uma vez por semana. Havia outras mulheres que trabalhavam na ONG e cada uma delas ia uma vez por semana. Sobre essa frequência comentou sobre

terem levado *esporro* em uma reunião com coordenadores da campanha de Leandro Carvalho por estarem participando de poucas atividades. Na ONG ela é responsável pelo Bolsa Família. Atende aqueles que chegam com dúvidas e se houver algum problema que não possa resolver os encaminha à sede do programa, que nesse momento era dirigida por Sandro.

Não lhe perguntei se era filiada ao partido, mas essa costuma ser outra das obrigações adquiridas por quem consegue um trabalho indicado por outro envolvido na política, como fora o seu caso.<sup>65</sup> Uma relação semelhante é estabelecida com aqueles que trabalham na condição de comissionados em alguma das secretarias e subsecretarias da prefeitura ou mesmo da câmara de vereadores. Existem alguns níveis de *cargos comissionados*. Nos níveis mais baixos, com salários menores, essa relação tende a fazer sentido. Nesses casos, o comissionado geralmente possui menos condições de barganha e a participação em uma série de atividades é entendida como uma forma de retribuição pela ocupação do cargo, uma obrigatoriedade geralmente tácita. Nos cargos médios e altos a relação costuma ser mais complexa, já que geralmente envolve outros acordos estabelecidos. No caso do prefeito, ele concede a *correntes* e facções dentro do partido (ou a lideranças de outros partidos) o controle sobre determinada secretaria ou subsecretaria em troca de apoio quando considerar conveniente.

Particpei de uma palestra organizada por Tônico para expor o projeto de organização de uma cooperativa dos catadores de lixo junto a trabalhadores dessa área. Tônico estava à mesa juntamente com um homem representando o presidente da Clin, uma autarquia que cuida da limpeza da cidade, o presidente da Famnit e o representante do conselho consultivo da entidade<sup>66</sup>. Nesta palestra uma mulher de uma ONG que atua em projetos de economia solidária falava aos presentes sobre os benefícios e a vantagem na constituição da cooperativa com catadores de lixo. A principal delas se relacionava ao preço final da mercadoria, que teria um aumento significativo e deu o exemplo de um

---

<sup>65</sup> Em 2004 acompanhei alguns advogados que trabalharam na campanha eleitoral do candidato do PMDB no município. A função era a de defendê-lo nas causas referentes à campanha. A estrutura de trabalho foi montada em um escritório no centro da cidade que pertence a um outro político da cidade que apoiava sua candidatura. Havia também, três mulheres que trabalhavam como secretárias, servindo café, ou atendendo alguém que chegasse. Uma das tarefas que eram obrigadas a participar durante a campanha eram as caminhadas juntamente com o candidato. Um número maior de participantes é percebido como uma demonstração da *força* do candidato.

<sup>66</sup> Não fui a nenhuma reunião desse conselho, me explicaram que é o relativo ao legislativo na entidade.

produto geralmente vendido por R\$ 0,40 e que conseguiram vender por até R\$ 1,10. Mas para conseguir isso seria preciso uma mudança na concepção da relação com o produto da venda, geralmente vendido imediatamente e em pequenas quantidades. Com o novo sistema os produtos seriam vendidos em toneladas. Haveria um caminhão que os coletaria diariamente nas comunidades e seria vendido no que ela chamou de “mercado do lixo”, onde haveria uma flutuação do preço dos materiais reciclados, mas sempre acima do que é pago pelos ferros-velhos.

Alguns dias depois me encontrei com Cláudio em uma comunidade do Horto, neste dia haveria uma atividade que foi cancelada pela prefeitura, ele foi levar uma faixa marcando a nova data. Fui embora junto com ele e pude saber de outro ‘projeto’ que Tônico e ele tentavam implementar. Tratava-se de projeto a ser feito a partir de uma emenda parlamentar e estavam a espera da liberação da verba. Este projeto seria realizado junto a várias comunidades da Zona Norte e teria como público alvo crianças e adolescentes. Cláudio me explicou que tiveram um problema ‘burocrático’ na denominação do projeto, pois ‘queriam’ colocar outra faixa etária (não disse quem era o deputado que procurara). Essa mudança da faixa etária seria um problema por conta da atuação de Tônico junto a esse público. O objetivo era justamente o de ocupar o tempo de crianças com atividades, partilhando a concepção disseminada em várias políticas públicas de ocupação do tempo de crianças em ‘áreas de risco’, comunidades, e que supostamente seria uma forma de mantê-las afastadas do tráfico de drogas. Havia dúvidas quanto ao momento da liberação da verba.

Como bem mostrou Bezerra (1999), muitas vezes deputados e senadores possuem mais demandas do que são suas capacidades de atendê-las. Uma das formas de resolver esse problema é incluir as demandas de suas *bases* no orçamento, mesmo reconhecendo-se previamente que não haverá recursos para atender à todas emendas. Cerca de dois meses depois, quando visitei sua ONG, Tônico falava de forma animada do projeto de reciclagem e não falou muito sobre esse segundo projeto. Alguns meses depois Cláudio me disse que este projeto estava ‘emperrado’, mas, de qualquer forma, a apresentação do projeto mostra uma atuação em determinada direção.

Desde a primeira reunião sobre o projeto de reciclagem (27/03/07) pude perceber um aumento do número de referências a José Neto por parte de Tônico e Cláudio. Ele foi

presidente da Clin durante o ano de 2007 e nesta reunião foi representado por um dos funcionários da autarquia. No período eleitoral de 2006, por exemplo, já tinham contato. Lembro-me de ter presenciado uma ligação de Cláudio a José Neto durante o período eleitoral<sup>67</sup> para tratar sobre boqueiros<sup>68</sup> no dia da eleição, bem como encontros no segundo turno da campanha de 2006.

Cerca de oito meses depois, no início de dezembro aconteceu o PED. Nesse momento Tónico já não pertencia mais à *Articulação*. Não é de se surpreender que ao *rachar* com a *Articulação* e, conseqüentemente, com Leandro Carvalho, Tónico tenha migrado para a facção de José Neto. Esse não pertence a uma *corrente*, e sim ao que Felipe chamou de GAP (grupo de amigos do prefeito), que, como expliquei no capítulo I, agrupa uma séria de lideranças menores que possuem certa autonomia frente ao prefeito, de uma forma semelhante à relação de Sandro com Leandro Carvalho. Uma diferença relevante entre a relação das duas lideranças com seus respectivos seguidores está na posição que Godofredo Pinto ocupa, prefeito municipal, e na disponibilidade de *cargos comissionados* possibilitada por ela.

### **A Famnit e o III Congresso Nacional do PT**

No final de dezembro de 2006, participei de uma *reunião* na sede do partido que teve como ponto de discussão o posicionamento do PT frente ao Congresso da Famnit que aconteceu no mês seguinte. Além de presenciar a forma como integrantes das diferentes *correntes* lidavam com o *movimento comunitário*, esta ocasião ainda me possibilitou começar a perceber as diferenças internas dentro da *Articulação*. Duas são evidentes: de um lado Sandro e seus seguidores e de outro Tónico e Cláudio. Durante a campanha de 2006 Sandro assumiu posições de coordenação na principal área de atuação de Leandro Carvalho. Ele era responsável pela coordenação do comitê, além de controlar a distribuição

---

<sup>67</sup> Durante o período eleitoral de 2006 José Neto era o secretário de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia, cargo anteriormente ocupado por Leandro Carvalho, que teve de reassumir o mandato de vereador por conta de exigência de descompatibilização de *cargos comissionados* feita pelo TSE. O vereador suplente que ocupava a vaga era justamente José Neto.

<sup>68</sup> Boqueiro é a forma como se chamam aquelas pessoas contratadas exclusivamente para trabalhar para o candidato no dia da eleição. Eles fazem a boca-de-urna, que legalmente é proibida, mas uma atividade disseminada durante o dia da eleição. Nesse ano houve uma maior repressão por parte do TSE e a atividade diminuiu sensivelmente.

do material de campanha em todo o estado. Fora da campanha era também assessor no gabinete de Leandro Carvalho, então vereador. Com a vitória de Leandro Carvalho na disputa a deputado estadual ele pôde pleitear uma vaga como vereador, objetivo compartilhado por outros militantes da *Articulação* que vêem Sandro como uma segunda liderança dentro da *corrente*. Tônico, por sua vez, não possui um grupo constituído dentro da *corrente* tal qual Sandro, mas atuava de forma conjunta com outra liderança também do movimento comunitário, Cláudio.

Durante o Congresso soube que Tônico não seria candidato à presidência da Famnit, como era seu intento inicial. Houve um acordo e ele seria o vice-presidente em uma chapa única. Sandro inicialmente apoiara a candidatura de Tônico à presidência da Famnit por ele ser um companheiro de sua *corrente*, mas em momento posterior fez críticas à sua candidatura. Defendeu que as duas possíveis chapas que se formariam não seriam programaticamente diferentes, seriam apenas mais ou menos governistas. As duas chapas eram encabeçadas por integrantes do PT, assim como a maior parte dos integrantes dessa nova gestão. Em seguida Sandro valorizou o apoio dele próprio e de seus seguidores para que Tônico conseguisse ser o vice-presidente da entidade, “arrumamos uma boquinha para Tônico” e completou afirmando que ele sozinho não teria representação para isso. Em um mesmo tom de demarcação da diferença entre ambos Cláudio comentou comigo que ele e Tônico estiveram juntos de Sandro por conta da eleição, mas que na verdade eram grupos separados. Comentou ainda sobre uma integrante da facção de Sandro que também participaria da gestão em uma posição de aprendizagem. As funções dentro da Famnit não são remuneradas, mas participar da entidade é simbolicamente importante para aqueles que atuam no movimento comunitário. É uma entidade com determinado peso na organização desse movimento na cidade, seus integrantes freqüentam diferentes comunidades como representantes da instituição e têm atuações conjuntas.

Mais do que discutir se Tônico teria ou não representação para ser o vice-presidente da instituição, torna-se significativo que o pertencimento a uma *corrente* possibilita uma forma conjunta de atuação e o apoio recebido, como se viu, é uma dessas formas. Porém, somente isso não bastava para Tônico. A partir do momento que Leandro Carvalho assumiu o mandato de deputado estadual ele perdeu *cargos* que possuía na prefeitura de Niterói em suas negociações com o prefeito, seu principal adversário dentro do partido. Obviamente

Leandro Carvalho conseguiu uma outra quantidade de *cargos comissionados* na ALERJ, mas também possuía uma série de compromissos a saldar com lideranças do interior do estado que participaram de sua campanha e uma importante forma era justamente com nomeações na ALERJ. Algumas lideranças da *articulação* que possuíam uma atuação mais voltada para a população em Niterói foram preteridas nessa redistribuição, essas vagas foram preenchidas por pessoas com uma função mais burocrática, além de *liberados* (que possuem uma hierarquia inferior nos cargos). Cláudio foi um deles, mas ficou sem um cargo apenas por alguns poucos meses. Tônico teve uma sorte pior, ficou durante quase todo o ano de 2007 sem um cargo. Só ocupou um em novembro, após *rachar* com a *articulação* e se tornar um dos seguidores de outra *liderança* ligada ao então prefeito Godofredo Pinto, principal adversário de Leandro Carvalho dentro do partido.

Mesmo sabendo das restrições que o prefeito fizera a Leandro Carvalho em relação ao *espaço* que possuía na prefeitura<sup>69</sup> antes de sua eleição a deputado estadual, em parte relacionado à rivalidade entre ambos, Tônico considerava que pelos esforços feitos em benefício à *corrente* e à sua principal liderança, como a dedicação em duas de suas campanhas, deveria ter mais reconhecimento dentro dela. Receber um *cargo comissionado* seria uma das formas desse reconhecimento, a partir do qual teria também um papel mais ativo na interlocução da *corrente* com demais integrantes do movimento comunitário.

Foi no evento seguinte, a etapa municipal do Congresso Nacional do PT, que Tônico começou a manifestar publicamente para os demais integrantes da *corrente* e a Leandro Carvalho seu descontentamento. Antes de prosseguir é necessário explicar o funcionamento do Congresso. O III congresso nacional do PT foi regulamentado pelo diretório nacional do partido. Ele obrigatoriamente é antecedido por congressos estaduais, municipais e zonais<sup>70</sup>. Cada etapa é realizada em datas pré-estabelecidas e em todos os níveis havia uma pauta com três pontos de discussão: O Brasil que queremos; o socialismo petista; e PT: concepção de partido e funcionamento. Segundo o regulamento, a eleição de delegados para a etapa estadual e nacional aconteceria obrigatoriamente no segundo dia do Congresso, enquanto o primeiro dia seria dedicado à discussão dos pontos de pauta.

---

<sup>69</sup> Ou seja, a quantidade de cargos que o prefeito lhe concedera diminuiu

<sup>70</sup> Nas cidades com grande número de filiados e onde existam diretórios zonais organizados, que correspondem a parte do município.

A lista dos aptos a votar nos congressos municipais é elaborada a partir do cadastro nacional de filiados e, segundo o estatuto do congresso, deve “constar da relação de filiados informada à Justiça Eleitoral até outubro de 2006”. O credenciamento dos filiados seria realizado das 9h às 15h no primeiro dia, e as votações aconteceriam a partir das 14h do segundo dia. Para estar apto a votar e ser votado uma das exigências é o cumprimento das obrigações financeiras para com o partido. No caso de filiado há uma tabela de acordo com os rendimentos mensais e uma outra tabela, no caso de detentor de mandato eletivo ou cargo comissionado.

Para o congresso são inscritas teses que versam sobre os referidos pontos de pauta. Para uma tese ser aceita exige-se uma representatividade dentro do partido dos filiados que a assinam. Para esse congresso foram escritas 13 teses. Na etapa municipal a cada 40 credenciados, um delegado é eleito para a etapa estadual e a cada 400 credenciados, elege-se um delegado para a etapa nacional. Já na etapa estadual a cada 5 delegados, um será representante na etapa nacional. A função dos congressos estaduais era a de discutir projetos de resolução, referentes aos pontos de pauta, a serem votados no congresso nacional.

Durante esses eventos internos ao partido são valorizados os militantes que possuem uma *base eleitoral*, em uma lógica semelhante à proximidade de eleições gerais. No entanto, nas eleições internas há a necessidade de que os integrantes dessa *base* tenham uma característica a mais. Grande parte das filiações no partido se dão em dois períodos e relacionam-se justamente aos eventos internos. Para que filiados possam votar nas eleições internas do partido há a obrigatoriedade de que a filiação tenha se dado pelo menos um ano antes do evento correspondente. Durante os anos eleitorais a concentração dessas filiações acontece em setembro, já que o PED obrigatoriamente é realizado em anos não-eleitorais e geralmente acontece em outubro. Portanto, um ano e um mês antes do prazo estipulado. Nos anos não-eleitorais (pares) março é o mês privilegiado para filiações. As prévias partidárias que decidem sobre a eleição no ano em questão geralmente acontecem em abril. Nesse evento são eleitos delegados para discutir os posicionamentos do partido como se terá candidato ou fará alianças ou quem será o candidato.

Nesses dois períodos de filiação as *correntes*, representadas por suas principais *lideranças*, apresentam fichas com um grande número de filiações. Nesses momentos

geralmente não ocorre o pagamento de grande parte das inscrições, esse é feito durante as eleições internas e somente daqueles que comparecem à votação. Nestas situações o secretário de finanças do partido passa todo o período de votação acertando pendências quanto a dívidas dos filiados. Cláudio me explicou que se paga a taxa de R\$ 5,00 por ano, mas na maioria dos casos esses são feitos pela *corrente* ou pela pessoa responsável pelos filiados. Consultando a regulamentação do Congresso descobri que essa é a taxa referente àqueles que recebem menos de R\$ 1.050,00 mensais. Não vi muito controle para se descobrir o salário desses filiados mobilizados. Como grande parte é mobilizada por militantes do *movimento comunitário*, e são moradores de *comunidades*, na prática todos acabam por pagar a taxa mínima. Assim, o voto pode ser entendido de duas formas: primeiro, os votos dos integrantes das *correntes* em seus respectivos candidatos e, segundo, os votos conseguidos a partir da mobilização de filiados feita por estes integrantes. Tanto o processo de filiação, como o momento posterior de mobilização em certas ocasiões, como no caso das eleições internas do partido, são cruciais para se entender a forma como é medida a *força* entre as diferentes *correntes*.

A conversa ocorreu durante uma reunião organizada por uma ONG que busca capacitar lideranças no movimento comunitário. A reunião aconteceu em uma comunidade e na casa de um morador local que possui uma rádio comunitária. Durante a mesma o militante da ONG explicitou que um de seus objetivos era conseguir eleger uma liderança municipal da corrente. Esta liderança estava presente e já possuía o mandato de vereador, no entanto era sabido de que ele não se elegera por meio do ‘voto do povo’. Ele fora apenas o terceiro suplente e assumiu o mandato depois de articulações com o prefeito. Conversam então sobre possíveis novas filiações na comunidade. O anfitrião informou ao vereador de que há tempos atrás outra liderança já havia ido até a comunidade e fizeram algumas filiações, mas não voltaram mais para dialogar com estes novos filiados. Nesta situação achei interessante notar a forma como resolveram tal situação. O vereador não sabia quem havia feito as filiações e perguntou. Ao obter a resposta disse que não havia problemas quanto a outra *liderança* tê-las feito e que poderiam procurar essas pessoas para mobilizá-las quando necessário com o auxílio do anfitrião. Não sei quais foram os motivos do distanciamento posterior às filiações entre as duas partes, mas essa forma de fazer as filiações pode causar problemas futuros, como a dificuldade de obtenção de quorum em

algum evento interno ao partido, já que esse é calculado em cima do número total de filiados.

Durante o III Congresso esse foi justamente um dos motivos de grande tensão, havia dúvidas entre os militantes orgânicos do partido se o quorum de 15% dos filiados seria atingido. Não conseguir credenciar esse número, que no caso foi de 827 filiados<sup>71</sup>, significaria a não validação da eleição, o que resultaria em não ter representantes do PT municipal nas etapas estadual e nacional do Congresso, o que simbolicamente mostraria uma fraqueza do partido no município.

Existiram menos chapas no município do que *correntes*, isso se deu por conta de alianças constituídas. Contudo, olhar apenas para o município não é suficiente para entender as disputas no interior do Congresso. Nem todas as *correntes* propuseram uma tese e nem todas no município tem inserção nacional. As duas mais significativas são a *Articulação* e a *Democracia Socialista*. A *Articulação* é a maior corrente nacionalmente, é a que consegue o maior número de delegados, fato que se repetiu nesse Congresso. A *Democracia Socialista* (adiante *DS*), em uma disputa direta com a *Articulação*, tentou constituir uma ampla aliança com o intuito de conseguir a maioria do partido nacionalmente<sup>72</sup>. A tese lançada pela *Articulação* chamou-se “Construindo um Novo Brasil” e a da *DS* “Mensagem ao Partido”.

Como expus no final do capítulo I a *DS* é uma corrente pequena com pouca capacidade de mobilização de eleitores no município, filiados ou não, mas possui integrantes que se posicionam nos debates partidários. Oficialmente a *corrente* não faz parte da base de sustentação do prefeito Godofredo Pinto, não possui nenhum *cargo comissionado* na prefeitura. No entanto, em função do posicionamento contrário da *DS* à *Articulação* nacionalmente, e esta ser a principal *corrente* adversária de Godofredo Pinto, ele assinou a tese lançada pela *DS*. Ainda em referência às composições municipais para o Congresso, três lideranças de *correntes* diferentes se juntaram e assinaram a tese “Renovando Utopias”.

A etapa municipal do Congresso aconteceu em um dos campus da UFF. Cláudio não conhecia o local e eu o acompanhei para tomar um café. Tônico ligou para Cláudio

---

<sup>71</sup> O que corresponde a cerca de 5600 filiados.

<sup>72</sup> Ao fim do Congresso *DS* não conseguiu atingir a maioria do partido, mas foi a segunda tese mais votada com cerca de 20% dos delegados.

para saber onde ele estava, Tônico estava preocupado com as *fichas*, um dos documentos necessários para que os filiados votassem e que se encontravam com Cláudio. Tônico estava no estacionamento junto com mais dois integrantes da *articulação*: Breno e Ricardo. Este, esteve próximo a Leandro Carvalho em sua trajetória política. Trabalharam juntos como assessores no gabinete de uma deputada estadual em 1995 e 1996 e Ricardo ocupou cargos de chefia no gabinete do mandato de vereador de Leandro Carvalho. Além disso, foi presidente da UNES em 1992, o ano de maior mobilização do movimento estudantil na história recente. Breno também é diretamente ligado a Leandro Carvalho, mas sua incorporação ao grupo é mais recente. Cláudio neste dia comentou comigo sobre confusões e brigas internas entre as *correntes* (de forma genérica) e que não tinha paciência para ficar assistindo debates e palestras. Comentou ainda sobre a disputa acirrada e que pessoas que *leva(vam) mais a sério*, como Ricardo, estariam *boladas*, ou seja, muito preocupadas.

Encontramos com Breno, que estava cercado por algumas pessoas, talvez umas oito, a maioria eram mulheres de meia idade. Ricardo estava ao telefone perto deles e Tônico mais para trás. Breno pegou as fichas com Cláudio e começou a distribuir. Um dos primeiros fatores que me chamou a atenção foi o grau de proximidade de Ricardo e Tônico e Cláudio. Durante a campanha para deputado eles participaram das mesmas atividades, mas não ficavam nos mesmos grupinhos. Já durante esse evento, o caráter de pertencimento à *corrente* estava acentuado, justamente por conta da intensidade da disputa neste momento. Breno pegou as fichas e foi entregando para as pessoas que o cercava. Dava pra perceber uma tensão nos rostos de Ricardo e Breno. O primeiro demonstrava mais, enquanto o segundo continuou fazendo brincadeiras. Expôs seu estresse e disse querer “uma cerveja depois das 15:00”, momento que acabaria o credenciamento. O fato de estarem mais preocupados, no caso de Breno e Ricardo, é indicativo do maior comprometimento com a situação.

Em seguida Breno, comparou-se a Tônico, fazendo uma metáfora de si como usando uma viseira de burro, que olhava só em uma direção, tendo de baixar a voz (baixou a sua enquanto falava). Tônico, ao contrário, estaria em vários lugares, falava com várias pessoas. Por conta de seus contatos com cooperativas de transporte alternativo, foi o responsável por conseguir as vans que faziam o transporte dos filiados de seus locais de residência até o local de votação para todas as *correntes*, ao que falou a Breno que

consequira para todos de maneira indistinta. Essa metáfora da viseira de burro mostra o empenho de Breno para com Leandro Carvalho, obedecendo e não questionando a situação desconfortável de não ter um *cargo comissionado*, também vivida por Breno. Tónico respondeu que já fez isso outras vezes, não questionar, mas não o faria mais.

Ao estabelecer relação com uma liderança, sendo um de seus seguidores, há compromissos mútuos estabelecidos, que não precisam ser ditos. Durante o Congresso, e depois, Tónico explicitou de diferentes formas seu descontentamento. A liderança decide os rumos da *corrente* juntamente com seus seguidores, mas a opinião dela tem grande peso na escolha das diretrizes. O pertencimento à *corrente* não lhe propiciava ganhos significativos em sua atuação política. Considerava que já dedicara esforços suficientes a Leandro Carvalho e não obtivera as contrapartidas esperadas.

É relevante entender qual a importância de Tónico para a *corrente*. Em conversa com integrantes da *articulação* me informaram que ele possui muitos filiados, ou seja, pode mobilizá-los quando for necessário, como era o caso na eleição dos delegados. A *articulação* teve um bom desempenho nacional, porém, no município não obteve o mesmo sucesso, esperavam fazer um número maior de delegados. Parte desse mau desempenho foi atribuído a Tónico, que segundo um integrante da *corrente* teria feito *corpo mole*, ou seja, dedicou-se pouco para mobilizar os filiados que poderia acionar. Este mesmo integrante disse-me ainda que ele mobilizou oito pessoas, quando poderia mobilizar mais de cem. O segundo número, mais do que o primeiro, é uma estimativa difícil deles terem controle.

A grande preocupação naquele momento era com a mobilização dos filiados para o credenciamento. A hora do fechamento dos portões do prédio, 15:00 horas, foi o momento de grande tensão no Congresso. Como pude ver na discussão ríspida entre a liderança de uma *corrente* e um integrante da *articulação* membro da executiva estadual, alguém teria ficado fora e não votado. O presidente estava ao lado e imediatamente convocaram uma reunião da executiva, que aconteceu em um auditório que possui as cadeiras em plano inclinado. Os membros da executiva ficaram na parte de baixo e logo acima se formou uma platéia. A princípio não era permitida minha presença, mas como vi outras pessoas não pertencentes à executiva presenciei a discussão.

A discussão mais acirrada foi proveniente da tentativa de impedir que uma *corrente* adversária obtivesse mais votos. Isso não pôde ser admitido publicamente principalmente

pela necessidade de alcançar o quorum, atribuição coletiva. Onze pessoas falaram, destaco apenas algumas falas que me chamaram a atenção. A liderança que iniciara a discussão reclamava que havia uma quebra do regimento, enquanto um membro ligado ao prefeito afirmara que se exigia um bom senso e respeito aos militantes. Dois representantes de outras correntes fizeram a ressalva de não saber a qual *corrente* pertencia quem havia ficado do lado de fora<sup>73</sup>. Isso foi dito em um tom de se esquivar dessa possível acusação. Além disso, o primeiro acrescentou a irresponsabilidade de se exigir o fechamento do portão de forma tão incisiva, quando se tinham dúvidas se o quorum seria ou não atingido. Isso remeteria a uma falta de *companheirismo* ante aos demais membros do partido. Por fim permitiram a votação de lideranças do partido, que estavam desde cedo no campus e se “esqueceram” de votar<sup>74</sup>.

Pelo que foi definido na regulamentação do III Congresso, a discussão dos pontos de pauta deveria acontecer no primeiro dia. Mesmo após a realização do credenciamento havia poucas pessoas interessadas em participar do debate. O presidente do partido teve dificuldades em começar a discussão, até que a liderança de uma das *correntes* foi lhe auxiliar compondo a mesa. Nesse momento inicial três pessoas estavam na platéia de um grande auditório. Já a reunião da executiva mobilizou bem mais pessoas. Ao fim dessa reunião formaram-se grupinhos para discutir a quantidade de votos que cada um havia mobilizado. Os integrantes da articulação se reuniram e pude perceber um clima tenso, não me aproximei<sup>75</sup>.

Como o quorum e os delegados são calculados em função do credenciamento e não da votação, havia a expectativa de um acordo para que não fosse necessário mobilizar no

---

<sup>73</sup> Um membro da *articulação*, e da facção de Sandro, foi o responsável por secretariar a reunião, o que na prática significa anotar a ordem das falas e controlar o tempo. Quando um dos integrantes pediu o encerramento das inscrições ele lembrou que de todas as *correntes* uma não havia se manifestado e convidou um de seus integrantes a se manifestar.

<sup>74</sup> Esse foi um problema mais ou menos recorrente em diferentes congressos. Pessoas que se preocupam em mobilizar seus eleitores durante todo o dia e no *stress* da situação acabam de esquecer de votar. Alguns apontaram uma mesma solução para esse problema. Votar assim que começam as votações de modo a não precisar se preocupar com essa responsabilidade.

<sup>75</sup> O congresso como um todo foi um momento tenso para mim. Havia integrantes de *correntes* diferentes reunidos em um espaço físico delimitado, de forma que muitas vezes integrantes da mesma *corrente* tinham conversas ao pé do ouvido. Isso aconteceu até mesmo quando além de mim havia apenas mais duas pessoas (que conversaram ao pé do ouvido).

dia seguinte os filiados que apenas participam como votantes<sup>76</sup>. Um homem que eu não conhecia passou pelos grupos chamando para a participação na plenária e completou que o presidente do partido se encontrava *sozinho*. Não obteve muito sucesso. Felipe também chamou e completou que era para deixar apenas os *capas* do lado de fora, em referência àqueles reconhecidos como lideranças partidárias que negociavam o acordo. Cada *corrente* apontava quantos votantes conseguira mobilizar e sobre esse número calculavam o número de delegados que cada uma teria direito. Se alguém considerasse que havia uma discrepância procurariam nome a nome dos filiados contando e referindo cada um à *corrente* que o mobilizara, através de um de seus membros<sup>77</sup>.

No dia seguinte descobri que haveria a votação e o motivo foi atribuído a mesma liderança que iniciou a discussão sobre os portões que não desejou fazer o acordo. Há uma diferença entre o número de credenciados e o número de pessoas que efetivamente se consegue mobilizar para a votação, chamada de *quebra*. Quando a disputa está muito acirrada essa *quebra* tende a ser menor, mas considera-se que essa *quebra* costuma ser maior entre aqueles que atuam no movimento comunitário. Próximo ao término das votações e antes da apuração oficial, os integrantes da *articulação* se juntaram para contar quantos filiados cada um trouxe e qual foi o número de *quebras*<sup>78</sup>.

### **Explicitações de descontentamento**

Como é possível inferir da descrição do modo de funcionamento do congresso percebe-se o peso dado àqueles que conseguem mobilizar determinado número de filiados, principalmente em uma situação quando as diferentes *correntes* medem sua *força* e essa é

---

<sup>76</sup> Isso já dava indicações de que a participação nos debates por parte dos filiados não era considerada primordial, o que comprovei no segundo dia com a dificuldade do presidente do partido em cumprir as exigências mínimas estabelecidas para o Congresso quanto à discussão dos pontos de pauta.

<sup>77</sup> Presenciei uma conversa entre dois membros da *DS* dizendo que a *Articulação* afirmara ter determinada quantidade de votos e que acreditava naquele número. Comentou ainda sobre a inconveniência e desconfiança mútua explicitada se tivessem de contar os votos um a um.

<sup>78</sup> Uma prática que ouvi relatos tanto durante o congresso como durante o PED foi da realização de churrascos durante o dia de votação. No primeiro caso ouvi de um militante do *movimento estudantil* em conversa com outro militante e em tom de recriminação e esse tipo de prática. No segundo momento ouvi do vice-presidente de uma associação de moradores falando a uma militante do *movimento estudantil* que estava realizando um churrasco em sua comunidade para os filiados que participaram do processo eleitoral e sua justificativa foi o fato de que as pessoas viriam votar por conta deles, se referindo aos integrantes do partido como um todo, e que precisavam retribuir esse ato. Sua frase foi dita pedindo a aprovação da *militante* que respondeu negativamente de forma reticente. Ela já havia me dito ser contra essa prática em outro momento.

aferida a partir do número de delegados que se consegue eleger. O Congresso é uma situação especial em que o partido é mobilizado nacionalmente, motivo pelo qual as *correntes* do partido se tornaram mais evidentes.

A apuração aconteceu no mesmo dia e já em frente à sede do partido ouvi as primeiras avaliações sobre o resultado. Quando ela terminou ouvi uma conversa entre Felipe, um outro integrante da *corrente*, e Sandro sobre os resultados. Os dois compararam as diferentes chapas, mas não discutiram muito, isso seria feito em uma próxima reunião da *corrente* com o objetivo explícito de discutir esse assunto. No caso da “Mensagem ao Partido” e “Renovando Utopias” o resultado mede os votos que a aliança conseguiu, já que cada uma das chapas engloba mais de uma facção municipal. A seguir exponho a votação final como uma forma de expor a *força* de cada uma das chapas que disputaram o Congresso:

**Chapas ao Congresso Estadual<sup>79</sup>:**

<b>Chapa</b>	<b>Votos</b>	<b>Delegados</b>
Construindo um Novo Brasil	<b>174</b>	<b>5</b>
Sem Medo de Ser Feliz	<b>35</b>	<b>1</b>
Mensagem ao Partido	<b>353</b>	<b>10</b>
Socialismo é Luta	<b>58</b>	<b>1</b>
Renovando Nossas Utopias	<b>107</b>	<b>3</b>
Branco e Nulos	<b>11</b>	

**Fonte: site municipal PT**

---

<sup>79</sup> Lembrando que a proporção era de um delegado eleito a cada 40 votos

### Candidatos a Delegado Nacional<sup>80</sup>:

Facção do candidato	votos
Articulação	245
Prefeito	111
Prefeito <sup>81</sup>	288
PT Socialista	60
Branco e Nulos	28

A partir desses dados, é possível perceber que as alianças distinguem-se no mesmo Congresso. Se “Renovando Utopias” e “Construindo um Novo Brasil” disputaram quanto aos delegados para a etapa estadual, parte da primeira apoiou o candidato da *Articulação*. Durante meu trabalho de campo, nas diferentes disputas intrapartidárias e também fora do partido, pude presenciar diferentes alianças entre as *correntes*. As lideranças que nessa disputa compunham a chapa “Renovando Utopias” na história recente do partido se aliaram a Leandro Carvalho, como no caso da eleição de 2006. Além desse Congresso, também foram adversários nas prévias que em 2008 decidiram quem seria o candidato do partido para as eleições municipais. Na ocasião disputaram Leandro Carvalho e um vereador indicado pelo prefeito<sup>82</sup>.

Sandro demonstrou insatisfações em relação ao resultado mesmo que um dos integrantes de sua facção tenha sido eleito um dos delegados nacionais. Disse que poderiam *avançar mais*, mas isso não era possível por conta de disputas no interior da *corrente* e completou: *o pior inimigo é interno*, frase que outra integrante de sua facção repetiu um pouco depois. Seria necessário uma discussão *olhando olho no olho, sendo sincero*.

Essa era uma referência direta a Tônico e alguns outros provenientes do movimento comunitário. Prosseguiram na discussão sobre as *quebras*, em que outros integrantes, como por exemplo, Felipe, não teve entre os seus filiados. A justificativa é de que eram familiares, enquanto Tônico e outro integrante tiveram *quebras*, e não explicitaram na reunião com os demais integrantes. Havia, portanto, a expectativa de um melhor

---

<sup>80</sup> Lembrando que a proporção era de um delegado eleito a cada 400 votos. Na coluna “facção do candidato” originalmente estavam os nomes dos referidos candidatos. No caso, a referência municipal era mais importante do que a Nacional, pelo menos foi assim que recebi as informações quanto ao pertencimento de cada um.

<sup>81</sup> A facção do prefeito lançou dois candidatos.

<sup>82</sup> Havia um terceiro candidato, mas ele retirou sua candidatura em favor de Leandro Carvalho.

desempenho. Não posso dizer quantas foram as *quebras* de cada um, mas a partir do resultado final da votação com o credenciamento foi possível constatar que a *quebra* total foi de mais de cem votos.

Heredia (2006) discute as disputas no interior de uma facção. Seu trabalho está remetido a um processo eleitoral e um pouco à convenção partidária que dá início formal à campanha eleitoral para determinado partido, mas aponta que fora de períodos eleitorais a principal disputa dentro de um partido é no interior das facções. As principais disputas desse tipo acontecem entre aqueles que se consideram “iguais”, ou seja, os que possuem um perfil semelhante quanto às *bases eleitorais* em que se apóiam. A autora também reconhece que “o poder dentro da facção tem repercussões sobre o prestígio fora da mesma, aumentando a possibilidade que tem o candidato a construir alianças, inclusive externas à própria facção” (id. 173) e essa é uma das dimensões em que a disputa entre Tônico e Sandro acontece. Tônico também tenta construir uma facção em torno de si, mas não obtém o mesmo êxito que Sandro, e reivindica ser o interlocutor da *corrente* com o *movimento comunitário*, posição que Sandro já ocupara durante o segundo mandato de Leandro Carvalho e no momento em que Tônico entrava na *corrente*. Esta disputa entre os integrantes de uma mesma *corrente* tem especificidades por não ser pública e não existirem muitas regras para regulá-la.

“Afinal, não faz parte falar mal dos amigos e correligionários, e essa é mais uma razão para tais acusações e críticas não pudessem ser respondidas publicamente, ainda quando aqueles que as sofrem saibam de onde provêm. Torna-las públicas seria introduzir o conflito público no interior da facção”. (id. 171)

Uma semana após o Congresso ouvi do próprio Tônico sua insatisfação ao falar com um companheiro da *corrente*, ambos acompanhavam o processo eleitoral de uma associação de moradores representando a Famnit. Ele conversou com André, que é uma *liderança* de uma *comunidade* e também teve militância no movimento estudantil. Eu estava com André e, enquanto Tônico se aproximava, ele comentava comigo que estavam próximos a um *racha* na *corrente* provocado por Tônico, pois este se sentia *desprestigiado* dentro da mesma, principalmente pelo tempo que está dentro dela (cerca de cinco anos). Perguntei como ele achava que Tônico poderia ser valorizado dentro da *corrente* e me

respondeu que se deixassem ele responder pelo *movimento comunitário* seria uma valorização, nesse momento que cada um respondia por si.

Tonico ao conversar com André sobre o *racha* em andamento disse a ele que comunicaria sua saída da *corrente* por conta de sua mulher. Ele comentara um pouco antes que ela estava grávida de seu segundo filho e que ela se chateia por ele passar pouco tempo em casa. Deu o exemplo do dia anterior, um sábado, que ele estava em um evento organizado pela prefeitura e que lhe tomou a maior parte do dia. Apesar de ser factível imaginar o descontentamento de sua mulher, Tonico explicitou logo em seguida que ao dar essa desculpa esperava que ligassem para ele pedindo que continuasse. ‘Eu tenho que dar um tiro’, disse. André comentou: ‘Você sabe que não vão ligar’. E Tonico completou dizendo que se acontecesse assim seria um atestado de sua não importância para o grupo.

### **O prefeito e a lógica de distribuição dos cargos comissionados**

Antes de prosseguir com o *racha* menciono rapidamente o modo como o prefeito utiliza os *cargos comissionados* para construir alianças e conseguir seguidores, uma vez que foi basicamente dessa forma que Tonico foi atraído para a área de influência do prefeito. Como foi possível perceber na contagem dos votos, o prefeito e lideranças partidárias ligadas a ele conseguiram o maior número de delegados, bem como um delegado para a etapa Nacional do Congresso. Como venho apontando, os *cargos* possuem uma centralidade na vida política daqueles que integram o partido. A quantidade de *cargos* que cada *liderança* possui a sua disposição é um medidor do poder da mesma dentro do partido e a forma de divisão dos cargos pode gerar tensão dentro do partido, das *correntes* e das facções.

A princípio todos os cargos ligados à prefeitura pertencem ao prefeito<sup>83</sup>. A concessão de secretarias e subsecretarias, e conseqüentemente os cargos que cada uma delas dispõe e a possibilidade do desenvolvimento de determinada política pública, se relaciona à construção de alianças. Como o partido possui uma série de divisões internas, primeiro se constrói essa aliança dentro do próprio partido. Em 1998, Leandro Carvalho era vereador e em aliança com o prefeito anterior (PDT) assumiu a secretaria de Assistência

---

<sup>83</sup> Além dos cargos provenientes do executivo, há uma série de outros do legislativo.

Social. Na época era necessário que os membros do diretório municipal aprovassem, por meio de votação, a participação de petistas em *cargos comissionados* de primeiro e segundo escalões.

Hoje essa não é uma prática vigente, de forma que o prefeito possui grande autonomia em relação ao partido na utilização da indicação de secretarias e subsecretarias como forma de construção de aliados. E mesmo depois de conceder o uso de determinada secretaria ou subsecretaria a uma *corrente* ou facção do partido, as nomeações, em última instância, são feitas por ele. Como um petista me disse certa vez, ele tem a *caneta*, ou seja, os *cargos comissionados* são concedidos através de nomeação no diário oficial, é o prefeito quem assina concedendo ou retirando o cargo.

Apesar disso, um dos princípios desse tipo de acordo é a autonomia que as lideranças das *correntes* e facções do partido possuem na gestão do *espaço* que lhe foi concedido. Em troca exige apoio nas medidas tomadas como prefeito. Ouvi um caso em que a liderança de uma *corrente* teve seus *cargos comissionados* retirados pelo prefeito, exonerados, pelo fato de um de seus integrantes ter criticado severamente atitudes do prefeito. O esforço da liderança foi de desvincular os comentários do integrante em relação ao restante da *corrente*, no que foi bem sucedida, mas até que conseguisse recuperar parte dos cargos que perdera foi um processo que durou alguns meses.

Na condição de prefeito, Godofredo Pinto usou de sua *influência* para que integrantes de sua facção ocupassem posições privilegiadas dentro do partido como a presidência. Durante meu trabalho de campo o presidente do partido era um vereador ligado ao prefeito. Ele o apoiou em sua campanha e depois o indicou a secretário de cultura do município. No PED o prefeito se esforçou na eleição de outro integrante do partido ligado a si, uma liderança do movimento comunitário e presidente da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (FAMERJ).

Quanto ao relacionamento com vereadores, Godofredo manteve uma *estrutura* criada pelo prefeito anterior, em um mandato durante a década de 90. Alguns bairros possuem uma administração regional. Pude acompanhar um pouco a do Horto no período em que frequentei o bairro. A desse bairro se localiza em um mini parque e ela se responsabilizava pela organização de alguns eventos cotidianos, como aulas de dança e de instrumentos musicais como violão, e outros com uma periodicidade maior, como uma

feira junina. É um espaço de lazer no bairro muito freqüentado durante o fim de semana. Há uma quadra de futebol de salão e um parquinho para crianças.

Além disso, uma das funcionalidades originais do local é o encaminhamento de demandas do bairro e é um espaço reconhecido como de uso do vereador do bairro. Isso quer dizer que ele tem direito à indicação dos cargos disponibilizados e controle sobre os pedidos encaminhados à prefeitura, podendo, p. ex., atrasar pedidos feitos por pessoas que não sejam seus aliados, o que na prática faz com que esses procurem outros caminhos para conduzir suas demandas. Pude perceber outro exemplo de uso do espaço quando acompanhei Felipe panfletar em frente à administração regional. Ele comentou que ficava em frente ao portão, entrar significaria uma afronta e lembrou de conflitos em eleições anteriores, quando discutiu com funcionários do local que questionaram sua permanência ali.

## **O racha**

No início de outubro, pouco mais de um mês após o Congresso e dois meses antes do PED, me encontrei, à noite, casualmente com Felipe na praça em frente à UFF. Ele conversava ao telefone com alguém que depois descobri ser quem negociava com Tônico sua permanência na *corrente*. Considerou que dificilmente ele continuaria na *corrente*. Aquele era um momento delicado para a *articulação*. O desempenho no Congresso não fora como o esperado e a expectativa era de que o PED teria uma disputa acirrada, momento em que precisariam de todos os votos que pudessem mobilizar, inclusive os de Tônico. De fato, nesse momento Tônico teve um poder maior de barganha. A *corrente* tivera um resultado que considerara ruim há pouco e se Tônico rachasse provavelmente migraria para a facção do atual prefeito, o principal adversário de Leandro Carvalho. Isso significa que além de perder os votos que Tônico mobilizaria seu adversário somaria esses votos.

Nesse mesmo dia pela manhã acompanhei Tônico em uma visita a uma comunidade para implantação de seu projeto de reciclagem. A mesma pessoa que ligou para ele à noite, também ligou quando eu estava presente e oferecia a ele um cargo na Alerj. Em conversa com Felipe ele me disse que por conta da pouca qualificação formal de Tônico era difícil encaixá-lo em um cargo, teria de ser um *liberado* que como já disse é

uma função inferior hierarquicamente em relação inclusive quanto à remuneração. Tónico já tomara sua decisão. Mesmo se aceitasse o cargo voltaria fragilizado à *corrente* por ter gerado uma instabilidade e poder repetir isso mais adiante. Um integrante da *corrente* ao conversar comigo sobre a saída de Tónico depois de concretizada, acusou-o de ser *mercadoria*, que sua saída foi simplesmente por não ter um cargo e que tentaram resolver esse problema oferecendo-o um. Quando o *racha* se encontrava ainda em processo uma das soluções alegadas por André foi justamente atribuir a Tónico uma função considerada como política, a interlocução com o movimento comunitário. Ouvi Felipe argumentar com quem negociava a permanência de Tónico na *corrente* que seria difícil conseguirem reverter a situação (Tónico não sair), pois ele não era contemplado nem *economicamente*, nem *politicamente*. Depois de concluída, há a ênfase no caráter econômico. Militar na política objetivando apenas retornos financeiros é uma prática condenada pelos petistas e uma estratégia de desqualificação do adversário.

De fato, a proposta que Tónico recebeu era de um cargo com um salário maior do que a contraproposta da *articulação*. Porém, no dia em que acompanhei Tónico à visita a uma *comunidade* objetivando a implementação de seu projeto e o ouvi falando a Cláudio sua aspiração para o ano de 2008: *Ser o homem do prefeito nas comunidades*, ou seja, Tónico desejava ser a pessoa responsável para entrar em contato com as comunidades em nome do prefeito. Aspirava ser o principal nome do prefeito no *movimento comunitário* municipal<sup>84</sup>. Justamente a posição que tentara sem sucesso na *Articulação*. Tónico ingressava na facção do prefeito a partir de uma liderança que ele já mantinha contatos previamente, José Neto, o presidente da Clin.

Ocupar essa posição seria um passo para conseguir uma inserção maior dentro do partido e ter inserções não apenas fora do partido é importante para alguém que tem aspirações como a de ser candidato. Após o PED, quando tomei conhecimento de quem eram os integrantes da nova executiva municipal e entre eles o nome de Tónico estava incluído, esse seu movimento de inserção no interior do partido se tornou bem evidente. No caso da executiva, por ser uma instância intrapartidária, isso é explícito. No caso da posição em relação às comunidades ela também se insere nessa direção por funcionar como um

---

<sup>84</sup> Nesse sentido, pode-se supor que conseguir ser presidente da FAMNIT seria uma consequência no médio prazo.

porta-voz de uma coletividade frente a um espaço proveniente da sociedade (o chamado *movimento comunitário*) reconhecido por integrantes do partido.

É possível perceber que junto com o cargo existem outras questões que vêm acopladas além do aspecto econômico. Para aqueles que possuem ou tentam construir uma *base eleitoral* o cargo pode servir para aumentar essa *base* em uma nova direção (como no caso de Sandro), pode estar diretamente ligado à sua *base* de atuação (como no caso de Cláudio), mas também pode dar subsídios econômicos deixando determinada pessoa *liberada* para militar em determinado local, grupo, *movimento*. A não concessão de um *cargo* não foi acompanhada por reconhecimentos de outra ordem.

Tonico seguiu etapas até sair definitivamente da *corrente*, sua relação com Leandro Carvalho era proveniente de 2003 e nesse período de quatro anos construíra vínculos e participara de duas de suas campanhas. Entretanto, considerava que a retribuição de Leandro Carvalho era muito aquém dos esforços que fizera em seu benefício. Como Bourdieu (1996b) enfatiza, a partir de desdobramentos do trabalho de Mauss (1974), O tempo entre a dádiva e a contra-dádiva é significativo, é esse intervalo que possibilita incertezas quanto à retribuição. Aos olhos de Tonico esse tempo se encerrara. Além da não retribuição em bens tangíveis, o *cargo comissionado*, também não os obteve em bens intangíveis. Tonico desejava a posição de interlocutor da *corrente* junto ao movimento comunitário, o que também não lhe foi concedido.

Depois de um período que considerou demasiado longo sem o recebimento tanto de bens tangíveis como intangíveis, uma posição de maior destaque dentro da *corrente*, expôs seu descontentamento perante os demais integrantes. Isso foi feito ao mobilizar para o Congresso um número muito aquém de filiados em relação ao que poderia. Não sei as implicações internas à *corrente* e se a conversa que Sandro anunciara como necessária, *olhando-se olho no olho*, de fato aconteceu. Sei que Tonico não considerou suficiente a exposição de sua insatisfação e uma semana após o congresso avaliou, em conversa com outro integrante da *corrente*, que precisava dar um passo adiante. Se ao anunciar seu desejo de *rachar* não obtivesse uma contraproposta definitivamente consideraria que suas aspirações não seriam alcançadas na *corrente*. Não continuei acompanhando as implicações, mas o fato é que cerca de um mês depois ele pertencia a outra facção dentro do partido.

Entre as principais motivações de um *racha* está o descontentamento daquele que *racha* com a forma com que a liderança gere a *corrente*. Apesar de somente ele ter saído da *articulação* nesse momento, não posso dizer esse *racha* foi um processo individual. Primeiramente, sua saída da *articulação* envolveu os outros integrantes da *articulação*. Tónico considerava que não valia a pena *militar* na *corrente* por não ter o retorno que julgava à altura dos seus esforços nos anos de pertencimento à mesma. Ele via poucas chances e ascensão. Justamente por isso suas insatisfações se transformaram em uma troca de acusações com Sandro, que se autonomiza em relação a Leandro Carvalho. Além disso, Sandro tem alguns *cargos comissionados* à sua disposição, a partir do *cargo* que ocupa na prefeitura, e ainda mantém contato com um deputado federal que concedeu pelo menos um *cargo comissionado* em seu gabinete a uma das pessoas mais próximas a si. Em segundo lugar, Tónico só saiu definitivamente da *corrente* quando estava certo para onde poderia ir. Como não tem força suficiente para formar uma nova *corrente*, suas opções são escolher ou aceitar a oferta de uma *liderança* para se subordinar, opções que obviamente não são excludentes. Ter para onde migrar é um sinal das divisões de poder entre as diferentes *correntes* do PT da cidade e por conta disso ele teve para onde ir.

## Considerações

Apesar de não ser a única forma de organização das coletividades dentro do partido, as *correntes* são unidades de pertencimento importantes dentro do PT. Estão inseridas em uma diretriz nacional, mas dentro de cada município e estado apresentam peculiaridades. É a dinâmica das relações entre facções e *correntes*, entre alianças e competições, que configuram os pertencimentos dos diferentes integrantes em cada uma dessas unidades. Dentro de uma *corrente* há uma divisão do trabalho político inserida dentro de uma lógica de líder e seguidores, mas essa não pode ser compreendida levando-se em conta apenas a principal liderança, a forma como os seguidores se agrupam dentro da corrente é significativo.

Felipe, Sandro e Cláudio e Tônico entraram no partido em diferentes momentos e a relações deles com o *movimento estudantil* e *comunitário* foi uma importante variável para entender a constituições de suas relações dentro da *corrente* e do partido. Esse segundo pertencimento possibilita interações que perpassam as próprias *correntes*. No caso de Felipe a aproximação, mesmo que em momentos informais, de integrantes do movimento estudantil, possibilitada, inclusive, por freqüentarem os mesmos lugares. No caso de Cláudio e Tônico as interações possibilitadas pelos inúmeros encontros que a Famnit possibilita. Tanto no congresso, um evento menos freqüente, nas inúmeras eleições em diferentes comunidades, ou mesmo nas reuniões mensais da entidade. Ao contrário do *movimento estudantil*, que possui um período mais ou menos delimitado de atuação e uma renovação mais acentuada. O fato de Sandro conseguir dialogar com os dois movimentos, por conta de seus dois pertencimentos, facilitou que tivesse em torno de si integrantes com trajetória nos dois e lhe deu uma posição de pleitear a sucessão a Leandro Carvalho com mais vigor que Tônico, que foi obrigado a sair da *corrente*.

Além disso, as atuações no *movimento comunitário*, relacionada ao presente, e as atuações passadas e experiências adquiridas no *movimento estudantil*, implicam na forma como cada um se insere no partido. Felipe atuou ao lado de Leandro Carvalho durante grande parte de sua militância e nesse período assumiu funções de responsabilidade como o cumprimento de tarefas e mesmo a administração de *cargos comissionados*, o que também é um reconhecimento de sua dedicação à Leandro Carvalho. Embora há menos tempo que

Felipe, Sandro também assumiu uma série de responsabilidades, como a organização dos materiais de campanha em diferentes eleições que Leandro Carvalho disputou, além de organizar em torno de sua candidatura a vereador alguns integrantes da *Articulação*. Cláudio e Tônico entraram mais recentemente e o segundo acreditava que a partir de sua dedicação á liderança da *corrente* merecia mais do que recebera até então, o que explicitou conflitos e diferenças dentro da própria *corrente*.

Foi significativo o momento de surgimento do conflito, que evidencia um calendário de disputas. Em diferentes momentos o objeto de querela se modifica. Na eleição em que Leandro Carvalho se candidatou a deputado estadual foi capaz de manter seu grupo manteve mais unido, bem como uma parte significativa do restante do partido. A disputa no momento era principalmente contra outros partidos. A situação se modificou no ano de 2007, quando seus próprios seguidores disputaram entre si melhores posições dentro do próprio partido e a situação não pôde ser contornada sem a divisão da *corrente*.

Os *cargos comissionados* e a forma como sua distribuição é gerida pela liderança de cada *corrente* é objeto de conflitos entre seguidores e lideranças, bem como das lideranças de cada corrente para com o prefeito, que em última instância detém todos os cargos do executivo. Além de garantir sustento material os cargos são a forma pela qual os petistas, por um lado, vêm sua dedicação à sua liderança reconhecida e, por outro, podem ter uma atuação política mais qualificada. No caso daqueles que cumprem tarefas burocráticas mais internas à estrutura da administração, adquirem prática na gestão das mesmas e como há um reconhecimento de que esses saberes são obtidos apenas dessa maneira, há uma valorização perante o partido. No caso daqueles que exercem tarefas onde o contato com a população é mais valorizado, além de ganhar *experiência*, nos mesmos termos do caso anterior, também procuram ou construir uma *base eleitoral*, ou somar a uma previamente constituída. Capital fundamental para aqueles que desejam se candidatar a qualquer cargo eletivo. É na forma como cada militante administra o capital que possui, valorizando-o quando necessário e fazendo-se reconhecer ou sendo reconhecido por uma das lideranças do partido, que ocorrem as ascensões no interior do mesmo.

Além disso, o trabalho também mostra que os integrantes do partido atuam dentro de um calendário cíclico, que engloba os “anos ímpares” e os “pares” ou, melhor dizendo, os “anos eleitorais” e os “não eleitorais”. Como vários integrantes do partido também

integram outros movimentos sociais, como o *movimento comunitário*, o calendário desses também integra esse ciclo.

## Referências bibliográficas

- BAILEY, Frederik G. 1972. "Gifts and Poison". In: Bailey, F.G. (ed.) *Gifts and Poison. The Politics of Reputation*. Oxford: Basil Blackwell.
- BARREIRA, Irllys. 1998. *Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BEZERRA, Marcos O. 1999. *Em nome das "bases": política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Núcleo de Antropologia da Política.
- BOFF, Clodovis. 1978. *Teologia e Prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes.
- BOISSEVAIN. 1977. "Factions, parties and Politics in a Maltese Village"; *Friends, followers, and factions. A reader in political clientelism*. Berkeley, University of California Press.
- BOIVIN, M., Rosato, A e Balbi, F. 1998. "Quando o inimigo te abraça com entusiasmo": etnografia de uma traição". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 4, n° 2.
- BOURDIEU, Pierre. 1996b. "Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol 2, n°2.
- \_\_\_\_\_. 1998 "A ilusão biográfica". In: Ferreira, M e Amado, J. (org) *Usos e abusos da história oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV,.
- BORGES, Antonádia. 2005. "Emprego na Política e suas implicações teóricas para uma antropologia da política". *Anuário Antropológico*, 2005.
- CORADINI, Odaci. *Em nome de quem?: recursos sociais no recrutamento de elites políticas*. Rio de Janeiro. Relume Dumará/Núcleo de Antropologia da Política, 2001.
- ELIAS, Norbert. "A sociedade dos indivíduos". In: *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994. pp 11-59
- \_\_\_\_\_. *Mozart. Sociologia de um Gênio*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1995.

- FRIGO, Simone. 2008. “A luta é a nossa escola”: educação e formação política no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Curitiba, dissertação de mestrado.
- GADOTTI, Moacir & Pereira, Otaviano. *Pra que PT: origem e consolidação do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, Cortez, 1989.
- HEREDIA, Beatriz M. A 2006. “Lutas entre iguais: as disputas no interior de uma facção política”. In: Palmeira, M. e Barreira, C. *Política no Brasil. Visões de antropólogos*. RJ: NUAP/Relume-Dumará.
- KUSCHNIR, Karina. 2000 *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- LAHIRE, Bernard. 2004. *Retratos Sociológicos. Disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- LEVI, Giovanni. 1998. “Usos da biografia”. In: Ferreira, M e Amado, J. (org) *Usos e abusos da história oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV.
- MAUSS, Marcel. 1974. “Ensaio sobre a dádiva”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU,
- MENEGUELLO, Rachel. 1989. *PT: A Formação de um Partido, 1979-1982*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- NICHOLAS. 1977. “Factions: A Comparative Analysis”; *Friends, followers, and factions. A reader in political clientelism*. Berkeley, University of California Press.
- PALMEIRA, Moacir. 1996. “Política, facções e voto”. In: *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- \_\_\_\_\_. 1995. “Os comícios e a política de facções”. *Anuário Antropológico/94*.
- PUDAL, Bernard. 2003. “La vocation communiste et ses récits”. In: Lagroye, J. (ed). *La politisation*. Paris: Belin.
- SADER, Emir. 1986. *E agora PT? Caráter e identidade*. São Paulo. Brasiliense.
- TEIXEIRA, Faustino. 2006. Teologia da Libertação: eixos e desafios. In: *Teologia da Libertação e Educação Popular a caminho*. Centro de estudos bíblicos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.